

UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO “PROFESSOR JOSE DE SOUZA HERDY”

UNIGRANRIO

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGA

Curso de Mestrado em Administração

Mancildo Moreira Filho

**Estudo do aglomerado produtivo de empresas de turismo de Santa Teresa e
seus impactos sobre o desenvolvimento local**

Rio de Janeiro

2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Mancildo Moreira Filho

**Estudo do aglomerado produtivo de empresas de turismo de Santa Teresa e
seus impactos sobre o desenvolvimento local**

Dissertação apresentada à
Universidade do Grande Rio
Professor José de Souza Herdy,
como parte dos requisitos parciais
para obtenção do grau de mestre em
Administração.

Área de Concentração:
Gestão Organizacional

Orientadora: Rejane Prevot Nascimento

Rio de Janeiro

2009

M838e Moreira Filho, Mancildo.
Estudo do aglomerado produtivo de empresas de turismo de Santa Teresa e seus impactos sobre o desenvolvimento local / Mancildo Moreira Filho. - 2009.
183 f. : il. ; 30 cm.

Monografia (mestrado em Administração) – Universidade do Grande Rio Professor “José de Souza Herdy”, Escola de Ciências Sociais Aplicadas, 2009.

“Orientador: Prof.^a Rejane Prevot Nascimento”.

Bibliografia: 160-168

1. Administração. 2. Desenvolvimento sustentável. 3. Turismo.
I. Nascimento, Rejane Prevot. II. Universidade do Grande Rio “Prof. José de Souza Herdy”. III. Título.

CDD – 658

Mancildo Moreira Filho

**Estudo do Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo de
Santa Teresa e Seus Impactos sobre o Desenvolvimento Local**

Dissertação apresentada à
Universidade do Grande Rio "Prof.
José de Souza Herdy", como parte dos
requisitos parciais para obtenção do
grau de Mestre em Administração.

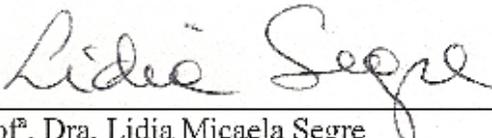
Área de Concentração:
Gestão Organizacional.

Aprovado em 30 de Março de 2009.

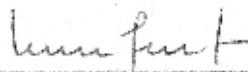
Banca Examinadora



Prof.^a. Dra. Rejane Prevot Nascimento
Universidade do Grande Rio



Prof.^a. Dra. Lidia Micaela Segre
Universidade do Grande Rio



Prof. Marcelo Milano Falcão Vicira, PHD.
Fundação Getúlio Vargas

Rio de Janeiro

2009

Dedico este trabalho à minha família
como compensação das horas que a
privei da minha convivência:

Aos meus pais

Mancildo (*in memorian*) e Dalila

Que me deram a vida e me ensinaram
a vivê-la com dignidade e que muitas
vezes renunciaram aos seus sonhos
para que pudesse realizar os meus.

A Lana, André e Luisa

Pessoas queridas que enchem de
significado minha vida.

AGRADECIMENTOS

A DEUS pela oportunidade de realizar um trabalho dessa natureza, pelo qual sem Ele isso seria impossível.

A professora Rejane Prevot Nascimento, minha orientadora, meus sinceros agradecimentos por toda paciência e incentivo durante todo o tempo. Sua competência e dedicação me impelia gentilmente a recomeçar, quando eu pensava já estar no fim.

A Professora Lidia Micaela Segre pelo conhecimento e pelas idéias fornecidas, além de me dar o prazer de compartilhar de seu saber. Por toda sua seriedade e competência, sua postura constituiu-se um grande exemplo. Foi um privilégio trabalhar com vocês!

Aos participantes da pesquisa, pela oportunidade de nos oferecer toda ajuda necessária para o desenvolvimento deste trabalho.

A todos os colegas da turma de Mestrado, minha gratidão, pelo aprendizado, pela diversão, pela convivência e pela amizade pois esta pesquisa é também fruto das nossas trocas e por isso, também é obra de todos nós.

Aos professores, pessoal administrativo e auxiliares do curso de Mestrado da UNIGRANRIO.

E a todas as pessoas, que embora não citadas nominalmente, contribuíram indiretamente para elaboração do trabalho.

“O desenvolvimento local ou é desenvolvimento social ou não é desenvolvimento”

Fischer

RESUMO

O presente estudo objetivou investigar os impactos que o Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo do bairro de Santa Teresa produz sobre o desenvolvimento local e os benefícios gerados (melhoria de qualidade de vida, renda e exclusão social), na percepção dos atores do bairro (moradores, empresários, representantes da comunidade local). O Pólo de turismo está concentrado no bairro de Santa Teresa, no Rio de Janeiro, reconhecido por ser estar localizado em uma região que guarda suas características históricas e culturais, tradicionalmente associada as artes, por tratar-se de um bairro no qual residem músicos e artistas em geral. Estas características, associada aos numerosos bares e restaurantes, além dos eventos artísticos promovidos na localidade, tornaram-se fatores de atração turística e dos moradores de outros bairros da cidade em busca de um tipo particular de lazer, ligado à apreciação cultural. Também em função de suas particularidades, o bairro de Santa Teresa representa um conjunto de contradições ligadas às dimensões local x global, desenvolvimento x deterioração de suas tradições, que podem ser traduzidos pelo recorrente conflito entre o “novo” e o “velho”. Os temas abordados neste trabalho estão relacionados ao desenvolvimento local integrado e sustentável, os aglomerados produtivos de empresas e o turismo. Trata-se de uma abordagem de natureza qualitativa que compreendeu um estudo de caso, com base em uma pesquisa bibliográfica e complementada por uma pesquisa de campo. Concluiu-se que na percepção dos vários segmentos da população está ocorrendo desenvolvimento do local.

Palavras-chave: Aglomerado produtivo de empresas. Desenvolvimento Local. Sustentabilidade. Turismo.

ABSTRACT

Present study aimed to investigate the impacts that the Productive Cluster of Companies of Tourism of Santa Teresa produces on the local development and the generated benefits (improvement on quality of life, income and social exclusion), in the perception of the actors of the region (inhabitants, shop owners, representatives of the local community). The polar region of tourism is concentrated in the region of Saint Teresa, in Rio De Janeiro, recognized for being located in a region that keeps its historical and cultural characteristics, traditionally associated to the arts, for being about a region in which musicians and artists inhabit in general. These characteristics, associated to the numerous bars and restaurants, beyond the promoted artistic events in the locality, have become factors of tourist attraction and the inhabitants of other districts of the city in search of a particular type of leisure, on to cultural appreciation. Also due to its particularities, the region of Saint Teresa represents a set of contradictions to global dimensions local vs global, development x deterioration of its traditions, that can be translated by the recurrent conflict between “new” and “old” . The boarded subjects in this work are related to the integrated and sustainable local development, the productive clusters of companies and tourism. One is about a boarding of qualitative nature that contained a case study, on the basis of a bibliographical research and complemented by a field research. It was concluded that in the perception of some segments of the population development of the place is occurring, in sustainable terms.

Key word: Productive cluster of companies. Local development. Sustainability. Tourism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 : Anéis concêntricos do arranjo produtivo turístico	64
Figura 2: Mapa de Santa Teresa – R.J.....	81
Figura 3: Mapa do Município do RJ c/ detalhe de Santa Teresa.....	81
Figura 4 : Vista da Comunidade dos Prazeres – Santa Teresa.....	82
Figura 5 : O bonde de Santa Teresa.....	86
Figura 6 : Percurso percorrido pelos bonde de Santa Teresa.....	87
Figura 7: Museu Chácara do Céu.....	95
Figura 8: Museu Casa de Benjamin Constant.....	96
Figura 9: Centro Cultural Laurinda Santos.....	96
Figura 10: Mapa dos pontos turísticos de Santa Teresa – RJ.....	97
Figura 11: Hotel Santa Teresa.....	98
Figura 12: Evento Arte de Portas Abertas 2008.....	99
Figura 13 : Os arcos da Lapa e o bondinho de Santa Teresa.....	99
Figura 14: Restaurante Sobrenatural.....	100
Figura 15 : Bar do Mineiro.....	100

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 :	Natalidade e estimativa de mortalidade de empresas, segundo as regiões do Brasil, em números absolutos 2000 – 2002.....	21
Quadro 2 :	Número de empregados por atividade econômica no Turismo.....	60
Quadro 3 :	Número de turistas e renda gerada no Rio de Janeiro, segundo o período - 2007.....	61
Quadro 4 :	Características do Aglomerado Produtivo de Turismo Município do Rio de Janeiro.....	62
Quadro 5 :	Distribuição do Emprego por Faixa de Tamanho de Estabelecimento Aglomerado Produtivo de Turismo – Município do Rio de Janeiro.....	62
Quadro 6 :	Impactos do Turismo.....	66
Quadro 7 :	Os aglomerados de empresas produtivas.....	70
Quadro 8 :	Classificação indicadores Educacionais em Santa Teresa Ensino Fundamental.....	83
Quadro 9 :	Classificação indicadores Educacionais em Santa Teresa Ensino Médio.....	84
Quadro 10 :	Passageiros transportados em bondes – 2004 – 2007.....	86
Quadro 11:	Ranking do Índice GINI, por Região Administrativa, RJ	88
Quadro 12:	Classificação indicadores da violência em Santa Teresa - Por domicílio.....	89
Quadro 13 :	Classificação indicadores da violência em Santa Teresa - Por local de ocorrência.....	89
Quadro 14 :	Classificação indicadores da Mortalidade em Santa Teresa.....	91
Quadro 15:	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal.....	91
Quadro 16:	Índice de Desenvolvimento Social - 2000.....	94
Quadro 17:	Índice de Desenvolvimento Social - FAVELAS 2000.....	95

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1:	Sexo dos atores entrevistados.....	102
Gráfico 2:	Profissão do atores entrevistados.....	103
Gráfico 3:	Local de trabalho dos entrevistados.....	103
Gráfico 4:	Potencialidades de Santa Teresa.....	105
Gráfico 5:	Maiores problemas de Santa Teresa.....	106
Gráfico 6:	Participação da população local.....	108
Gráfico 7:	Percepção de desenvolvimento para o bairro pelo morador.....	110
Gráfico 8:	Investimento na comunidade local.....	111
Gráfico 9:	Ações para promover o desenvolvimento local de Santa Teresa de acordo com os entrevistados.....	112

LISTA DE SIGLAS

AMAST :	Associação dos Moradores e Amigos de Santa Teresa
APL:	Arranjos Produtivos Locais
CAMFAST:	Associações de Moradores de Favelas de Santa Teresa
CHAVE-MESTRE:	Associação dos Artistas Visuais de Santa Teresa
CEPAL:	Comissão Econômica para a América Latina e Caribe
DLIS:	Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável
EMBRATUR:	Empresa Brasileira de Turismo
FAPERJ:	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro
IDH:	Índice de Desenvolvimento Humano
IDS:	Índice de Desenvolvimento Social
MPE:	Micro e Pequena Empresa
PNUD:	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
REDESIST:	Rede de Pesquisa em Sistemas Produtivos e Inovativos Locais
SEBRAE:	Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequena Empresa

SUMÁRIO

1	CAPÍTULO 1 INTRODUÇÃO GERAL.....	15
1.1	INTRODUÇÃO.....	15
1.2	SITUAÇÃO PROBLEMA.....	20
1.3	PREMISSAS DO ESTUDO	23
1.4	OBJETIVOS.....	23
1.4.1	Objetivos Gerais.....	24
1.4.2	Objetivos Específicos.....	24
1.5	DELIMITAÇÕES DA PESQUISA.....	25
1.6	RELEVÂNCIA DO TRABALHO.....	25
1.7	DEFINIÇÃO DE TERMOS.....	26
1.7.1	Termos Válidos para este estudo.....	296
1.7.2	Termos genéricos.....	28
1.8	ORGANIZAÇÃO GERAL DO TRABALHO.....	28
2	CAPÍTULO 2 REVISÃO DA LITERATURA.....	30
2.1	DESENVOLVIMENTO LOCAL.....	30
2.2	COOPERAÇÃO ENTRE REDES DE EMPRESAS.....	41
2.3	AGLOMERAÇÕES PRODUTIVAS DE EMPRESAS.....	47
2.3.1	Os distritos industriais.....	48
2.3.2	Clusters.....	50
2.3.3	Arranjos e Sistemas Produtivos Locais.....	53
2.3.3.1	Arranjos Produtivos Locais e o Turismo.....	57
2.5	RESUMO DO CAPÍTULO.....	69
3	CAPÍTULO 3 METODOLOGIA.....	71

3.1	METODOLOGIA.....	71
3.1.1	Sujeitos da Pesquisa.....	73
3.1.2	Coleta de Dados.....	74
3.1.3	Tratamento dos dados.....	78
4	CAPÍTULO 4 ESTUDO DE CASO: O AGLOMERADO DE EMPRESAS DE TURISMO DE SANTA TERESA.....	80
4.1	APRESENTAÇÃO DO BAIRRO DE SANTA TERESA.....	80
4.2	APRESENTAÇÃO DOS DADOS.....	101
4.2.1	Aglomerado Produtivo de Santa Teresa e Infra-estrutura.....	113
4.4.2	O Aglomerado Produtivo e o comércio em Santa Teresa.....	115
4.2.2.1	Restaurante Sobrenatural.....	116
3.3.2.2	Bar do Mineiro.....	117
4.2.2.3	Cama e Café.....	118
4.2.2.4	Operadora de Turismo Local (Santa Teresa Tour).....	119
4.2.2.5	Pousada Casa Áurea.....	120
4.2.3	Aglomerado Produtivo e a redução da exclusão social.....	122
4.2.4	O papel das instituições.....	124
4.2.4.1	AMAST (Associação dos Moradores e Amigos de Santa Teresa).....	124
4.2.4.2	CAMFAST (Coligação das Associações de Moradores de Favelas de Santa Teresa).....	126
4.2.4.3	Administração Regional de Santa Teresa (XXIII R.A.).....	130
4.2.4.4	Secretaria Especial de Turismo do Município do Rio de Janeiro.....	131
4.2.4.5	Casa Museu Benjamin Constant.....	132

4.2.4.6	Chave-Mestra.....	133
4.2.4.7	Organização Não-governamental LUNUZ.....	135
4.2.5	Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo de Santa Teresa.....	136
4.2.6	O papel da população e o Aglomerado Produtivo de Santa Teresa.....	139
4.2.7	O segmento histórico cultural de Santa Teresa.....	141
4.2.8	Área de Proteção Ambiental (A.P.A.).....	142
4.2.9	Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo de Santa Teresa e o desenvolvimento local.....	143
4.3	ANÁLISE DOS DADOS.....	146
4.3.1	Aglomerado Produtivo e Estratégias para desenvolvimento e redução da exclusão social.....	150
4.3.2	O papel da população, do Aglomerado Produtivo de Santa Teresa e o desenvolvimento local.....	152
4	CAPÍTULO 4 CONCLUSÕES.....	156
	REFERÊNCIAS	160
	APÊNDICE	169
	ANEXOS	182

CAPÍTULO 1 INTRODUÇÃO GERAL

Este capítulo se destina a apresentar o tema de pesquisa, os objetivos, as perguntas e hipóteses da pesquisa, a justificativa, a forma de organização e a contribuição do estudo.

1.1. INTRODUÇÃO

O tema do presente trabalho está relacionado à análise do aglomerado produtivo de empresas de turismo localizado em Santa Teresa, no município do Rio de Janeiro. A temática apresentada se refere aos impactos da formação de um Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo sobre o desenvolvimento local.

Um crescente interesse sobre a temática dos aglomerados produtivos vem sendo tema objeto tanto de trabalhos acadêmicos que estudam a relação entre os aglomerados de empresas, como alvo de ações governamentais direcionadas para o desenvolvimento econômico e social em regiões específicas.

Toda a discussão em torno deste tema nos últimos dez anos vem se apresentando com uma determinada aura de “novidade”, como se os fluxos materiais e simbólicos ocorridos entre diferentes pontos da esfera do globo terrestre fossem um fenômeno recente. As ciências do homem e da sociedade têm demonstrado, sistematicamente, que os contatos culturais e o fluxo de bens de uma parte a outra do planeta são bastante antigos, sendo todo o processo de dominação entre grandes civilizações (romanos, persas, babilônicos) um grande processo de intercâmbio material e simbólico.

As modificações sócio-econômicas relacionadas ao processo de internacionalização da economia mundial ocorrido no fim dos anos 70 foram intensas principalmente em decorrência do avanço das tecnologias da informação. Essas mudanças exigiram novas estratégias de produção, distribuição, organização e

formação de grandes redes. As empresas alteraram suas formas de organização das atividades produtivas buscando além de mercados globais, pois elas próprias se tornaram globais (DUPAS, 2005).

É a partir da organização dessas atividades produtivas pelas empresas, que Dias (2006) procura dar precisão a definição de globalização como sendo o resultado de vários processos políticos e econômicos, e sendo qualificado como uma nova forma de organização e de condução da sociedade humana, que se desenvolve em escala global.

Giddens (1991, p.32 *apud* ALBAGLI, 1999, p. 185), em seu esforço de propor uma definição sobre globalização, a descreve da seguinte maneira:

A globalização pode assim ser definida como a intensificação das relações sociais em escala mundial que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a milhas de distância e vice-versa. Este é um processo dialético porque tais acontecimentos locais podem se deslocar numa direção anversa às relações muito distanciadas que os modelam. A transformação local é tanto uma parte da globalização quanto a extensão lateral das conexões sociais através do tempo e do espaço.

Santos (2000) contextualiza em sua abordagem que o fenômeno de globalização tem impacto direto ou indireto sobre todos os indivíduos do planeta, seja esse impacto econômico, cultural, social ou sobre a própria subjetividade das pessoas. Existe, no entanto, uma grande diferença quanto à inserção de cada indivíduo neste fenômeno, já que sua massificação tem problemas com a diversidade de pessoas e de lugares. Basicamente, segundo o autor, a globalização atua como um fator a mais na desigualdade.

Por conta disso, Santos (2000, p. 39) esclarece que:

Estamos diante de um novo encantamento do mundo, no qual o discurso e a retórica são o princípio e o fim. Esse imperativo e essa onipresença da informação são insidiosos, já que a informação atual tem dois rostos, um pelo qual ela busca instruir, e um outro, pelo qual ela busca convencer.

No que concerne ao acirramento da desigualdade desencadeado pela globalização, Cassiolato e Lastres (2006) assinalam que hoje o mundo assiste a um

aprofundamento das diferenças entre países e regiões, muito diferente do que se caminhar rumo ao mundo sem fronteiras. Percebe-se uma revalorização da dimensão espacial, na medida em que a diferenciação entre os lugares se acentua.

Essa discussão torna-se relevante na medida em que se clarifica a idéia de que, no mundo globalizado, o espaço geográfico passa a ter novas características, definições e uma nova importância, pois a eficácia das ações políticas e econômicas está diretamente relacionada com a sua localização (SANTOS, 2000).

De igual modo Albagli (1999) argumenta que o aprofundamento do processo de globalização e as transformações que lhe são subjacentes, no campo da economia, da ciência e tecnologia, da cultura, da política e dos padrões societários de modo geral, têm tido importantes repercussões sobre a esfera do local, bem como sobre seu papel no cenário mundial.

Percebe-se, nesse contexto, que questões ligadas a espaço e território são relevantes no processo de globalização, economia e aquisição de vantagem competitiva das organizações. No entanto, quando se trata de globalização atual, o local é o principal foco de resistência ao processo de homogeneização. (DIAS, 2006).

Coró (1999, p. 168) reportando-se a Rullani (1995) assevera que “o território torna-se propriamente uma ‘força produtiva’ que alimenta a capacidade de cada empresa, diante dos desafios competitivos da globalização”.

Nessas condições, é oportuno resgatar a fala de Santos (2003) quando este argumenta que é por meio do processo de produção que o homem é capaz de transformar a natureza para assegurar sua existência ou aumentar sua riqueza. A economia acontece no espaço e não pode ser compreendida fora desse panorama referencial.

Prosseguindo, esse autor ainda observa que:

Os espaços aparecem cada vez mais como se diferenciando por sua carga de capital, pelo produto que criam e pelo lucro que engedram e, em última análise, por seu desigual poder de atrair capital. Tal como o homem, o espaço tornou-se mundial” (SANTOS, 2003, p. 139).

Por esse motivo, “cada empresa, cada atividade necessita de pontos e áreas que constituem a base territorial de sua existência, como dados da produção e da circulação e do consumo” (SANTOS; SILVEIRA, 2005, p. 290).

É importante destacar o que enfatizam Cassiolato e Lastres (2003) sobre o resgate do interesse pela dimensão espacial, a fim de entender as razões que levam ao surgimento de conglomerados de Micro e Pequenas Empresas - MPE eficientes e competitivos em determinadas áreas.

Partindo do pressuposto que o sistema produtivo passa por grandes mudanças, esses autores assim argumentam:

O foco de análise deixa de centrar-se exclusivamente na empresa individual, e passa a incidir sobre as relações entre as empresas e entre estas e as demais instituições dentro de um espaço geograficamente definido, assim como a privilegiar o entendimento das características do ambiente onde estas se inserem (CASSIOLATO; LASTRES, 2003).

Decerto, é o local que permite a união. Esse lugar é a própria configuração territorial, da mesma forma que é a norma, a organização e os regimes a eles dirigidos, “é o fruto de uma solidariedade regulada e organizacional” (SANTOS, 2002, p. 20). Significa dizer que o local se apresenta como possibilidade de construção de um novo marco de regulação do mercado e da medição social: processo de democratização real do acesso aos meios de produção e à propriedade e ampliação da distribuição de renda (SPERANZA, 2005, p.27). Assim, o território, espaço delimitado e definido por relações jurídicas, também está sempre ligado à idéia de domínio coletivo, uma teia de relações políticas e culturais.

Sob esse ponto de vista, a noção de território é importante para a atuação em um aglomerado produtivo de empresas já que a aglomeração se dá em um determinado espaço e os diversos atores envolvidos (empresários, associações, entidades de apoio, e outros) se inserem, produzem e se reconhecem nesses territórios.

Dentro do referencial sobre o território como sistema de integração, se faz necessário destacar que este mesmo território desempenha um papel

preponderante, como um poderoso sistema de coordenação das atividades econômicas e como fonte de identidade social (CORO, 1999).

É importante resgatar a fala de Santos (2002) e Carlos (2002) sobre o espaço e o homem. Segundo esses autores nunca o espaço do homem foi tão importante para o destino da história considerando que é no lugar que emerge a vida, onde se dá a unidade da vida social e econômica.

Todavia, o processo de abertura de mercados, que eliminou as barreiras comerciais, reordenando a cadeia produtiva em escala mundial, tem se mostrado como uma das alterações mais perceptíveis e mais significativas promovidas pelas inovações tecnológicas, políticas e econômicas desenvolvidas ao longo de todo o século XX, definindo novos conceitos de espaço e território.

A definição de novos referenciais de tempo e espaço, a flexibilização das fronteiras territoriais, a intensidade dos negócios entre diferentes países (bem como entre empresas de diferentes países), vem possibilitando a edificação de um novo cenário, onde novas estratégias são solicitadas para a sobrevivência de determinadas empresas, no contexto global.

Na esfera nacional, após a promulgação da Constituição de 1988, verifica-se a descentralização do poder e a transferência de várias responsabilidades aos Estados e Municípios, impulsionando desta forma, o aumento da atuação do poder local na determinação dos rumos do seu desenvolvimento.

Neste contexto, o termo desenvolvimento consiste em melhorar a qualidade de vida das pessoas nos locais onde estas se inserem.

É pertinente, contudo, destacar que a qualidade de vida está relacionada à questão do desenvolvimento para as comunidades locais, que se expressa pelo bem-estar que deve proporcionar como moradia, alimentação, educação, saúde, lazer, vestuário, higiene e transporte.

Nesta visão, os municípios assumem o papel de propositores de estratégias que objetivem o desenvolvimento das cidades. Dias (2006) aponta que dentre as atividades econômicas que o Poder Municipal deve apresentar, duas merecem destaque:

- a) Considerar as micro, pequenas e médias empresas como elementos indispensáveis na geração de riquezas, ou seja, trabalho e renda no território local;
- b) Atender as expectativas dos cidadãos locais, oferecendo melhores serviços e qualidade de vida.

Isso faz com que as empresas locais se transformem em unidades de desenvolvimento, atuando de forma a contribuir com a melhoria da qualidade de vida local e, ao mesmo tempo, sejam capazes de formular estratégias de cooperação empresarial ao agruparem-se em um mesmo segmento produtivo, concentradas espacialmente na mesma área geográfica, como uma saída viável para se manterem competitivas segundo as novas imposições de mercado (aumento da preocupação com a qualidade, consumidores mais exigentes, etc.).

Ao se falar em desenvolvimento local é importante destacar a atividade de turismo. Esta atividade, por sua natureza dinâmica, tem provocado um crescimento espetacular. Pelo fato de promover o deslocamento de pessoas de um lugar a outro, a atividade turística é capaz de gerar o desenvolvimento nestes locais lutando contra a pobreza e a desigualdade social (DIAS, 2006).

Pelo seu potencial, seja em razão da natureza, do espaço onde se desenvolve a cultura e o patrimônio existente, no Brasil, verifica-se que esta atividade surge em diversos lugares como uma alternativa para o desenvolvimento local, na geração de empregos, tendo como base a participação da comunidade como principal ator social (MARCON, 2006).

1.2 SITUAÇÃO PROBLEMA

Com a aceleração dos fluxos materiais pelo mundo, foi necessária uma reorganização dos fatores produtivos e dos modelos de administração dos negócios, tendo em vista a necessidade de acompanhar as exigências mundiais.

Segundo De Souza (1993 *apud* OLAVE; AMATO NETO, 2005 p. 69) o cenário atual pode ser definido por alterações como:

O intenso ritmo das mudanças tecnológicas, o que acelera a obsolescência técnica de equipamentos, processos e produtos; as crescentes flutuações dos mercados; a diluição de suas fronteiras e o aumento das condições de incerteza e de risco em que devem ser tomadas as decisões dos agentes econômicos; as empresas que em muitos países defrontam com crescentes tensões nas áreas políticas, trabalhistas e de legislação.

Diante do cenário econômico típico do mundo globalizado as relações de cooperação são observadas como um dispositivo capaz de reduzir os “custos de transação para uma determinada empresa” (OLAVE; AMATO NETO, 2005, p. 69). Entendem-se por custos de transação aqueles a que estão sujeitas todas as operações de um sistema econômico.

No mundo dos negócios, é possível imaginar duas “organizações lutando pelos mesmos clientes, onde, a partir dos mesmos ganhos, poderia se supor que a melhor alternativa é dividir o mercado [...] o que reduz o risco” (OLAVE; AMATO NETO, 2005 p. 70).

No Brasil, conforme demonstrado pelo Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequena Empresa (SEBRAE), em trabalho sobre os Impactos sócio-econômicos da mortalidade de empresas no país (SEBRAE, 2005), realizado com 470.000 empresas registradas no Brasil nos anos de 2000, 2001 e 2002, apenas metade continuava aberta após o seu segundo aniversário conforme se observa no Quadro 1. Nesta pesquisa são apresentadas as principais causas levaram à mortalidade das empresas. A falta de capital de giro foi apontada como o principal problema por 24,1% dos entrevistados, seguido dos impostos elevados (16%), falta de clientes (8%) e concorrência (7%).

Regiões	2000		2001		2002	
	Natalidade	Mortalidade	Natalidade	Mortalidade	Natalidade	Mortalidade
Sudeste	209.646	128.094	222.480	126.146	207.132	101.288
Sul	105.331	62.040	111.853	67.224	98.734	52.230
Nordeste	85.038	53.319	87.941	46.960	79.951	37.977
Norte	23.444	12.519	23.612	12.183	19.878	9.442
Centro-Oeste	37.143	20.020	45.025	24.584	39.456	19.491
Brasil *	460.602	275.900	490.911	276.874	445.151	219.905

Quadro 1 – Natalidade e estimativa de mortalidade de empresas, segundo as regiões do Brasil, em números absolutos 2000 – 2002

Fonte: SEBRAE, 2005

Por sua vez, de 2003 a 2005 (SEBRAE, 2007), 78% dos empreendimentos abertos neste período permaneceram no mercado.

A figura do “proprietário-administrador” aparece como a fonte de alguns fatores problemáticos. Se Olave e Amato Neto (2005) se concentraram na perda de uma visão sistêmica e nas projeções de curto de prazo, La Rovere (2003) destaca a centralização nas tomadas de decisão e a falta de um fluxo de informações que viabilizem as tomadas de decisão de longo prazo.

Em seu exame sobre sistemas de micro, pequenas e médias empresas, no Brasil contemporâneo, La Rovere (2003, p. 295) observa que “o principal motivo de fechamento de pequenas empresas no país é a falta de clientes”, o que revelaria uma limitação na escolha de estratégias competitivas adequadas.

É sob a luz dos argumentos da importância dos fluxos de informação, que a autora expõe as vantagens da associação em rede para as pequenas empresas:

Quando as empresas se associam numa rede, a necessidade de organização destes fluxos fica evidente. Isto porque um grau maior de organização permite que as empresas possam reconhecer a complementaridade de suas capacitações e desenvolver sistemas de informação que permitam não apenas trocar informações dentro da rede mas também utilizar estas informações para construir competências comuns e desenvolver projetos de inovação conjuntos (LA ROVERE, 2003, p. 295-296).

Deve-se destacar que as micro e pequenas empresas são a força motriz que move a economia do país. Estas correspondem a 99% das empresas formais do país, representando ainda, 25% do PIB, e, gerando 28,7 milhões de empregos (SEBRAE, 2005).

Outra informação considerável segundo o IBGE é a existência no Brasil de aproximadamente 14,8 milhões de micro e pequenas empresas – 4,5 milhões formais e 10,3 milhões informais (SEBRAE, 2006).

É nesse contexto que Olave e Amato Neto (2005) afirmam que, a manutenção de uma empresa no mercado depende da ampliação da receita e/ou da diminuição dos custos.

Considerando a relevância das redes de cooperação como uma necessidade de reorganização da produção no contexto da economia globalizada, e sendo um recurso de sobrevivência de determinadas empresas concentradas espacialmente na mesma área geográfica, quais os impactos produzidos pelo Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo de Santa Teresa no desenvolvimento local daquela região segundo a percepção dos atores do bairro (moradores, empresários, representantes da comunidade local)? Como estes atores identificam o papel das características locais – do espaço local - (culturais, artísticas, naturais) para o desenvolvimento deste aglomerado?

1.3 PREMISSAS DO ESTUDO

A presente pesquisa tem como base de sustentação algumas premissas cujo destaque se torna necessário. A primeira delas é que a união de pequenos empresários tem se apresentado como uma possível saída observadamente viável para que possam subsistir em um contexto de competitividade.

A segunda premissa diz respeito ao desenvolvimento local, pois embora o termo desenvolvimento tenha muitas dimensões, uma comunidade se desenvolve quando torna dinâmicas as suas potencialidades. Pode-se afirmar, ainda, que ocorre o desenvolvimento social e econômico de uma determinada região quando são gerados empregos junto à comunidade local, melhorias ao bairro, reduzindo as desigualdades e agregando os indivíduos em torno de benefícios que são coletivos e sustentáveis.

1.4 OBJETIVOS

Considerando que a formação do Aglomerado Produtivo de Empresas é um tema relevante e tem sido uma saída reconhecidamente legítima para as micro, pequenas e médias empresas de um mesmo segmento produtivo, concentradas espacialmente na mesma área geográfica tornarem-se competitivas, além de

alavancarem o desenvolvimento em determinados locais, assim, colocaram-se os seguintes objetivos:

1.4.1 Objetivo Geral

O presente trabalho buscou analisar a formação do Pólo de Turismo do bairro de Santa Teresa no Rio de Janeiro, no que diz respeito à formação de um Aglomerado Produtivo de Empresas, e de que forma os resultados obtidos produzem impactos no desenvolvimento local daquela região. Além disto, buscou-se verificar a percepção dos moradores sobre as potencialidades do espaço local.

1.4.2 Objetivos Específicos

Os objetivos específicos, decorrentes do objetivo geral, são:

1. Revisar a literatura sobre Aglomerados Produtivos de Empresas, Desenvolvimento Local, Cooperação, Aglomerados Produtivos de Empresas e Turismo;
2. Identificar o papel dos atores envolvidos no Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo de Santa Teresa;
3. Identificar a existência de diálogo entre as entidades que compõem o Aglomerado de empresas e os moradores, nos seus aspectos.
4. Verificar de que forma a cooperação entre os atores envolvidos no Aglomerado de Empresas de Santa Teresa é capaz de reverter em benefícios para todos.

1.5 DELIMITAÇÕES DA PESQUISA

O objeto de investigação que o presente estudo abordou ficou restrito às empresas ligadas ao segmento de turismo (gastronomia, hospedagens, serviços, artes e entretenimento), às Organizações Não Governamentais (ONGs), e o Poder Público, às Associações de Classe e Moradores de Santa Teresa, localizados no Município do Rio de Janeiro. No que se refere ao período escolhido, a delimitação contemplou os atores estudados que estiveram em operação até 30 de novembro de 2008.

Quanto aos aspectos bibliográficos, o presente estudo delimitou como temas o desenvolvimento local, as questões referentes a espaço e território, os Aglomerados Produtivos de Empresas, sua conceituação e funcionamento, o desenvolvimento local e o turismo.

1.6 RELEVÂNCIA DO TRABALHO

A concorrência com produtos estrangeiros, a pressão política pelo arrefecimento das barreiras alfandegárias, a existência de um conjunto de consumidores cada vez mais exigentes, em face à enorme variedade de produtos são alguns dos fatores que nos permitem observar o ponto estratégico onde se situam os pequenos e médios empresários.

O interesse em investigar essa área de estudo deu-se pelo fato da importância dada pela literatura na abordagem sobre Aglomerados Produtivos de Empresas de Turismo. Todavia ao pesquisar especificamente o Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo de Santa Teresa, e os impactos gerados no desenvolvimento do local, quase nada foi encontrado.

Verifica-se como este tema vem ganhando uma maior projeção, sendo objeto tanto de trabalhos acadêmicos que estudam a relação entre os aglomerados de empresas, como alvo de ações governamentais direcionadas para o desenvolvimento econômico e social de regiões específicas.

Dessa forma, esta pesquisa se faz relevante na medida em que pretende analisar não apenas a existência ou não da iniciativa pública/privada em um determinado setor, em uma determinada região (setor turístico do bairro de Santa Teresa, na cidade do Rio de Janeiro) mas , também, pretende identificar uma teia discursiva e de significados que sustentam estas iniciativas em torno da busca pelo desenvolvimento local.

Essa investigação tornou possível analisar como esta estratégia foi incorporada às práticas destes atores, o que eles pensam sobre ela e que tipo de reorganização produtiva foi exigido graças à sua adoção.

O estudo permitiu destacar quais foram os desafios impostos a estes atores, e como os mesmos estão se organizando para o enfrentamento destes.

Da mesma forma pretendeu-se identificar os avanços obtidos e quais são os principais impasses inerentes à construção de políticas de desenvolvimento locais tendo o Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo como agente de transformação.

1.7 DEFINIÇÃO DE TERMOS

1.7.1 Termos Válidos para este estudo

Aglomerações Produtivas - O termo aglomeração – produtiva, científica, tecnológica e/ou inovativa – tem como aspecto central a proximidade territorial de agentes econômicos, políticos e sociais (empresas e outras organizações e organizações públicas e privadas).

Considera-se que a aglomeração de empresas amplia suas chances de sobrevivência e crescimento, constituindo-se em relevante fonte geradora de vantagens competitivas. Isto é particularmente significativo no caso de micro e pequenas empresas.

Geralmente, essas aglomerações envolvem algum tipo de especialização produtiva da região em que se localizam (CASSIOLATO; LASTRES, 2003).

Competitividade - Tomando-se a firma como elemento básico de análise, competitividade pode ser definida como a capacidade da empresa formular e implementar estratégias concorrenciais, que lhe permitam ampliar ou conservar, de forma duradoura, uma posição sustentável no mercado.

A abordagem dos Arranjos e Sistemas Produtivos Locais refere-se à competitividade de conjuntos articulados de empresas.

Supõe-se que o aproveitamento das sinergias coletivas geradas pelas interações entre empresas e destas com os demais atores do ambiente onde se localizam – envolvendo cooperação e processos de aprendizado e inovação interativos – são determinantes da competitividade desses aglomerados produtivos (CASSIOLATO; LASTRES, 2003).

Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável - Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável é um novo modo de promover o desenvolvimento que possibilita o surgimento de comunidades mais sustentáveis, capazes de: suprir suas necessidades imediatas; descobrir ou despertar suas vocações locais e desenvolver suas potencialidades específicas; e fomentar o intercâmbio externo aproveitando-se de suas vantagens locais. Assim, o Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável está sendo considerado como uma via possível para a melhoria da qualidade de vida das populações e para a conquista de modos de vida mais sustentáveis (FRANCO, 2002).

Local - Situado ante o global, local pode referir-se a uma dada localidade (cidade, bairro, rua), região ou nação, constituindo, em qualquer dos casos, um subespaço ou um subconjunto espacial, e envolvendo algum modo de delimitação ou recorte territorial, o que se expressa em termos econômicos, políticos e culturais. Basicamente, local tem sido identificado como a idéia de lugar. Dentro de uma acepção geográfica estrita, lugar pode ser definido como uma porção do espaço na qual as pessoas habitam conjuntamente, implicando, portanto a idéia de co-presença. Lugar é associado à idéia de localidade, enquanto cenário físico da atividade social, com uma localização geográfica determinada (CASSIOLATO; LASTRES, 2003).

Redes de empresas - Conceito de rede de empresas refere-se a arranjos inter-organizacionais baseados em vínculos sistemáticos formal ou informal de empresas

autônomas. Essas redes nascem através da consolidação de vínculos sistemáticos entre firmas, os quais assumem diversas formas: aquisição de partes de capital, alianças estratégicas, externalização de funções da empresa, etc. Estas redes podem estar relacionados a diferentes elos de uma determinada cadeia produtiva (conformando redes de fornecedor-produtor-usuário), bem como estarem vinculadas a diferentes dimensões espaciais (a partir das quais conformam-se redes locais, regionais, locais, nacionais ou supranacionais) (CASSIOLATO; LASTRES, 2003).

Turismo – É uma atividade humana cuja essência é a prática de lazer em tempo livre e que, além de envolver o deslocamento e a recepção de quem se desloca, sustenta-se na utilização dos recursos e na prestação de serviços, o que gera diversas repercussões na sociedade em que se desenvolve (DIAS, 2006).

1.7.2 Termos genéricos

Micro e pequenas empresas - De acordo com a Lei Geral para Micro e Pequenas Empresas, promulgada em dezembro de 2006, as micro empresas são as que possuem um faturamento anual de, no máximo, R\$ 240 mil por ano. As pequenas devem faturar entre R\$ 240.000,01 e R\$ 2,4 milhões anualmente para ser enquadradas.

Outra definição vem do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE). As micro empresas são aquelas que empregam até nove pessoas no caso do comércio e serviços, ou até 19, no caso dos setores industrial ou de construção. Já as pequenas empresas são as que empregam de 10 a 49 pessoas, no caso de comércio e serviços, e 20 a 99 pessoas, no caso de indústria e empresas de construção.

1.8 ORGANIZAÇÃO GERAL DO TRABALHO

O trabalho está dividido em cinco partes, sendo que a primeira delas trata da introdução. Na segunda parte, o trabalho analisa os principais eixos teóricos que vêm norteando a formação das redes de cooperação dentro do contexto de uma

economia globalizada; a construção de cadeias produtivas no setor a ser pesquisado – Aglomerado Produtivo de Empresas na área de turismo, e o desenvolvimento econômico e social de regiões específicas. Na terceira, pretende-se apresentar a metodologia aplicada ao estudo de caso, a descrição como o método utilizado possibilitou encontrar respostas por meio da coleta e análise de dados. A quarta, objetivou descrever o aglomerado de empresas produtivas de Santa Teresa, a apresentação dos dados obtidos e a respectiva análise dos dados articulando a teoria a prática do estudo. Por fim, na última parte, apresentam-se as conclusões sobre o caso estudado.

CAPÍTULO 2 REVISÃO DA LITERATURA

Este capítulo pretende desenvolver o referencial teórico adequado aos objetivos detalhados, realizando uma revisão da literatura existente sobre o tema da pesquisa. Como foco de análise, busca-se por meio deste referencial destacar as questões mais relevantes que permeiam o debate sobre o desenvolvimento local, além de assinalar a importância do turismo para o local, por meio dos aglomerados produtivos de empresas. Para tal fim, os seguintes tópicos são abordados:

- Desenvolvimento local;
- Cooperação entre redes de empresas;
- Aglomerações produtivas de empresas;
- Atividades de turismo.

2.1 O DESENVOLVIMENTO LOCAL

O interesse por este tema vem ganhando uma maior projeção, sendo objeto de trabalhos acadêmicos que estudam a relação entre as redes de empresas em aglomerados produtivos locais, como alvo de ações governamentais direcionadas para o desenvolvimento econômico e social de regiões específicas.

O conceito de desenvolvimento está relacionado à idéia de fazer as nações pobres marcharem em busca da superação de suas pobreza. Na visão de Coriolano (2003) essa idéia foi incorporada nas políticas nacionais de todos os países a partir da Segunda Guerra Mundial. Coriolano ilustra ainda que “quase sempre falar de desenvolvimento é falar do futuro, do mundo que se quer e não do mundo que se vive” (CORIOLANO, 2003).

Recorrendo a literatura, Ferreira (2004) ensina que desenvolvimento significa crescimento, progresso.

Hoje sabemos que o desenvolvimento tem muitas dimensões: econômicas, sociais, culturais, ambientais e fisicoterritoriais, político-institucionais e científico-tecnológicas que mantêm umas em relação às outras, um relativo grau de

autonomia. Todas essas dimensões comparecem no processo de desenvolvimento, em conjunto determinando o ou, em particular, cada qual, condicionando-o (FRANCO, 2000).

Outros adjetivos são incorporados ao termo desenvolvimento: desenvolvimento econômico e desenvolvimento sustentável. Ambos expressam crescimento econômico. O primeiro, quando acompanhado por modificações na estrutura do país ou região, enquanto que o segundo, procura preservar o meio ambiente, levando em conta o interesse das futuras gerações.

Em relação ao desenvolvimento sustentável, ele considera as dimensões social e ambiental do desenvolvimento, além da econômica, passando a considerar a questão da sua sustentabilidade. O desenvolvimento sustentável é definido pelo Relatório Brundtland da Comissão Mundial de Meio Ambiente e Desenvolvimento da UNESCO como “aquele que atende as necessidades do presente sem comprometer a possibilidade das gerações futuras atenderem suas próprias necessidades” (BRUNDTLAND, 1991, p. 46).

Com base nessa definição, verifica-se que existe uma idéia de sustentabilidade que está associada ao bem-estar e à prosperidade do ser humano, então a noção de ambiente ao qual se refere o Relatório Brundtland é diversificada, incluindo o ambiente social, cultural, político, natural, entre outros, isto é, abrange todo o contexto do ambiente humano.

Uma importante observação a respeito de desenvolvimento que pode ser retirada do artigo de Bielschowsky (2000), em sua coletânea de textos sobre os cinquenta anos de pensamento na Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (CEPAL) é a idéia de que o desenvolvimento local converte-se num caminho que cada sociedade nacional deve eleger, baseando-se em seus valores e não num modelo que lhe seja imposto.

Fato a se considerar é o desafio que se relaciona ao uso de modelos baseados em organizações e países mais avançados de pouca aplicabilidade à realidade de países menos desenvolvidos. Cada caso deve ser entendido em suas particularidades, suas especificidades, suas estratégias e modo de desenvolvimento, e não existe um modelo imperativamente a ser seguido.

Speranza (2005, p. 7) afirma que o desenvolvimento local:

[...] tem-se o desenvolvimento como melhoria da qualidade de vida das pessoas com ênfase no combate a pobreza e à desigualdade social, somando à promoção da participação social e cidadania dos indivíduos. Essa interpretação, por sua vez, é constituinte do que a expressão **desenvolvimento local** tem pregado como oposição ao padrão de desenvolvimento vigente. Soma-se ainda que a expressão desenvolvimento local procura enfatizar uma compreensão para muito além de apenas o estudo da dimensão econômica dos processos sociais, incorporando dimensões éticas, humanas e ecológicas das relações sociais.

A ênfase no desenvolvimento local não deve ser percebida em termos de fragmentação do espaço nacional. Reportando-se a Gallichio (2002), Speranza (2005, p. 23) pensando o local como dimensão de análise, formula:

O desenvolvimento local surge como uma nova forma de olhar e de atuar a partir do território neste contexto de globalização. O desafio para as sociedades locais está colocado em termos de inserirem-se de forma competitiva no global, capitalizando ao máximo suas estratégias dos diferentes atores em jogo.

A respeito da relação entre o território e identidade e o desenvolvimento local, essa autora destaca que o território não deve ser entendido como um simples espaço físico, ele é, na verdade, uma construção social que é condicionado e condicionador a partir das ações dos seus sujeitos e comunidades. A identidade representa o passado, o presente e o projeto numa realidade interiorizada pelos membros da sociedade, ou seja, diz o que é. Assim, o desenvolvimento local sustenta-se em um processo que deve conservar as raízes, mas ao mesmo tempo, ter a capacidade de inovar, de criar o novo. A identidade local se fundamenta sobre seus principais alicerces, história e território.

Assim sendo, Franco (2002, p. 72) argumenta que “o desenvolvimento de uma localidade depende de, entre inumeráveis outros fatores, sempre dois fatores: o capital social e o capital humano existentes no ambiente das suas relações”.

Procurando esclarecer, esse autor assevera que o principal elemento do capital humano, é a capacidade das pessoas de fazer coisas novas, exercitando sua imaginação inventiva – seu sonho e visão – no sentido de adquirir novos conhecimentos capazes de realizar seu sonho (FRANCO, 2002). Portanto, isso

diferencia e caracteriza o ser humano como construtor de futuro e, assim está sempre inovando.

Quanto à construção do capital social, estes são programas culturais, que procuram gerar fatores de novas culturas organizacionais e políticas das quais dependem, essencialmente, a geração, a acumulação e a reprodução ampliada do capital social.

Investir em capital social é construir condições para o desenvolvimento eficaz e eficiente muito maiores do que quem estiver preocupado somente em acelerar o crescimento econômico, promover o surgimento de empresas ou distribuir renda por meio de programas compensatórios governamentais.

Como capital social, Albagli e Maciel (2003) definem numa acepção mais instrumental como recursos (ou via de acesso a recursos) existentes nas relações sociais - tais como confiança, reciprocidade, normas e relações de associação e cooperação - que facilitam a ação coletiva orientada para um propósito comum, ou que permitem à comunidade obter certos benefícios econômicos, políticos e sociais. Constitui um ativo resultante do pertencimento a uma dada comunidade, um investimento em relações sociais com retornos esperados.

Assim, se faz necessário a mobilização de todas as diferenças de produção em direção de um sistema fundamentado dentro do próprio território ou cidade para a promoção de políticas de desenvolvimento nas cidades brasileiras, com uma nova concepção de desenvolvimento.

Essa nova concepção de desenvolvimento denomina-se desenvolvimento local integrado e sustentável – DLIS, que representa um dos caminhos para realizar essa nova concepção de desenvolvimento em comunidades, que vivem hoje no nosso país em regiões pobres do interior.

Deste modo surge o conceito de Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável (DLIS). Franco (2000) ensina que DLIS é uma maneira de vencer a pobreza uma vez que recai sobre as condições miseráveis de vida de populações no território brasileiro. E mais ainda, deve reforçar o impacto das ações, sejam governamentais ou não, no sentido de melhorar a qualidade de vida dessas pessoas, melhorando os índices de habitação, saneamento, educação, morbidade, mortalidade, estado nutricional, emprego e renda. Percebe-se desta forma que o

Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável é um caminho para melhorar a qualidade de vida das pessoas.

O DLIS favorece o empreendedorismo individual e coletivo, a cooperação, as redes e a democracia. Ele fortalece as comunidades, busca soluções para os problemas locais, conectando-se horizontalmente em rede, democratizando decisões e procedimentos e criando novos processos participativos de caráter público. Franco (2002) ressalta que o DLIS só está sendo implantado no Brasil, em grande escala, por causa da conscientização de inovar que prevalece no Conselho da Comunidade Solidária e da visão democrática do Presidente da República.

De acordo com a estratégia inovadora de desenvolvimento em capital humano e capital social do DLIS, conforme já mencionado anteriormente, uma metodologia voltada para o desenvolvimento local deve contemplar, basicamente, os seguintes passos:

Primeiro, cada localidade faz um diagnóstico participativo para conhecer sua realidade, identificando seus problemas e descobrindo suas vocações e potencialidades. Segundo, a partir deste diagnóstico, é feito, também de modo participativo, um plano de desenvolvimento. Terceiro, com base nesse plano, é extraída uma agenda com ações prioritárias que deverão ser executadas por vários parceiros, como: governo federal, governo estadual, prefeitura, organizações da sociedade civil e comunidade local. Quarto, esse conjunto de elementos deve ser organizado por um fórum democrático, formado por lideranças locais. Quinto, essas lideranças locais participam de um processo de capacitação para a gestão local do seu processo de desenvolvimento. (FRANCO, 2002, p. 97).

Nessa perspectiva, “[...] o desenvolvimento local como pressupõe uma cidade integradora requer a produção organizada ao longo de todo o território capaz de incluir todos os indivíduos da localidade em um regime de acumulação que combine inovadoramente cooperação e competição” (COCCO; GALVÃO; SILVA, 1999, p. 31).

Martinelli e Joyal (2004, p. 53) assinalam que a expressão desenvolvimento local, dá idéia de comunidade. “O desenvolvimento local reforça as comunidades, dinamizando suas potencialidades, mas para que isso seja possível, é necessária a reunião de diversos fatores”. Dentre esses fatores, o grau de educação da população é fundamental, para dispor de pessoas com iniciativa, responsáveis e empreendedoras. Outro fator citado por esses autores, trata da forma equilibrada de como os poderes locais em diferentes níveis de governo conduzem suas comunidades.

Por conseguinte, DLIS representa uma estratégia de indução ao desenvolvimento que utiliza uma tecnologia social inovadora de investimento em capital humano e em capital social. Lutar contra a pobreza e a exclusão social não é transformar indivíduos e comunidades em beneficiários passivos e permanentes de programas assistenciais, mas é fortalecer as capacidades dos indivíduos e comunidades de satisfazer as suas necessidades, de resolver os seus problemas e, assim, melhorar a sua qualidade de vida.

Knopp (2008, p. 12) esclarece que desenvolvimento é diferente de crescimento econômico, conforme mencionado anteriormente, portanto o desenvolvimento consiste:

[...] na melhoria das condições de vida de uma dada sociedade, na ampliação do horizonte de possibilidades para uma sociedade e no seu enriquecimento cultural; de que projetos de desenvolvimento devem estar assentados nas especificidades econômicas e socioculturais das localidades; de que cultura é tanto o universo das artes e da literatura, quanto às manifestações sociais que exprimem a identidade de um povo.

Na mesma linha de raciocínio Franco (2002) acrescenta que desenvolvimento é mudança social, e que todo desenvolvimento é desenvolvimento social. Para tanto é necessário que ocorram mudanças dos componentes e das relações entre os componentes desse conjunto.

Ora, se desenvolvimento é mudança social, mas não é qualquer mudança, então desenvolvimento é aquela classe de mudanças sociais nas quais se verificam alterações dos fatores humanos e sociais que garantem a estabilidade dos sistemas sociais (FRANCO, 2002, p.52).

Num dado momento, quando os habitantes de uma determinada região que vivem em situação de pobreza passam a ter acesso a cidadania e aos recursos da civilização moderna, ou seja, passam a viver melhor, este é o melhor indicador de que está ocorrendo desenvolvimento no local . Falar em desenvolvimento é falar em melhorar a vida das pessoas (desenvolvimento humano), de todas as pessoas (desenvolvimento social), das que estão vivas hoje e das que viverão amanhã (desenvolvimento sustentável) (FRANCO, 2000).

Outra questão importante apontada por Cassiolato e Lastres (2006) diz respeito ao fato que alguns dos principais problemas enfrentados pelo Brasil decorrem da dificuldade de captar e compreender o modo atual de desenvolvimento industrial e tecnológico e, como conseqüência, de definir e implementar políticas adequadas. Advertem que o foco em sistemas e arranjos produtivos e inovativos locais apresenta uma série de vantagens em ambas as direções.

É interessante notar que estes autores também enfatizam a necessidade de implementar e formular políticas que promovam um desenvolvimento mais amplo e incluso, em vez de apostar sempre nos mesmos “vencedores”, o que contribui para reforçar as desigualdades regionais e sociais.

Nesse sentido, as políticas de desenvolvimento local/regional empreendidas no país e que tem se preocupado com a atração de grandes empresas e unidades fabris através da abdicção fiscal e tributária por parte dos estados e municípios, as políticas de promoção de PME's podem e devem ser pensadas não somente como alternativas possíveis de superação das dificuldades econômicas e sociais, mas sobretudo, como eixo fundamental e estratégico para o desenvolvimento econômico e local (COCCO; GALVÃO; SILVA, 1999).

De igual modo para Cassiolato e Szapiro (2002); Albagli e Maciel (2003), a ênfase no desenvolvimento local visa torná-lo parte integrante de um projeto de desenvolvimento nacional. As políticas federais fornecem sinalizações estratégicas para atuação dos atores locais. A incorporação de políticas públicas em estratégias nacionais de longo prazo é essencial como forma de assegurar a continuidade dos Arranjos Produtivos Locais (APL).

Cassiolato e Lastres (2003) contribuem ainda argumentando que os APL's constituem, por si, objetivos das políticas, mas são meios ou instrumentos para se mobilizar o desenvolvimento em sentido mais amplo, propiciando formas de dar maior dinamismo econômico, sustentabilidade a pequenos empreendimentos, ambiente propício à inovação e sistema de governança social e politicamente sustentáveis

Destaque deve ser dado, nesse sentido, para que o desenvolvimento local não se dê apenas focando o aspecto econômico (crescimento econômico), mas também as nuances capazes de promover efetivamente o desenvolvimento da

localidade (desenvolvimento econômico), como um todo, em sua plenitude. Dessa forma, verifica-se que o desenvolvimento local objetiva fortalecer os empreendimentos empresariais associativos e os micros empresários para que gerem empregos, bem-estar, distribuição de renda e melhorias da qualidade de vida na localidade.

Coraggio (2006, p. 24) contribui apontando os componentes que são necessários ao desenvolvimento local integral:

- a) componentes econômicos (trabalho produtivo, ingresso, satisfação das necessidades legítimas);
- b) componentes sociais (integração em condições de crescente igualdade, efetiva igualdade de oportunidades, justiça social);
- c) componentes culturais (auto-estima, pertencimento e identidade histórica, valores de solidariedade e tolerância);
- d) componentes políticos (transparência, legitimidade das representações, participação direta responsável e informada dos cidadãos nas grandes decisões e na gestão da coisa pública).

Um importante comentário de Woitchunas e Sausen (2005) com base na afirmação de McRae (1998) é que o sucesso ou fracasso de qualquer país nos próximos trinta anos, depende do crescimento. Dessa forma, é possível concluir que, se existe crescimento para as micros e pequenas empresas isto poderá refletir no sucesso de suas regiões, nos locais onde estão instaladas, com possíveis repercussões. Trabalhar no local, tem se constituído em importante estratégia de fortalecimento e estímulo de crescimento, no desenvolvimento do país como um todo.

O desenvolvimento regional pode ser a alternativa para o Brasil buscar a superação da distribuição de renda, pois “o vetor da regionalização social pode atuar no eixo de atenuação das desigualdades” (CASSAROTTO; PIRES, 2001, p. 23). Assim, novas propostas de desenvolvimento são apresentadas, de forma que estas contemplem a justiça social, a distribuição de renda, melhoria da qualidade de vida e a inclusão social.

A proposta alternativa surge com o conceito de Desenvolvimento Humano que é a base do Relatório do Desenvolvimento Humano - RDH, publicado anualmente, e também do Índice de Desenvolvimento Humano - IDH do Programa

das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD. O conceito é definido a partir do pressuposto de que para aferir o avanço de uma população não se deve considerar apenas a dimensão econômica, mas também outras características sociais, culturais e políticas que influenciam a qualidade da vida humana (DESENVOLVIMENTO HUMANO E IDH, 2008).

O objetivo da elaboração do Índice de Desenvolvimento Humano é oferecer um contraponto a outro indicador muito utilizado, o Produto Interno Bruto - PIB per capita, que considera apenas a dimensão econômica do desenvolvimento. Criado por Mahbub ul Haq com a colaboração do economista indiano Amartya Sen, ganhador do Prêmio Nobel de Economia de 1998, o IDH pretende ser uma medida geral, sintética, do desenvolvimento humano. Não abrange todos os aspectos de desenvolvimento e não é uma representação da "felicidade" das pessoas, nem indica "o melhor lugar no mundo para se viver" (DESENVOLVIMENTO HUMANO E IDH, 2008).

Sua metodologia além de computar o PIB per capita, depois de corrigi-lo pelo poder de compra da moeda de cada país, o IDH também leva em conta dois outros componentes: o acesso à educação e cultura e a possibilidade de uma vida saudável e longa e padrão de renda adequado.

Sua fórmula é calculada da seguinte forma:

$$\text{IDH} = \frac{\text{IDHS} + \text{IDHE} + \text{IDHR}}{3}$$

Onde:

IDHS = Índice de vida saudável.

IDHE = Índice de acesso à educação e cultura.

IDHR = Índice de padrão de renda adequado de vida.

Essas três dimensões têm a mesma importância no índice, que varia de zero a um, onde o IDH compreendido entre 0 e 0,499, é considerado baixo; entre 0,500 e 0,799, médio; e entre 0,800 e 1,00, pode-se dizer que é alto (DESENVOLVIMENTO HUMANO E IDH, 2008).

Procurando esclarecer uma proposta de desenvolvimento, Sen (2000) recomenda que esta deva estar voltada em proporcionar melhores oportunidades e gerar mecanismos para que os indivíduos alcancem condições de agente, adquirindo sua liberdade substantiva. Para esse autor, o desenvolvimento consiste na eliminação de privações que limitam as escolhas e as oportunidades de as pessoas exercerem sua autonomia, e o desenvolvimento de suas potencialidades e condições de buscar seus próprios objetivos.

Promover o desenvolvimento significa investir nos fatores econômicos e extraeconômicos do desenvolvimento, como renda, riqueza, conhecimento e cultura, poder ou empoderamento e meio ambiente. O objetivo deste investimento é:

[...] criar as condições para que o fenômeno do desenvolvimento ocorra: o surgimento de novos e múltiplos laços de realimentação de reforço que façam com que mais capital humano (conhecimento) gere mais capital social (empoderamento), que gere mais capital empresarial (riqueza), que gere mais renda, que gere mais capital humano *et coetera*, desencadeando círculos virtuosos e “rodando” nestes círculos, por assim dizer, por conta própria (FRANCO, 2000, p. 52-53).

Um outro modelo importante como referencial de desenvolvimento é a Agenda 21. Este documento trata de um compromisso de mudanças do padrão de desenvolvimento desse século assumido por 179 países durante a Rio-92 e que ainda organiza as iniciativas de desenvolvimento sustentável (AGENDA 21, 2000).

As agendas 21 são classificadas de três formas:

- a) Agenda 21 Global - que é assinada por todos os países e discute das políticas mundiais de crescimento sustentável;
- b) Agendas 21 Nacionais - que são elaboradas individualmente por cada um dos governos federais. No caso do Brasil, Agenda 21 Brasileira; e
- c) Agendas 21 Locais - onde são elaborados projetos que orientem o desenvolvimento sustentável das comunidades, de modo a conciliar crescimento econômico, redução da pobreza e conservação ambiental.

A Agenda 21 Brasileira elaborada pela Comissão de Políticas de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 21 Nacional e coordenada pelo Ministério

do Meio Ambiente, é um processo e instrumento de planejamento participativo para o desenvolvimento sustentável e que tem como eixo central a sustentabilidade, compatibilizando a conservação ambiental, a **justiça social** e o crescimento econômico. Este documento foi elaborado por mais de 40 mil pessoas, sendo construído a partir das diretrizes da Agenda 21 global e seus princípios foram unidos ao Plano Plurianual (PPA) do governo federal para o período de 2004 a 2007 (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2005, grifo nosso).

Na elaboração desse documento nacional, foram selecionadas seis áreas temáticas, no sentido de abranger os diferentes aspectos do Brasil. As áreas temáticas são classificadas em:

- a) Agricultura sustentável;
- b) Cidades sustentáveis;
- c) Infra-estrutura e integração regional;
- d) Gestão dos recursos naturais;
- e) Redução das desigualdades sociais; e
- f) Ciência e tecnologia para o desenvolvimento sustentável.

A Agenda 21 Local é um instrumento de planejamento de políticas públicas que envolvem tanto a sociedade civil e o governo em um processo amplo e participativo de consulta sobre os problemas ambientais, sociais e econômicos locais e o debate sobre soluções para esses problemas através da identificação e implementação de ações concretas que visem o desenvolvimento sustentável local (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2005). É importante assinalar, que por meio desse instrumento, a comunidade é capaz de identificar suas deficiências e suas potencialidades, o que facilitará o processo decisório quanto torná-la uma sociedade futura viável e sustentável.

Parece ponto pacífico na literatura que a idéia de desenvolvimento local surge como uma alternativa à globalização, pois tem como alicerce a participação de atores locais, o espaço físico onde se inserem, a cultural local e o patrimônio histórico existente.

Por intermédio da contribuição dos textos e autores até aqui citados é possível identificar que o desenvolvimento de um local depende da gente que vive naquela localidade, mas também depende de muitos outros determinantes e condicionantes. Por fim, Fischer (2002, p. 7) observa que “o desenvolvimento local ou é desenvolvimento social ou não é desenvolvimento”.

2.2 A COOPERAÇÃO ENTRE REDES DE EMPRESAS

Em linhas gerais, o termo cooperação parece soar de maneira estranha quando se está pensando em termos econômicos, tendo em vista que a ciência econômica tem como premissa a maximização de ganhos, a competição, a concorrência, etc.

Em virtude da maior complexidade das funções desempenhadas pelas empresas, que são necessárias para a sua sobrevivência, verifica-se cada vez mais a necessidade do trabalho realizado de forma associada ou cooperativada com outras empresas. Isto tem contribuído para a diminuição dos riscos e a criação de sinergia entre empresas, especialmente no que diz respeito às pequenas empresas (CASSAROTTO FILHO; PIRES, 2001)

Na visão de Cassiolato e Lastres (2003), em arranjos produtivos locais identificam-se diferentes tipos de cooperação, incluindo a cooperação produtiva visando a obtenção de economias de escala e de escopo, bem como a melhoria dos índices de qualidade e produtividade; e a cooperação inovativa, que resulta na diminuição de riscos, custos, tempo e, principalmente, no aprendizado interativo, dinamizando o potencial inovativo do arranjo produtivo local. A cooperação pode ocorrer por meio de:

- a) Intercâmbio sistemático de informações produtivas, tecnológicas e mercadológicas (com clientes, fornecedores, concorrentes e outros);
- b) Interação de vários tipos, envolvendo empresas e outras organizações, por meio de programas comuns de treinamento, realização de eventos/feiras, cursos e seminários, entre outros;
- c) Integração de competências, por meio da realização de projetos conjuntos, incluindo desde melhoria de produtos e processos até pesquisa e desenvolvimento propriamente dita, entre empresas e

destas com outras organizações (CASSIOLATO; LASTRES, 2003, p. 11).

Cooperação é uma via na qual as partes envolvidas percebem que possuem recursos e conhecimentos, e pelo fato de que trabalhando juntas são capazes de reduzir custos sujeitos a todas as operações de um sistema econômico, atuam melhor, reduzem as desconfianças e promovem desenvolvimento (CAPORALI; VOLKER, 2004).

Gray e Wood (1991, p. 15) definem colaboração e sua ocorrência da seguinte forma:

Colaboração é um processo através do qual diferentes partes, vendo diferentes aspectos de um problema, podem, construtivamente, explorar suas diferenças e procurar visões limitadas (...) Colaboração ocorre quando um grupo de 'autonomus stakeholders' com domínio de um problema se envolvem em um grupo interativo, usando divisão de papéis, normas e estruturas, para agir ou decidir questões relacionadas ao problema.

Nessas condições, a flexibilização das atividades de uma empresa agregando componentes de outras, mesmo que concorrentes, é perfeitamente possível e adequável às exigências do mundo moderno, sobretudo quando se imagina a velocidade com que os produtos se alteram e o nível de exigência dos consumidores.

Na concepção de Laniado e Baiardi (2003, *apud* Ferreira Junior, 2006, p. 3) “a cooperação é percebida como um conjunto de recursos estruturados por meio de redes”. Portanto, em uma rede de cooperação entre companhias é mais enfatizada a coletividade substituindo, assim o individual. O autor ainda diz que em geral, “as redes de empresas se baseiam em um formato organizacional que utiliza tipos inovadores de alianças que permitem combinar eficiência, informalidade, espontaneidade, rompendo assim com os modos ortodoxos de organização”.

Por conseguinte, as empresas quando em rede devem estabelecer vínculos de cooperação baseados na resolução de problemas comuns. Assim, “a criação e a difusão de conhecimento é essencial para a existência no sistema de MPME's, não só codificados, mas também tácitos” (LA ROVERE, 2003, p. 302).

Prosseguindo, a autora destaca ainda as políticas de gestão de informações em sistemas de micros, pequenas e médias empresas - MPME's como:

1. O estudo do sistema, procurando responder a questões como quais capacitações e competências do sistema e de que forma elas se traduzem em vocações específicas? Como elas podem ser monitoradas por sistema de informação? Existem empresas que já tem laços de cooperação? Que tipos de laços existem e de que forma eles podem ser fortalecidos pela melhoria dos processos de geração de informações e de conhecimento? Casos os laços de cooperação não existam, existem empresas e instituições que poderiam liderar um processo de estabelecimento desses laços? Como a gestão de informações poderia auxiliar neste processo?
2. Quando se tratar de levantamento das competências e capacitações do sistema, investigar os recursos individuais e coletivos.
3. A política de gestão de informação deve estimular a monitoramento do recurso do sistema (LA ROVERE, 2003, p. 304)

A estruturação de ações cooperativas tende a provocar estímulo a um processo de interação local, o que proporciona o aumento da eficiência produtiva, formando um ambiente favorável à elevação da competitividade dos agentes pertencentes ao arranjo (BRITO, 2002).

Nascimento *et al* (2006, p. 8) asseveram que as empresas articuladas em forma de redes de cooperação, deveriam “[...] funcionar como uma só empresa no que tange à união dos esforços comuns para o atingimento de uma capacidade competitiva que traga bons resultados a todos os envolvidos”. É preciso que exista uma real interação entre os atores, produtores, usuários de bens, serviços e tecnologia para que ocorra tal capacidade.

Considerando o fato de que as redes de empresas fomentam a cooperação entre os parceiros e possibilitam essa importante articulação entre os setores relevantes da economia local por meio da geração de emprego, da capacitação de pessoal, da geração de impostos, certamente o sucesso dessas redes interessa a toda a sociedade. Isto quer dizer que :

Ao se associar a uma rede, o empresário inicia um processo de adaptação a essa nova maneira de competir e promove mudanças estruturais em sua empresa tais como novas tecnologias de gestão, melhoria nos processos produtivos, redução de custos, compartilhamento de marca, desenvolvimento de produtos, novos mercados, novos negócios, enfim, uma infinidade de mudanças que contribuem ao crescimento do negócio (WOITCHUNAS ; SAUSEN, 2005, p. 7).

É importante destacar que o perfil marcante de um pequeno ou médio empresário envolvido em contextos associativos é o empreendedorismo. O empreendedorismo é uma ferramenta poderosa na busca do desenvolvimento local, que vem ganhando força na economia brasileira, proporcionando um aquecimento de economias regionais e a geração de emprego e renda para uma parcela da população excluída do setor produtivo. Nesses termos, Filion (1991, p. 55) destaca:

O empreendedor que possui uma visão [...] atua como um dínamo ou catalisador que ativa um conjunto de atividades gerenciais indefinidas. Essas últimas, quando conduzidas por alguém com a experiência necessária, capacitam-no não somente realizar a visão, mas também a levar seu empreendimento muito além do que havia imaginado.

Esta discussão torna-se relevante na medida em que Filion (2000) clarifica a idéia de que a atividade principal dos empreendedores é conhecer e entender mercados, identificar oportunidades de negócios, selecionar objetivos, imaginar visões, projetar e estruturar organizações e dar vida a essas organizações. Tomando essa premissa como verdadeira, é de se esperar que a estrutura organizacional das empresas de pequeno porte seja bastante enxuta, sendo, entretanto, fundamental que as tomadas de decisão não ocorram de maneira centralizada (LA ROVERE, 2003).

Ainda se valendo da contribuição de La Rovere (2003), pode-se observar que a manutenção de estruturas hierárquicas rígidas e mais tradicionais não contribui tanto para a formação de redes associativas. Isso ocorre, exatamente, pelo fato das redes se sustentarem através do intenso intercâmbio de conhecimentos e informações entre os associados. As tomadas de decisão unilaterais, bem como a centralização das informações podem prejudicar o processo de transparência nos negócios, prejudicando, por extensão, a própria noção de confiança.

La Rovere (2003, p. 301) evidencia que o papel da organização e gestão de informações é fundamental. Para ilustrar tal afirmação, apresenta:

A adoção de procedimentos comuns para a coleta de informações das empresas localizadas num sistema permite que estas possam rapidamente definir a divisão de tarefas exigida para cumprir determinado contrato quando estas empresas se constituem em rede.

Em outras palavras, o que se afirma com a contribuição dessa autora é que as informações devem circular da maneira o mais intensa possível, sendo também de grande valia que os funcionários que trabalham diretamente com os clientes sejam estimulados a participar da vida da empresa, contribuindo com opiniões e sugestões. Essa estrutura organizacional interna deve estar articulada com a estrutura da rede cooperativa, sendo fundamental que fornecedores, parceiros, empresas terceirizadas estejam atualizadas das características de uma dada empresa ou do rumo de seus negócios.

Nesses termos, Albagli (2002, p. 70), mostra que “o elemento central do desenvolvimento de uma rede é a criação de confiança por meio de um processo empírico e gradual, o que pode ser auxiliado por um agente externo treinado para exercer esse papel”. Assim, para a autora, cada ator pode contribuir com suas próprias vivências formando gradualmente novas experiências, novas relações e reaprendendo constantemente novas práticas empreendedoras. É um processo muito dinâmico e interativo, daí a importância da confiança entre todos os participantes na formação de novas potencialidades.

Logo, é importante que existam estratégias de articulação interna e externa, onde o empresário passe a conhecer melhor o funcionamento de sua própria empresa e possa demonstrar com clareza sua estrutura operacional para os parceiros potenciais.

É interessante notar o que Sengenbeger e Pike (1999, p. 104) focalizam sobre a cooperação em distritos industriais:

[...] disposição das empresas para a *co-operação* é outra característica importante dos distritos industriais, trata-se de um tipo de co-operação que, longe de implicar um conglomerado da concorrência, na verdade a incentiva. [...] as empresas podem estar dispostas a compartilhar informações, tais como idéias sobre novas tecnologia ou produtos, que ajudariam todas as firmas do distrito melhorar sua eficiência por meio da elevação da produtividade, qualidade, do *design* etc.

Ainda sob a ótica desses autores (1999, p. 124):

A *co-operação* pode assumir numerosas formas [...]: a subcontratação e a divisão de encomendas – assim, uma empresa pode aceitar encomendas que supera sua capacidade normal de produção [...]; a colaboração entre diferentes empresas que trabalham em fases distintas do ciclo de produção, caso em que os “parceiros” desenvolvem juntos as especificações técnicas e *designs* mais adequados; a colaboração no intuito de capacitar mão-de-obra para a totalidade do distrito.

Tomando essa premissa como verdadeira, Cassiolato e Lastres (2006, p. 1) abordam que:

O reconhecimento de que o aproveitamento das sinergias coletivas geradas pela participação em aglomerados produtivos locais efetivamente fortalece as chances de sobrevivência e crescimento, particularmente das MPEs, constituindo-se em importante fonte geradora de vantagens competitivas duradouras.

Macke e Carrion (2008) argumentam que é preciso promover uma cultura de atuação em redes – envolvendo o Estado, a sociedade civil e o mercado na qual será possível desenvolver o local, partindo da construção de alternativas de ações baseadas no saber compartilhado, na experiência coletiva e no poder da participação dos diferentes atores.

Na concepção de Cassarotto Filho e Pires (2001) a cooperação entre pequenas empresas é algo irreversível como a globalização. Talvez seja a maneira como essas empresas possam assegurar sua sobrevivência e a sociedade garantir seu desenvolvimento equilibrado.

Sob esses pontos de vista, verifica-se que os processos cooperativos vão funcionar tanto melhor quanto a situação dos componentes for transparente. Mais uma vez, emerge a idéia de confiança e de capacidade de predizer os rumos de um determinado negócio.

Quando a questão se refere a novas formas de solidariedade, Santos (2002) aborda a existência de forças que atuam nos recortes territoriais, como: as forças que conduzem o processo de horizontalização são centrípetas (são forças de agregação e fatores de convergência em relação a uma base territorial específica); as que conduzem a verticalização são centrífugas (são forças de fragmentação e fatores de desagregação dessa mesma base).

Estas forças, o autor chama de “novas solidariedades”, que a despeito de diferenças entre pessoas ou lugares, podem ocorrer de três formas: homóloga (diz respeito às áreas de produção modernizadas e confluentes em função de uma informação especializada que, presidindo a racionalidade, cria similitude de atividades e gera contigüidades funcionais.); complementar (se refere à articulação entre diferentes atividades, que se estabelecem igualmente em decorrência da modernização produtiva e da necessidade de intercâmbio geograficamente próximo); e hierárquica (ocorre sob comando tendencialmente concentrado em um agente, ou uma organização que, independentemente de sua localização, interfere no espaço sócio-territorial).

2.3 AGLOMERAÇÕES PRODUTIVAS DE EMPRESAS

Quando se trata de aglomerados empresariais, Porter (1999, p. 210) observa que são um conjunto de empresas dispostas em uma mesma localização espacial que competem, mas também cooperam entre si. Defende ainda a prevalência dos aglomerados argumentando que:

A prevalência dos aglomerados nas economias, em vez de empresas e setores isolados, proporciona importantes *insights* sobre a natureza da competição e o papel da localização na vantagem competitiva. Mesmo que o velho motivo para eles tenha diminuído de importância com a globalização, seus novos papéis na competição assumiram importância crescente numa economia cada vez mais complexa, dinâmica e baseada no conhecimento.

De certa forma, as aglomerações envolvem algum tipo de especialização produtiva da região em que se localizam. Esta especialização pode assumir um caráter horizontal (envolvendo empresas de um mesmo segmento, ou seja, que realizam atividades similares) ou vertical (envolvendo empresas que desenvolvem atividades complementares em diferentes estágios da cadeia produtiva).

Procurando esclarecer o termo aglomeração, Cassiolato e Lastres (2003, p. 7) entendem esse termo tendo como ponto de vista a “proximidade territorial de agentes econômicos, políticos e sociais (empresas e outras organizações e organizações públicas e privadas).” Para esses autores tais formações de

economias de aglomerações são capazes de gerar vantagem competitiva em razão da proximidade geográfica entre os atores.

Garantem ainda que “na realidade, cada tipo de aglomeração pode envolver diferentes atores, além de refletir formas diferenciadas de articulação, governança e enraizamento” (2003, p. 7).

Distritos industriais, clusters, pólos, arranjos produtivos locais e sistemas produtivos locais, redes de empresas embora apresentem conceitos teóricos distintos, possuem características semelhantes com relação ao desenvolvimento local.

Uma forma mais explicativa de realizar uma análise sobre a existência de um aglomerado de empresas vinculadas à área de turismo no bairro de Santa Teresa-RJ é a formulação de alguns conceitos-chave que viabilizam um melhor entendimento da análise em curso.

2.3.1 Os distritos industriais

Segundo Cassiolato e Lastres (2003), o economista inglês Alfred Marshall, no final do século XIX, observou que as pequenas empresas que desenvolviam atividades associativas tinham um desenvolvimento melhor do que aquele apresentado pelas empresas que não se associavam. Marshall teria batizado tais aglomerações de “distritos industriais”.

Martinelli e Joyal (2004, p. 79) assinalam que a partir das observações realizadas nos Estados Unidos e na Inglaterra, Marshall destacou que as empresas se reagrupam em um mesmo local por três razões: “reduzir os custos de transporte e de compras de entregas; aproveitar a existência de uma mão-de-obra qualificada e, dependendo das circunstâncias disponíveis; facilitar as transferências de conhecimento”.

A partir dos anos 70, segundo o SEBRAE (2007), observa-se a criação dos distritos industriais da chamada Terceira Itália, os sistemas produtivos locais na França, Alemanha e no Reino Unido, o Vale do Silício nos EUA e as redes de empresas no Japão, Coréia e Taiwan.

Verifica-se nessas regiões, que as redes de PME's, estimulam o crescimento rápido da economia, e se apresentam como um modelo de produção industrial diverso do modelo de desenvolvimento firmado no pós-guerra (COCCO; GALVÃO; SILVA, 1999).

Ainda, tendo como referência esses autores, “o modelo dos distritos mostra, também, que a emergência dos novos modos de produção está intimamente ligada à constituição de formas de cooperação socioproductivas incipientes no fordismo” (COCCO; GALVÃO; SILVA, 1999, p.20).

Conceitualmente, os distritos industriais constituem uma entidade socioterritorial caracterizada pela presença de uma comunidade de pessoas e de uma população de empresas que atuam de forma integrada e interdependente em dado espaço geográfico e histórico. De acordo com Lemos (2003, p. 34):

A reutilização dos conceitos de distritos industriais se deu primeiramente a partir das análises que enfocava os aspectos relativos ao desenvolvimento comum de uma região chamada de Terceira Itália, que apresentava concentração de pequenas empresas, baseadas em uma indústria ou segmento específico, tais como têxtil e vestuário, cerâmica, calçados, cerâmica, etc., com intensa divisão do trabalho e cooperação entre firmas.

Verificou-se que estes distritos industriais apresentaram sucesso gerando desenvolvimento na região por meio da geração de empregos e exportação, tornando-se objeto de investigação para muitos pesquisadores. Lemos (2003, p. 34) enfatiza que esta experiência proporcionou o conceito de distritos, cujas características principais são:

- a) proximidade geográfica;
- b) especialização setorial;
- c) predominância de pequenas e médias empresas;
- d) estreita colaboração entre firmas;
- e) competição entre firmas baseada na inovação;
- f) identidade sócio-cultural com confiança;
- g) organizações de apoio ativas, para prestação de serviços comuns, atividades financeiras, etc.; e
- h) promoção de governos regionais e municipais.

Dessa forma, Barros e Moreira (2005a, p.3) entendem que o principal atributo do distrito industrial italiano “ [...] é ser um sistema econômico de produção com fortes vínculos, sociais, identificados nas consistentes relações entre as esferas social, política e econômica, dentro do território”.

Becattini (2002, p. 48) defende que a criação de um distrito industrial autêntico “não precisa somente da adequação, num lugar dado, das condições técnico-produtivas e das características sócio-culturais”. Depende também “[...] da constituição e da consolidação de uma rede estável de conexões com os mercados finais”.

Focalizam Olave e Amato Neto (2005, p. 86) que os distritos industriais da Itália envolvem ampla classe de produtos de consumo, máquinas e componentes de engenharia. Que esses distritos são responsáveis por experimentos e tecnologias, e “[...] em particular pela emergente popularidade da diminuição de custos, pela avaliação da qualidade e pela flexibilização tecnológica, compatíveis com as necessidades e orçamentos das pequenas empresas”.

Complementando esse raciocínio, Lemos (2003, p. 42) diz que “a utilização do termo distritos industriais aplica na existência de uma profunda divisão do trabalho entre firmas e, [...] na existência de cooperação entre as mesmas”.

Como decorrência dessa colaboração entre empresa de um aglomerado, entenda-se identificar e valorizar a complementariedade entre seus processos produtivos, compartilhar tecnologias, contratar em conjunto pesquisas de mercado, desenvolver novos produtos, divulgar em conjunto os produtos locais, entre outras ações conjuntas para manter o ambiente competitivo e cooperativo.

2.3.2 Clusters

Uma das maneiras de empresas competirem em um mercado globalizado é se estabelecerem em *clusters*. Schmitz e Nadvi (1999, p. 1503) definem *cluster* “como uma concentração setorial e espacial de empresas conectadas com ênfase em fatores locais de competição e participação em mercados globalizados”.

Porter (1999, p. 69) define *cluster* como: “um agrupamento geograficamente concentrado de empresas inter-relacionadas e instituições correlatas numa determinada área, vinculadas por elementos comuns e complementares”. Esse autor argumenta ainda que:

Os *clusters* afetam a competitividade dentro e fora das fronteiras nacionais. Representam uma forma de encarar a localização geográfica, desafiando muito do conhecimento acumulado sobre como as empresas devem ser formadas, de forma instituições como as universidades podem contribuir para o sucesso competitivo e sobre como os governos podem promover o desenvolvimento econômico e prosperidade.

Romero (2003, p. 140) esclarece que em um *cluster*:

A motivação principal das organizações é a possibilidade de estabelecer uma rede integrada de produção, onde cada uma das organizações tem um papel definido, que as posiciona como nós de uma rede, facilitando a complementariedade de suas atividades, beneficiando-se em termos de redução de custos, por conta desta cooperação.

Essa autora (p. 141) afirma ainda que “o que essencialmente determina um *cluster* são as escolhas estratégicas, definidas em nível de uma região, de uma comunidade, de um estado ou de um país”.

Para Olave e Amato Neto (2005, p. 86), o desenvolvimento de *clusters* eficientes é indispensável para as economias emergentes de uma forma geral, pois, “além de concorrer no mercado mundial com mão-de-obra mais barata e recursos naturais próprios, poderiam passar para um estágio mais avançado, concorrendo com empresas em países desenvolvidos”.

Percebe-se que *clusters* de empresas estão relacionados à competição e à cooperação. Os *clusters* podem afetar a capacidade de competição das empresas de três formas (OLAVE; AMATO NETO, 2005, p. 86):

- a) Aumentando a produtividade das empresas sediadas na região;
- b) Indicando a direção e o ritmo da inovação, que sustentam o futuro crescimento da produtividade;

- c) Estimulando a formação de novas empresas, o que expande e reforça o próprio conceito de *clusters*.

Segundo Amato Neto (2000), as empresas que se articulam sob a forma de *clusters* podem se beneficiar da seguinte maneira:

- a) Vantagem de custo;
- b) Diferenciação;
- c) Desenvolvimento da região onde o *cluster* está localizado;
- d) Aumento de competição entre as empresas participantes do *cluster*;
- e) Atrair para a região novas empresas;
- f) Compartilhamento de conhecimentos;
- g) Ampliação do mercado de atuação;
- h) Poder para defender seus direitos junto aos órgãos governamentais;
- i) Maior disponibilidade de capital financeiro.

Sobre os consórcios de empresas e aglomerações produtivas, os chamados *clusters*, Cassarotto Filho e Pires (2001, p. 69) esclarecem que estes se localizam entre duas redes, a microrrede e a macrorrede que “é um agrupamento geograficamente concentrado de empresas inter-relacionadas e instituições correlatas numa determinada área, vinculadas por elementos comuns e complementares”.

Enquanto a abordagem da análise de *cluster* tem como finalidade melhorar sua competitividade, a abordagem do desenvolvimento local “[...] empenha-se na qualidade de vida da região” (CASSAROTTO FILHO; PIRES, 2001, p. 69). De acordo com esses autores, o *cluster* possui a prerrogativa de conter vários consórcios ou apenas um grande consórcio, como também um *cluster* pode não conter nenhum consórcio e se relacionar através de parcerias informais, ou seja, apenas comerciais e negociais. Em contrapartida, os sistemas produtivos locais - SPL são redes cooperativas de negócios cuja característica se dá pela concentração territorial, por especialização que gira em torno de um produto básico e por ativa

solidariedade entre os vários atores.

Observa-se nessa segunda comparação que no SPL aparecem os ambientes sociais e culturais. Essas preocupações culturais e sociais e o ambiente de solidariedade é que levam ao objetivo-fim “qualidade de vida”.

2.3.3 Arranjos e sistemas produtivos locais

Arranjo Produtivo Local - APL constitui um tipo particular de *cluster*, formado por pequenas e médias empresas, agrupadas em torno de um negócio, no qual se enfatiza o papel desempenhado pelos relacionamentos – formais e informais – entre empresas e demais instituições envolvidas (CAPORALI; VOLKER, 2004).

A Rede de Pesquisa em Sistemas Produtivos e Inovativos Locais – REDESIST (2008, p. 2), assim define Arranjos Produtivos Locais e Sistemas Produtivos e Inovativos Locais :

Arranjos produtivos locais são aglomerações territoriais de agentes econômicos, políticos e sociais – com foco em um conjunto específico de atividades econômicas – que apresentam vínculos mesmo incipientes.

Os sistemas produtivos e inovativos locais são aqueles arranjos produtivos em que interdependência, articulação e vínculos consistentes resultam em interação, cooperação e aprendizagem, com potencial de gerar o incremento da capacidade inovativa endógena, da competitividade e do desenvolvimento local.

Suzigan *et al* (2003, p. 3) definem APLs como “aglomerações produtivas cujas interações entre os agentes locais não são suficientemente desenvolvidas para caracterizá-los como sistemas”. Segundo os autores, a característica essencial dessas aglomerações de empresas e instituições é “a capacidade de gerar economias externas, incidentais ou deliberadamente criadas, que contribuem para o incremento da competitividade das empresas e, em conseqüência, do sistema ou arranjo local como um todo”.

Para Eurada (1999, *apud* Cassaroto Filho; Pires, 2001), sistemas produtivos locais são configurações de pequenas e médias empresas agrupadas em

determinada área ao redor de uma profissão ou negócio, em contato e interagindo como um grupo com o ambiente social e cultural local.

Segundo os estudos de Cassiolato e Szapiro (2002), tanto os APL's quanto os sistemas produtivos locais têm singularidades, pois possuem sistemas regulatórios específicos localizados, formados de instituições formais e informais locais, além de existirem diferentes graus de confiança entre os atores locais e serem coordenados por comportamentos auto-regulatórios.

No que tange a entender o que seja sistemas e arranjos produtivos locais, Cassiolato e Lastres (2003, p. 24), apontam que é necessário fundamentar-se na visão evolucionista sobre mudança tecnológica e inovação:

- Inovação e conhecimento cada vez mais são elementos centrais no crescimento e dinâmica das regiões, setores, nações e organizações;
- Inovação e aprendizado são influenciados por uma composição econômica, social, institucional e políticas específicas;
- Diferenças entre os agentes e sua capacidade de aprender;
- A percepção de transferência de informações e conhecimentos, depende da forma de difusão e das tecnologias.

Os arranjos e sistemas produtivos locais se originam pelo fato de geralmente encontrarem-se associados a trajetórias históricas de construção de identidades e de formação de vínculos territoriais (regionais e locais), a partir de uma base social, cultural, política e econômica comum (CASSIOLATO; LASTRES, 2003).

Esses autores destacam que os arranjos e sistemas produtivos locais devem ser norteados pelos princípios de sistemas de inovação. Um sistema de inovação pode ser definido como um conjunto de instituições distintas que conjuntamente e individualmente contribuem para o desenvolvimento e difusão de tecnologias. Mostram dessa maneira que este sistema de inovação é composto por elementos:

[...] onde a natureza básica em experiências históricas, culturais e de língua refletem em idiosincrasias em termos de: organização interna das empresas, articulações entre elas, características sociais, econômicas e políticas do ambiente local, papel das agências e políticas públicas e privadas, do setor financeiro, etc. (CASSIOLATO; LASTRES, 2003, p. 24-25).

Os autores referendados acima (2003, p. 4-5), identificam seis características principais para formação de um arranjo e sistemas produtivos locais, a saber:

- a) Dimensão territorial - Na abordagem dos ASPL's, a dimensão territorial constitui recorte específico de análise e de ação política, definindo o espaço onde processos produtivos, inovativos e cooperativos têm lugar, tais como: município ou áreas de um município; conjunto de municípios; micro-região; conjunto de micro-regiões, entre outros;
- b) Diversidade de atividades e atores econômicos, políticos e sociais – Os ASPL geralmente envolvem a participação e a interação não apenas de empresas – que podem ser desde produtoras de bens e serviços finais até fornecedoras de insumos e equipamentos, prestadoras de serviços, comercializadoras, clientes, entre outros - e suas variadas formas de representação e associação, como também de diversas outras organizações públicas e privadas voltadas para: formação e capacitação de recursos humanos; pesquisa, desenvolvimento e engenharia; política, promoção e financiamento;
- c) Conhecimento tácito – Nos ASPL, geralmente verificam-se processos de geração, compartilhamento e socialização de conhecimentos, por parte de empresas, organizações e indivíduos;
- d) Inovação e aprendizado interativos – Nos ASPL, o aprendizado interativo constitui fonte fundamental para a transmissão de conhecimentos e a ampliação da capacitação produtiva e inovativa das empresas e outras organizações;
- e) Governança – No caso específico dos ASPL, governança refere-se aos diferentes modos de coordenação entre os agentes e atividades, que envolvem da produção à distribuição de bens e serviços, assim como o processo de geração, disseminação e uso de conhecimentos e de inovações;
- f) Grau de enraizamento – Envolve geralmente as articulações e envolvimento dos diferentes agentes dos ASPL com as capacitações e os recursos humanos, naturais, técnico-científicos, financeiros, assim como com outras organizações e com o mercado consumidor local.

Para o SEBRAE (2003), a maioria dos arranjos, inclui, além das empresas, fornecedores especializados, universidades, associações de classe, instituições governamentais, e outras organizações que provêem educação, informação, conhecimento capacitação e apoio técnico.

Vale destacar o que enfatizam Cassiolato e Lastres (2003, p. 23) sobre o resgate do interesse pela dimensão espacial, a partir de entender as razões que levam ao surgimento de conglomerados de MPE eficientes e competitivos em determinadas áreas. Partindo do pressuposto que o sistema produtivo passa por grandes mudanças, os autores assim argumentam:

O foco de análise deixa de centrar-se exclusivamente na empresa individual, e passa a incidir sobre as relações entre as empresas e entre estas e as demais instituições dentro de um espaço geograficamente definido, assim como a privilegiar o entendimento das características do ambiente onde estas se inserem.

Com a aceleração dos fluxos materiais pelo mundo, foi necessária uma reorganização dos fatores produtivos e dos modelos de administração dos negócios, tendo em vista a necessidade de acompanhar às exigências mundiais.

No que se refere à participação das empresas em aglomeração geográfica, Cassiolato e Lastres (2003) sintetizam que inicialmente, elas podem se aglomerar geograficamente por especialização local em atividades de uma mesma base técnica. Tais aglomerações podem evoluir em direção a arranjos e sistemas produtivos locais de duas formas básicas:

- a) Aprofundando a especialização da produção, com as empresas e organizações locais reestruturando-se, porém mantendo a mesma organização de produção e padrão (*upgrading* da produção);
- b) Diversificando em produtos (diferenciação), com empresas e organizações locais, reorganizando a produção. É nesta forma que políticas públicas e privadas podem exercer um papel decisivo na dinamização das aglomerações e na sua transformação em efetivos sistemas produtivos.

Na visão de La Rovere (2003, p. 299) “as empresas aglomeradas num sistema produtivo local têm ganhos de eficiência coletiva, a qual pode ser classificada como ativa ou passiva”. A eficiência coletiva passiva se origina das vantagens resultantes da aglomeração espacial, enquanto que a eficiência coletiva ativa resulta da procura das empresas por soluções para seus problemas competitivos por meio de cooperação de outras MPM's.

Enquanto a abordagem da análise de *cluster* busca melhorar sua competitividade, a abordagem do desenvolvimento local, ou de sua estruturação de um sistema econômico local busca a qualidade de vida na região. (CASSAROTTO FILHO; PIRES, 2001).

Por fim, vale ressaltar a idéia de que onde houver uma produção com um grupo de atores envolvidos em atividades correlacionadas haverá, de toda forma, sempre um arranjo em seu entorno. Tais arranjos variarão desde aqueles mais rudimentares àqueles mais complexos e articulados. (CASSIOLATO; LASTRES, 2003).

2.3.3.1 Arranjos Produtivos Locais e o Turismo

Nos últimos anos o turismo se destacou como um dos setores socioeconômicos mais significativos do mundo. É importante destacar que o turismo compreende um conjunto de segmentos da economia envolvidos com a atração e recepção de turistas. Esta perspectiva é composta de uma enorme variedade de produtos e serviços, que visam satisfazer as exigências dos turistas.

O Plano Nacional de Turismo 2007-2010 (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2008), define turismo como uma atividade multifacetada que se inter-relaciona com diversos segmentos econômicos e demanda um complexo conjunto de ações setoriais para o seu desenvolvimento.

Moura (2006, p. 211) aponta o turismo como sendo: “Uma atividade econômica com características específicas, que não pode ser apresentado como um produto específico, mas por um aglomerado de atividades que, em conjunto, formam o produto turístico”.

No Brasil essa atividade demonstra crescimento ano a ano em razão das extraordinárias belezas naturais e climáticas, assim como a diversidade cultural e ambiental, proporcionando aos turistas as mais diversas possibilidades para realização de suas expectativas.

Barros e Moreira (2005b, p. 5) argumentam que:

Essa crescente importância está relacionada não apenas à existência de condições naturais privilegiadas como também a necessidade de buscar alternativas de desenvolvimento sustentado e progresso para pequenas localidades até então excluídas das atividades econômicas tradicionais, mas com expressivo potencial para essas atividades.

Para o SEBRAE (2007) a estimativa de negócios do turismo brasileiro correspondeu a uma cifra de US\$ 8 bilhões em 2007, consolidando o Brasil como um indutor do desenvolvimento econômico, estabilizador social, agente de distribuição de renda e de afirmação cultural.

Palhares e Espírito Santo Junior (2001, p. 1) abordam que:

A dimensão econômica do turismo é de fato imensa e o mercado global de turismo continua a se expandir. Além disso, devido à sua magnitude, as atividades turísticas têm um grande potencial para disseminar amplamente os impactos positivos da globalização, alcançando e beneficiando os mais diferentes tipos de economias nacionais.

Os brasileiros viajam cada vez mais pelo país, graças à estabilidade da moeda e ao aumento do poder aquisitivo das famílias. Os desembarques domésticos, em vôos regulares e não regulares, cresceram nos últimos anos. Foram 30,7 milhões em 2003; 36,5 milhões em 2004, atingindo 43 milhões em 2005. A expectativa do governo é de que até 2007 o número de desembarques, alcance 65 milhões (SEBRAE, 2007).

Para a Organização Mundial de Turismo, a atividade é responsável pela geração de 6 a 8 por cento do total de empregos no mundo. Além disso, é uma das atividades econômicas que demandam o menor investimento para a geração de trabalho (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2008). Tomando essa premissa como verdadeira, o município do Rio de Janeiro, em 2005, gerou 132.977 empregos na área de turismo nas mais diversas classes, conforme mostra o Quadro 2.

De acordo com o Plano Nacional de Turismo 2007-2010 (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2008), “nos anos de 2003 a 2006, foram gerados pela atividade turística no Brasil 891.000 empregos, formais e informais [...]”.

A esse respeito, Mamberti e Braga (2006, p.11) asseveram que “[...] em relação à geração de empregos, o turismo cria um número elevado de postos de trabalho quando comparado a outros setores econômicos”.

O turismo é uma atividade que compreende uma maioria de micro e pequenas empresas com baixo custo de mão-de-obra e possui uma cadeia produtiva que envolve mais de 50 setores (SEBRAE, 2007). O turismo apesar de ser uma atividade atrelada especialmente aos grandes capitais possui certas particularidades

que são capazes de diferenciá-lo de outras atividades: ativa o desenvolvimento local com o comércio, bares, restaurantes, hospedagens, agências de turismo, artesanato, da mesma forma que estimula ações do poder público, e produz renda e empregabilidade que se espalham por todo o ambiente turístico (CORIOLANO, 2003).

Destaca Yázigi (2001) que para um lugar ser considerado como turístico é necessário que ele apresente três características: densidade de frequência turística, presença de equipamentos e serviços turísticos, representados pela infraestrutura turística (hotéis, restaurantes, agências de turismo etc.), e deve haver uma imagem turística (valores culturais, históricos, modo de vida).

Para Dias (2006), há necessidade de que o setor envolvido com o turismo nas administrações públicas desenvolva uma ação conjunta com outros setores, com vistas a conscientização sobre o papel do turismo. Aponta que uma das grandes dificuldades em se alcançar o desenvolvimento local com a atividade turística é quando a administração pública não está envolvida com esses propósitos.

Moura (2006) argumenta que quatro segmentos importantes constituem a cadeia produtiva da atividade turística: agências e organizadores de viagens, meios de transporte, hospedagem e hospitalidade, e por fim, segmentos especiais.

O Rio de Janeiro, por ser um dos cartões-postais do Brasil, concentra uma de suas forças no turismo, pois detém esta referência em todos os cantos do mundo. Como seu clima é sempre quente e agradável, o Rio de Janeiro não depende das estações do ano para atrair visitantes. Suas atrações podem ser apreciadas em qualquer estação do ano (SEBRAE, 2007).

Bueno (2007, p. 281) destaca que o Estado do Rio de Janeiro tem a seguinte composição setorial do PIB: agricultura (1,3%); indústria (40%) e os serviços (58,7%). É preciso levar em conta que, aliado às características geográficas e de recursos humanos, é um poderoso indicador da alta concentração urbana do Estado do Rio de Janeiro, e do tipo de política de desenvolvimento econômico a ser implementada.

Classes	Totais
Restaur. e estabel.de bebidas,com servico completo	40.959
Transporte rodov. de passageiros, regular,urbano	34.784
Estabelecimentos hoteleiros	15.285
Transporte aereo, regular	6.235
Transporte ferroviario de passageiros, urbano	5.417
Atividades de agencias viagens e organiz.de viagem	5.322
Atividades auxiliares aos transportes terrestres	5.284
Atividades auxiliares aos transportes aereos	4.706
Atividades auxiliares aos transportes aquaviarios	3.043
Transporte rodov. de passageiros, regular,nao urb.	2.832
Transporte metroviario	2.567
Aluguel de automoveis	1.954
Transporte rodoviario de passageiros, nao regular	1.656
Transporte ferroviario interurbano	1.137
Transporte aereo, nao-regular	837
Outros tipos de alojamento	546
Transporte aquaviario urbano	183
Aluguel de outros meios de transporte terrestre	125
Transporte por navegacao interior de passageiros	39
Transp. reg. bondes/funic./telef. ou trens propri.	39
Aluguel de embarcações	15
Aluguel de aeronaves	12
TOTAL	132.977

Quadro 2 - Número de empregados por atividade econômica no Turismo

Fonte: Ministério do Trabalho – RAIS - 2005

Este fato caracteriza o Rio de Janeiro como um estado detentor de vantagens comparativas que o torna um centro econômico voltado para a economia de serviços, na qual o turismo é parte integrante. O Estado do Rio de Janeiro é o estado

mais visitado do Brasil, tendo recebido 1,6 milhão de turistas estrangeiros e 4,5 milhões de brasileiros, em 2006.

Dos estrangeiros que visitam o Brasil, 40% têm como destino a cidade do Rio de Janeiro, sendo Búzios a 9ª cidade brasileira mais visitada e Paraty a 19ª, segundo pesquisa da Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR). A cidade do Rio de Janeiro destacou-se, também, em relação ao turismo de negócios, tendo ocupado a 27ª posição entre as cidades que mais sediaram eventos, em 2004 (BUENO, 2007, p. 6).

O quadro 3 mostra os dados referentes ao turismo no Rio de Janeiro, no ano de 2007.

Período	Número de turistas	Renda gerada (em milhões U\$)	Média de renda gerada por turista (em U\$)
Carnaval	694 000	500	720,5
Verão	2 469 000	1 775	718,9

Quadro 3 - Número de turistas e renda gerada no Rio de Janeiro, período - 2007
Fonte: RIOTUR, 2008.

O Município do Rio de Janeiro recebe anualmente mais de dois milhões de turistas estrangeiros, o que o situa como a cidade mais visitada do País, segundo a EMBRATUR, com uma participação próxima de 33% do fluxo total de turistas estrangeiros que visitam o Brasil (APL..., 2007).

Segundo as informações da RAIS 2001, o conjunto de atividades vinculadas a este aglomerado de empresas no Município do Rio de Janeiro, compreendia 1.024 estabelecimentos, gerando 17.947 postos formais de trabalho, conforme Quadro 4 (APL..., 2007).

CNAE - Atividades Integradas	Empregos	N.º de Estab.	Remuneração (dez. 2001 - R\$)	Tam. Médio (empregos)	Remuneração Média (R\$)
Estabelecimentos hoteleiros, com restaurante	13.171	247	8.795.711	53,32	667,81
Atividades de agências de viagens e organizadores de viagem	4.776	777	3.267.565	6,15	684,16
Total	17.947	1.024	12.063.277	17,53	672,16

Quadro 4 - Características do Aglomerado Produtivo de Turismo Município do Rio de Janeiro

Fonte: SEBRAE-RJ, 2007 base de dados da RAIS (2001)

Em termos do tamanho médio de estabelecimento, este atingia 17,5 empregados para o conjunto das atividades, destacando-se o porte expressivamente mais elevado da atividade de estabelecimentos hoteleiros com restaurante (53,3 empregados), comparativamente à atividade de agências de viagem (6,15 empregados), conforme Quadro 5. No que se refere à remuneração média por empregado, esta atingia R\$ 672,00 para o conjunto das atividades, não diferindo significativamente entre os segmentos identificados (APL..., 2007).

CNAE - Atividades Integradas	Empregos por Faixas de Tamanho				
	0 a 19	20 a 99	100 a 499	Mais de 500	Total
Estabelecimentos hoteleiros, com restaurante	5,00%	51,70%	43,40%	0,00%	100%
Atividades de agências de viagens e organizadores de viagem	56,70%	27,70%	15,60%	0,00%	100%

Quadro 5 : Distribuição do Emprego por Faixa de Tamanho de Estabelecimento

Aglomerado Produtivo de Turismo – Município do Rio de Janeiro

Fonte: (SEBRAE, 2007 - base de dados da RAIS – 2001)

Vale destacar que em decorrência das externalidades positivas do turismo, o mesmo apresenta: aumento da renda via entrada de divisas, estímulo a investimentos externos de longo prazo, geração de empregos e distribuição de renda (PALHARES; SANTOS JUNIOR, 2001).

Barros e Moreira (2005b, p. 5) apontam que “particularmente na indústria do turismo, o diferencial dos destinos não é representado apenas pelos recursos naturais locais”. Os consumidores voltam-se para a qualidade e a eficiência dos serviços, presumindo que as empresas ajam de forma completa. Nesse contexto, os autores sustentam que: “[...] para um destino ser competitivo são exigidos não só os atrativos naturais, mas também de infra-estrutura e serviços de qualidade capazes de permitir a formação de uma vantagem sustentável e de um diferencial no mercado”.

Estudos sobre o tema turismo e desenvolvimento local têm despertado o interesse de pesquisadores no sentido de identificar este segmento; pode favorecer e desencadear o desenvolvimento local e a construção de redes cooperativas.

Uma cultura turística sempre remete a participação das pessoas na busca de melhores condições para tornar essa atividade possível como forma de gerar benefícios para a comunidade (DIAS, 2006).

Nesse sentido, como o turismo é um dos setores que mais se desenvolve no Brasil e no mundo, essa atividade é capaz de potencializar e dinamizar o desenvolvimento socioeconômico nos locais onde é praticado.

Os modelos de arranjos produtivos locais de turismo se apresentam como uma forma de organizar a produção local, articulando com os diversos atores locais (resultando em interação, cooperação e aprendizagem) e gerando conhecimento. Surgem como alternativa para proporcionar o desenvolvimento socioeconômico local. Entretanto, para se conhecer e mapear um arranjo produtivo local em turismo, faz-se necessário mapear o agrupamento dos atores envolvidos, conforme Barbosa e Zamboni (2000) indicam em sua metodologia.

O arranjo turístico pode ser representado por meio da construção de cinco círculos concêntricos, conforme mostra a figura 1, onde cada anel desempenha uma função.

O epicentro é constituído pelos atrativos locais, sejam naturais ou artificiais. O segundo anel, é composto pelos atores que compõem a infra-estrutura turística local, representadas pelos hotéis, pousadas, restaurantes, bares, meios de transportes, guias turísticos, ateliês de artistas e o comércio turístico. O terceiro anel é contemplado pelos atores sociais ligados direta e permanentemente à atividade (poder público local, os colegiados e as associações de classe), como a Prefeitura Municipal, SEBRAE, Secretaria de Turismo. O quarto anel inclui as instituições e órgãos de apoio com atuação supralocal (públicos federais e estaduais que atuam na área de turismo). O quinto anel, constitui o pano de fundo sobre o qual se desenvolve o turismo, contendo o meio urbano e rural e a estrutura de acesso.



Figura 1 – Anéis concêntricos do arranjo produtivo turístico
Fonte: Barbosa e Zamboni, 2000.

Na atividade de turismo se faz necessário uma mão-de-obra especializada para garantia da qualidade dos serviços prestados. Uma localidade que pretende incrementar o desenvolvimento pelo turismo, investir em qualificação profissional para a população local competitiva é uma estratégia, que além de proporcionar a inclusão e a distribuição de renda local, proporciona vantagem competitiva das empresas do Arranjo turístico, promovendo assim, o desenvolvimento econômico.

Mamberti e Braga (2006, p.11) chamam a atenção ao fato de “quando a atividade turística é organizada de modo sistêmico e integrado, os benefícios são tanto para as empresas quanto para os turistas e a economia local”. Desse modo, a estruturação de um Arranjo Produtivo Local de Turismo é capaz de promover a interação entre os atores e gerando sinergia aos envolvidos.

No que concerne ao planejamento sobre o turismo, esses autores apontam ainda que “o turismo deve ser planejado tentando encontrar equilíbrio entre a eficiência do crescimento econômico, igualdade na distribuição social dos recursos e respeitando as limitações ambientais”.

Vale destacar que o progresso e o sucesso de um APL de turismo trará diversas conseqüências para o local: conseqüências positivas e negativas, conforme mostra o quadro 6 (MAMBERTI; BRAGA, 2006).

Área	Impactos potenciais positivos	Impactos potenciais negativos
Economia	Receitas, empregos, nível de vida da população local, atração de investimentos	Inflação local, especulação imobiliária, concentração dos investimentos e perda de investimentos alternativos, custos em termos de infra-estruturas necessárias
Turismo e Comércio	Reconhecimento da região, novas infra-estruturas, maior acessibilidade	Preços mais elevados, desenvolvimento descontrolado do comércio local
Sociedade e Cultura	Maior empenho dos residentes na promoção dos eventos locais, reforço dos valores e tradições locais	Comercialização sazonal de atividades privadas, alteração dos costumes em função do turismo, custos sociais (prostituição, abuso de drogas e álcool)
Psicologia	Orgulho quanto aos costumes locais, reconhecimento da riqueza da troca com o outro	Atitudes defensivas face a outras culturas, hostilidades por dificuldade de comunicação
Política e Administração	Desenvolvimento local integrado	Mau planejamento, segregação socioespacial
Meio Ambiente	Novas infra-estruturas, conservação de algumas áreas, estratégias de gestão sustentável	Degradação ambiental, poluição, alteração de hábitos alimentares, produção excessiva e sazonal de resíduos sólidos

Quadro 6 - Impactos do Turismo

Fonte: Droulers e Milani (2002 *apud* MAMBERTI; BRAGA, 2006, p.10)

Sobre os impactos apontados no Quadro 6, percebe-se que:

- a) Para a economia o turismo é capaz de gerar receitas, empregos, melhoria do nível de vida da população local, atrair novos investimentos, em razão dos visitantes que buscam conhecer diversos aspectos do local. Em contrapartida, proporciona a inflação local na medida em os preços passam a serem formados para atender ao turista; a valorização do território leva a especulação imobiliária e por sua vez a geração de custos de infra-estrutura pelo poder público;
- b) O turismo e o comércio são reconhecidos pela existência efetiva de

turistas que visitam o local, ocasionando um comércio especializado com restaurantes, ateliês, lojas de artesanatos e outras; a infraestrutura local demandará de novos investimentos, ocasionando bem-estar a população local. Por sua vez, observa-se que por ser uma área turística, conforme comentado no item anterior, os preços tendem a serem elevados, e o comércio inclina-se a crescer de forma descontrolada;

- c) Percebe-se um maior empenho pelos residentes locais em fazer sobreviver e renovar a cultura local em vários de seus aspectos nos eventos realizados. Em sentido oposto, tem-se o choque cultural entre moradores e visitantes, e ainda a possibilidade de atividades privadas, sem vínculo com a comunidade receptora. Outro fato grave apontado no quadro 6 é a questão da alteração de comportamentos, tendo como destaque o turismo sexual, a prostituição, drogas e excesso de bebidas alcoólicas, criminalidade, barulho e o aumento de doenças sexuais transmissíveis;
- d) A comunidade local se sente orgulhosa e a renovação da identidade fica fortalecida em razão dos costumes locais e da riqueza em poder compartilhar com os visitantes estes costumes, valores e cultura. Porém, a dificuldade em comunicar-se com os visitantes podem levar a hostilidades por parte da comunidade receptora, como também em não aceitar sua cultura;
- e) Em termos políticos e administrativos, o turismo é capaz de gerar desenvolvimento social e econômico a partir de políticas públicas adequadas a esta finalidade. Em sentido oposto, o mau planejamento deixa de otimizar os investimentos públicos e desacelerar o ritmo dos melhoramentos e da qualificação desta região;
- f) Para o meio ambiente os impactos positivos são aqueles que se referem a novas infra-estruturas para facilitar a vida da população local, conservação de áreas e a implementação de estratégias de gestão sustentável. Porém, na contramão desses aspectos, percebe-se a degradação do meio ambiente, a poluição, produção excessiva de resíduos sólidos.

A partir dessas considerações constata-se que em muitos lugares o turismo surge como uma opção ao desenvolvimento local.

A literatura sobre arranjos produtivos locais no Brasil é extensa, e diversos trabalhos são apresentados por pesquisadores, destacando aspectos ligados a desenvolvimento local, governança, fatores críticos de sucesso, cooperação, sustentabilidade, capacitação, entre outros.

Dentre esses trabalhos, cabe destacar que em seu estudo sobre a cadeia cooperativa local no setor de turismo, na região de Canoa Quebrada-CE, Barros e Moreira (2004a), puderam identificar uma forte capacidade associativa local, sendo o caráter empreendedor dos empresários estudados uma característica marcante, apesar das dificuldades e interesses individuais das lideranças locais.

Mamberti e Braga (2006, p. 11) em seu trabalho apontam que por meio do mapeamento de uma cadeia produtiva também é possível descobrir se a arrecadação de impostos de base local gerada pelo turismo é representativa para a receita dos municípios e qual é a efetiva contribuição do desenvolvimento do setor na criação de novas oportunidades de emprego e na geração e distribuição de renda.

Cordeiro e Irmão (2006, p. 8) sugerem em seus estudos sobre Turismo e Globalização na Comunidade de Aver-O-Mar (Barra de Sirinhaém – PE) que as principais estratégias para o desenvolvimento de um turismo sustentável deve passar, antes de mais nada, pela capacitação e pelo *empowerment* da população local, de modo que esta esteja apta a planejar e gerir um turismo fundado em bases locais.

Todavia, Moura (2006, p. 225-226) aponta algumas dificuldades encontradas no estudo do Arranjo Produtivo Local de Turismo de São Luis, no Maranhão. Destaca, entre elas, que as atividades do APL se desenvolvem em ambiente disperso, onde a falta de cooperação pode ser vista como uma característica marcante, ou que, as interações entre as empresas são muito incipientes, e ainda que dada a limitação do processo de aprendizagem, compromete a dinâmica do processo inovativo, abaixo do que se poderia esperar.

Na mesma linha de raciocínio, Barbosa e Zamboni (2000, p. 40) apresentam no estudo de caso sobre o turismo na região de Bonito – MS, as principais

dificuldades observadas. Dentre elas, distinguem-se ausência de capacidade estratégica de grande parte dos agentes envolvidos (setores público e privado), limitando o alcance de resultados de médio e longo prazos, além daqueles de seus próprios interesses; falta de consciência da população local de seu papel na construção de uma cidade com ambiente ecoturístico.

É oportuno resgatar uma idéia de Marcon (2006) no que tange ao desenvolvimento do turismo para promover desenvolvimento local. Segundo a autora não se pode desvincular dessa atividade os efeitos que é capaz de produzir nas comunidades envolvidas, pois somente atinge-se a escala humana quando todas as pessoas tiverem condições de vida digna, capazes de garantir habitação, vestuário, segurança e lazer (MARCON, 2006).

Para Dias (2006) o êxito da atividade turística local reside no fato de que os resultados e os sucessos obtidos junto aos turistas, “seja reflexo do desenvolvimento sustentável do turismo, que deve estar relacionado à melhoria da qualidade de vida da população residente no destino turístico”.

Diante das pesquisas realizadas sobre o tema em estudo, percebe-se que um arranjo produtivo local de turismo, pode alavancar a economia do local, tendo como fundamental a participação de seus atores, sejam públicos ou privados, onde todos os esforços devem estar direcionados para a redução das diferenças sociais, da melhoria da qualidade de vida e do desenvolvimento local, de forma sustentável.

2.6 RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo abordaram-se as principais teorias que norteiam o estudo sobre os aglomerados de empresas, o desenvolvimento local, a cooperação entre empresas e a atividade de turismo. A atividade de turismo é capaz de gerar benefícios para as empresas que compõem o aglomerado, quanto para o local.

Os aglomerados de empresas visam à interação, à competitividade, à cooperação e à articulação entre empresa situadas num mesmo local. O quadro 7 apresenta uma síntese das características das empresas que compõem um aglomerado e que foi abordado no referencial teórico.

A cooperação entre as empresas permite que estas melhorem seu desempenho na área de atuação, minimizem as desconfianças mútuas e sejam capazes de promover o desenvolvimento local.

Considerando-se que as empresas que atuam no segmento de turismo compartilham o mesmo território e se integram na mesma cadeia produtiva, infere-se que estas compõem um aglomerado de empresas. O desenvolvimento local deve ser capaz de produzir crescimento aos atores locais, da mesma forma atender as necessidades humanas e sociais da população local.

Investir em capital social produz condições para o desenvolvimento econômico com uma eficiência e eficácia maior do que aqueles que só pensam em impulsionar o crescimento econômico, fomentar o surgimento de empresas, ou distribuir renda por meio de programas compensatórios estatais. O desenvolvimento é um movimento para mudar a vida de todas as pessoas proporcionando uma melhor qualidade de vida.

Abordagens	Ênfase
Distritos Industriais	<ul style="list-style-type: none"> • Alto grau de economias externas; • Elevado grau de especialização e interdependência, seja de caráter horizontal ou vertical. • Enfatiza mais o aspecto da concorrência, do que o da cooperação
Distritos Industriais Italianos	<ul style="list-style-type: none"> • Relações nas esferas: econômica, política, social, cultural; • Interação entre comunidade local e empresas; • Sentido de pertencimento.
<i>Clusters</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Eficiência coletiva; • Baseado em economias externas e em ação conjunta. • Enfatiza-se mais o aspecto da concorrência, do que o da cooperação. • Não contempla necessariamente outros atores, além das empresas.
Arranjos Produtivos Locais	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Aglomerações territoriais de agentes econômicos, políticos e sociais; ▪ Foco em um conjunto específico de atividades econômicas – que apresentam vínculos mesmo incipientes.
Sistemas Produtivos Locais	<ul style="list-style-type: none"> ▪ São arranjos produtivos em que interdependência, articulação e vínculos consistentes resultam em interação, cooperação e aprendizagem; ▪ Potencial de gerar o incremento da capacidade inovativa endógena, da competitividade e do desenvolvimento local; ▪ A percepção de transferência de informações e conhecimentos, depende da forma de difusão e das tecnologias.
Rede de Empresas	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Formato organizacional, definido a partir de um conjunto de articulações entre empresas, que pode estar presente em quaisquer dos aglomerados produtivos mencionados. • Envolve a realização de transações e/ou o intercâmbio de informações e conhecimentos entre os agentes, não implicando necessariamente na proximidade espacial de seus integrantes.

Quadro 7: Os aglomerados de empresas produtivas

Fontes: Adaptado pelo Autor: de LEMOS (2003); CASSIOLATO E LASTRES (2003); REDESIST (2008).

CAPÍTULO 3 METODOLOGIA

Neste capítulo será abordada a metodologia utilizada no presente estudo, identificando os sujeitos da pesquisa, descrevendo a coleta de dados e demonstrando o tratamento dos dados.

3.1 METODOLOGIA

Segundo Vieira (2006, p. 19) “a metodologia é uma parte extremamente importante, pois é a partir dela que os tópicos gerais de cientificidade (validade, confiabilidade e aplicação) poderão ser devidamente avaliados”.

A abordagem utilizada no trabalho caracteriza-se como qualitativa.

Mattar (1996) mostra que a pesquisa qualitativa oferece a possibilidade de se obter um maior conhecimento sobre o tema ou problema em foco, favorecendo a compreensão de conceitos e, sobretudo, ajudando na geração de informações para pesquisas específicas.

Na perspectiva de Vieira (2006, p. 110) “a pesquisa qualitativa busca criar uma situação experimental ou de observação que permita isolar o efeito de cada variável e caracterizar de forma precisa o impacto da ‘causa’ sobre o ‘efeito’”.

Destaque deve ser dado ainda a esse autor no sentido de que “outra importante característica da pesquisa qualitativa é que ela geralmente oferece descrições ricas e bem fundamentadas, além de explicações sobre processos em contextos locais identificáveis” (VIEIRA, 2006, p. 18).

Nestes termos, as abordagens qualitativas são especialmente úteis para determinar as razões e os porquês (ACEVEDO; NOHARA, 2006). Tem a capacidade de descrever a complexidade do comportamento humano: hábitos, atitudes, tendências de comportamento, etc (MARCONI; LAKATOS, 2007).

A fim de se obter respostas à questão de pesquisa proposta, optou-se pela realização de um estudo de caso, com base em uma pesquisa bibliográfica sobre os temas em estudo, complementada por uma pesquisa de campo. A pesquisa de

campo foi feita por meio de observação direta e entrevistas. A partir da utilização destes instrumentos objetivou-se conhecer os impactos que o aglomerado de empresas de turismo de Santa Teresa produz no desenvolvimento daquela região.

A pesquisa bibliográfica teve como objetivo a obtenção de sustentação teórica sobre os conceitos de desenvolvimento local, desenvolvimento local sustentável, espaços e territorialidade, pólos, aglomerados e arranjos produtivos e seu papel no desenvolvimento local. Esta pesquisa utilizou-se de livros, dicionários, jornais, artigos, teses e dissertações visando buscar informações concernentes aos assuntos trabalhados. Vergara (2004), assinala que a pesquisa bibliográfica fornece instrumental analítico para qualquer outro tipo de pesquisa.

Matar (2008) lembra que, em documentos conservados em órgãos públicos ou privados ou em arquivos públicos, existe uma riqueza a ser explorada. Com base nesta perspectiva, foram levantadas as documentações referentes a dados censitários e outras estatísticas elaboradas nos âmbitos federal, estadual e municipal com a finalidade de elaborar a caracterização socioeconômica da região de Santa Teresa.

“Toda pesquisa de campo parte da construção de um modelo da realidade. A partir desta realidade, podemos determinar as formas de observá-las”. (MATAR, 2008, p. 168). Reside aí uma questão interessante. Nesta perspectiva, este tipo de pesquisa teve como objetivo promover uma investigação no local onde ocorre o fato na sua situação natural (VERGARA, 2004; ACEVEDO; NOHARA, 2006). Sob este aspecto, esta pesquisa valeu-se principalmente da observação dos sujeitos de pesquisa envolvidos no Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo de Santa Teresa.

A observação direta tem como objetivo obter informações *in loco* utilizando os sentidos na tentativa de captar determinados aspectos da realidade (MARCONI; LAKATOS, 2007). É utilizada quando é preciso verificar as forças atuantes no ambiente em que se desenvolve o objeto de estudo.

Considerando a profundidade e o detalhamento do objeto de estudo, esta pesquisa também se caracteriza como um estudo de caso. Segundo Yin (2001, p.21): “[...] o estudo de caso contribui, de forma inigualável, para a compreensão que temos dos fenômenos individuais, organizacionais, sociais e políticos”.

Ainda na visão desse autor, o estudo de caso “investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos” (2001, p. 32).

Com efeito, Lakatos e Marconi (1991, p. 108) afirmam que o estudo de caso “consiste no estudo de determinados indivíduos, profissões, condições, instituições, grupos ou comunidades, com a finalidade de obter generalizações”.

Além do mais, o Estudo de Caso tem como vantagem focalizar acontecimentos recorrentes sem que se necessite a aplicação de controle sobre eventos comportamentais, isso porque se pode utilizar, entre outras técnicas, a observação (YIN, 2001).

3.1.1 Sujeitos da Pesquisa

Os sujeitos da pesquisa são os indivíduos que serão entrevistados ou observados fornecendo os dados que se necessita (ACEVEDO; NOHARA, 2006; VERGARA, 2004). No caso específico deste trabalho, os sujeitos da pesquisa podem ser identificados como os atores locais que estão diretamente envolvidos com o Aglomerado de Empresas de Turismo de Santa Teresa: os empresários que integram o setor de serviços da região, ligados a restaurantes, bares, agências operadoras de turismo, pousadas, hotéis; os artistas e proprietários de ateliês; os representantes das ONG's e de classe dos moradores (asfalto e favela) do bairro de Santa Teresa; atores do poder público do Município do Rio de Janeiro, bem como os moradores do bairro.

Cooper e Schindler (2003, p. 164) apontam que “a maior parte das populações pode ser segregada em diversas sub-populações mutuamente exclusivas, ou estratos”.

Em relação à amostra do presente trabalho precisava ser significativa, e que conseqüentemente, contemplasse a representatividade dos diversos seguimentos dos atores do Aglomerado Produtivo de Empresas de Santa Teresa, nas áreas de comércio e serviços, assim como das Associações de Moradores e de Classes, bem como as ONGs e os moradores locais.

Para efeitos deste trabalho de pesquisa, foi utilizado o critério de definição de amostragem denominado amostragem teórica.

Glaser e Strauss (2008) definem amostragem teórica como processo de coleta de dados para a geração de teoria por meio da qual o analista coleta, codifica e analisa conjuntamente seus dados, decidindo quais dados coletar a seguir e onde encontrá-los, a fim de desenvolver sua teoria quando esta surgir. Acrescentam que “dizer que alguém faz amostragem teórica significa que a amostragem, em vez de ser predeterminada antes de começar a pesquisa, se desenvolve durante o processo”.

Destaca Flick:

Na amostragem teórica, as decisões relativas à amostragem podem partir de qualquer um dos níveis: podem ser tomadas no nível dos grupos a serem comparados ou podem concentrar-se diretamente em pessoas específicas. Em ambos os casos, a amostragem de indivíduos, grupos ou campos concretos não se baseia nos critérios e técnicas usuais de amostragem estatísticas (2004, p. 79).

Dessa forma, a amostragem teórica considera que o pesquisador é quem decide quais informações são necessárias e onde encontrá-las, direcionando os questionamentos aos temas relevantes para o estudo em questão.

3.1.2 Coleta de Dados

Flick (2004, p. 189) sustenta que a interpretação dos dados coletados é o ponto fundamental para a tomada de decisões sobre quais dados ou casos serão os próximos a serem incorporados na análise.

Quando não houver mais o surgimento de dado novo ou relevante à pesquisa, é o momento de interromper a amostragem do grupo em estudo, pois atingiu-se a saturação teórica da categoria (FLICK, 2004, P. 80).

Para atender a estes pressupostos, os sujeitos foram agrupados em três grupos amostrais. O primeiro grupo foi constituído pelos atores – empreendedores – ligados ao comércio e a prestação de serviço do Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo de Santa Teresa, no sentido de obter respostas sobre os significados de suas práticas voltadas para a adoção de medidas que proporcionem o desenvolvimento local.

O segundo grupo amostral foi constituído pelas instituições públicas atuantes no local, como a 23ª Região Administrativa - órgão de mediação entre a Prefeitura do município do Rio de Janeiro e a população local -, a Secretaria Municipal de Turismo e o Museu Casa de Benjamin Constant, objetivando perceber quais as estratégias e os papéis desempenhados por esses agentes para promover e dinamizar o desenvolvimento local.

O terceiro grupo amostral foi composto pelos atores ligados à Associação de Moradores de Santa Teresa, ao Centro das Associações de Moradores de Favelas de Santa Teresa (CAMFAST), moradores locais, artistas plásticos e ONG's. O objetivo da investigação, neste grupo, foi compreender como as ações promovidas no Aglomerado Produtivo de Empresas de Santa Teresa expressam significado de promoção de melhoria de vida e desenvolvimento econômico e social na região.

Com base na revisão bibliográfica, foram elaboradas as ferramentas de pesquisa.

Nesta investigação, os dados de campo foram coletados por meio de observação direta e entrevistas em profundidade realizadas pessoalmente por esse pesquisador com os gestores dos estabelecimentos – atores locais - ligados a atividade turística: comércio e de prestação de serviços de entretenimento e cultura do bairro (restaurante, bar, agência operadora de turismo, pousada, e ateliê) e ONG's, objetivando identificar a trajetória dos atores ligados ao setor mencionado, como a idéia de cooperação migrou para o seu cotidiano operacional e como estas experiências (ou iniciativas ainda em estado embrionário) são percebidas por esses atores e, sobretudo, como tais atitudes geram desenvolvimento econômico e social no local.

Da mesma forma, os atores envolvidos em suas representações, por meio das Associações de Moradores (asfalto e favelas) e dos Artistas Plásticos, assim

como os moradores do bairro também foram entrevistados objetivando-se perceber, na visão desses atores, como as ações ligadas ao Aglomerado Produtivo de Turismo são capazes de proporcionar benefícios, elevando os padrões de qualidade de vida no local.

As entrevistas foram gravadas em fita-cassete, no sentido de tirar melhor proveito das mesmas e pelo fato de ser útil caso o pesquisador precisasse tirar alguma dúvida. Vale destacar que todas as entrevistas foram autorizadas pelos atores que participaram na pesquisa, após receberem os esclarecimentos necessários quanto aos objetivos do estudo.

A escolha em fazer a coleta de dados por meio de entrevista deu-se pelo fato de que, segundo Yin (2001, p. 114), estas “constituem uma fonte essencial de evidências para os estudos de caso, já que a maioria delas trata de questões humanas. [...] podem dar interpretações importantes para uma determinada situação”.

Na primeira fase do trabalho de coleta, foi elaborada uma entrevista que teve como objetivo conhecer o perfil do gestor das empresas aplicando-se uma entrevista com um roteiro semi-estruturado, que serviria como um pré-teste no sentido de encontrar falhas em relação à complexidade das questões, falta de clareza, falta de consistência do instrumento como um todo, falta de objetivo do estudo e da linguagem com o público alvo.

O pré-teste teve como objetivo verificar como o instrumento de coleta de dados se comportaria em uma situação real, e da mesma forma cronometrar o tempo médio necessário para a entrevista (ACEVEDO; NOHARA, 2006, p. 60).

Após a aplicação do pré-teste, o roteiro de entrevista semi-estruturado foi elaborado definitivamente.

O roteiro de entrevistas foi elaborado em três modelos: O modelo 1, que se divide em modelo 1A, 1B e 1C (Apêndices 1, 2 e 3) contemplou as empresas que se concentram no local; o modelo 2 (apêndice 4), as associações e poder público, enquanto que o modelo 3 (apêndice 5) , os moradores locais.

O modelo 1, se divide em três tipos: modelo 1A para bares e restaurantes, o modelo A2 para os meios de hospedagem e o modelo 1C, para a operadora de Turismo. Em sua primeira parte, o roteiro apresenta questões relativas a

informações básicas da empresa, incluindo número de empregados, escolaridade, tamanho do empreendimento, natureza do estabelecimento. A segunda parte do roteiro refere-se às causas da existência do Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo de Santa Teresa. A terceira, as conseqüências da participação nesta Aglomeração, e por fim, a perspectiva de desenvolvimento local.

O modelo 2 apresenta em sua primeira parte, a identificação e as funções desempenhadas pela instituição pública. A segunda parte objetivou-se identificar ações direcionadas para a melhoria da infra-estrutura básica que qualificam o desenvolvimento local de Santa Teresa. A terceira, as conseqüências da participação nesta Aglomeração, e por fim, a perspectiva de desenvolvimento local.

O modelo 3 em sua primeira parte identificou o morador local. Na segunda parte da entrevista, observou a percepção do morador sobre o que é desenvolvimento. E por fim, a terceira parte contemplou a existência do Aglomerado Produtivo de Turismo e suas conseqüências para o local.

A pesquisa de campo do Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo de Santa Teresa foi realizada nos períodos de 01 de agosto a 30 de novembro de 2008, com a realização das entrevistas com os principais atores locais. Foram entrevistados 22 atores locais.

Dentre os atores entrevistados, cinco são proprietários/dirigentes de microempresas: dois de restaurantes (Bar do Mineiro e Restaurante Sobrenatural), um de pousada (Pousada Casa Áurea), um da operadora de turismo local (Santa Teresa Tour) e um da rede de hospedagem Cama e Café.

Das associações, foram entrevistados três presidentes das mesmas: Associação dos Amigos e Moradores de Santa Teresa (AMAST), Coligação das Associações de Moradores de Favelas de Santa Teresa (CAMFAST) e a Associação dos Artistas Visuais de Santa Teresa (Chave-Mestra).

Os representantes dos órgãos públicos entrevistados constituíram em três entrevistas, a saber: Administrador Regional da XXIII Região Administrativa – Santa Teresa, a Assessora do Secretário de Turismo do Município do Rio de Janeiro e a Diretora da Casa Museu Benjamin Constant, órgão da administração federal.

Foram realizadas ainda três entrevistas, sendo duas com artistas plásticos proprietários de Ateliê e outra com o representante da ONG LUNUZ, que é uma

organização do terceiro setor que tem por objetivo gerar valor para a comunidade, integrar as pessoas que moram em uma determinada região. Moradores da região também foram entrevistados, totalizando oito moradores; destes, quatro eram moradores de algumas das dezessete favelas situadas no bairro.

3.1.3 Tratamento dos dados

Após coletados os dados por meio de entrevistas, teve início a análise destes dados onde foram empregadas técnicas de análise de conteúdo, que é um método de tratamento das informações obtidas, buscando torná-las compatíveis na construção da teoria a partir do significado e das explicações que os entrevistados atribuíram aos eventos pesquisados.

Como salientou Vergara (2006, p.15) a análise de conteúdo é uma técnica utilizada para o tratamento de dados que tem como objetivo identificar o que “está sendo dito a respeito de determinado tema”.

Reportando a Weber (1994), Roesch (2004) lembra que a análise de conteúdo usa uma série de procedimentos para levantar inferências válidas a partir de um texto. O método busca classificar palavras, frases ou mesmo parágrafos em categorias de conteúdo.

A primeira fase da análise de conteúdo da presente pesquisa foi a organização dos dados obtidos nas entrevistas. A partir das entrevistas gravadas, realizou-se a transcrição dos dados, após ser feita uma revisão dessas transcrições para que não ocorressem erros. Em seguida, realizou-se a leitura dos textos gerados, a fim de conhecê-los em profundidade.

O segundo passo foi demarcar o que seria analisado, estabelecendo o *corpus* da análise.

Após a leitura das respostas obtidas nas entrevistas, foram elaborados grades para análise de cada pergunta. Desta forma, 37 grades de análise foram elaboradas, uma para cada questão proposta, com o objetivo de melhor entendimento das respostas dos atores envolvidos.

Com os documentos preparados, realizou-se a codificação, definindo-se as unidades de análise e as categorias para esta análise, enumerando todos os temas abordados pelos entrevistados.

Entendem Strauss e Corbin (2008) que a codificação é o processo central por meio do qual as teorias são construídas a partir dos dados.

Na última fase do trabalho, a partir das categorias, unidades de contexto e as unidades de registro sublinhadas nas unidades de contexto, teve início a interpretação dos dados.

CAPÍTULO 4 ESTUDO DE CASO: O Aglomerado de Empresas de Turismo de Santa Teresa

Neste capítulo será abordado o caso do Aglomerado de Empresas de Turismo de Santa Teresa. O capítulo está organizado em três partes, sendo que na primeira delas apresenta o bairro de Santa Teresa. Na segunda parte, são apresentados os dados da pesquisa realizada. Na terceira, são analisados os dados obtidos sobre o Aglomerado de Empresas de Turismo de Santa Teresa.

4.1 APRESENTAÇÃO DO BAIRRO DE SANTA TERESA

O bairro de Santa Teresa nasceu nos arredores de um convento no Morro do Desterro, no Rio de Janeiro, no século XVIII. Seu nome tem como origem à invocação da sublime mística e reformadora do convento de freiras carmelitas, Santa Teresa de Jesus, nascida na lendária cidade de Ávila no coração da Espanha.

No século XIX, com a chegada das missões estrangeiras que acompanharam Dom João VI, os ricos e poderosos escolheram o morro para viver: a vista era linda, a água, de melhor qualidade, e o clima, mais ameno. No final do século, o bairro já estava completamente povoado por casarões nobres. A ocupação era predominantemente européia. No começo do século XX, com o burburinho dos visitantes, a maioria artistas que vinham se apresentar no Municipal, muitas mansões passaram a abrigar hotéis de luxo, como o velho Hotel Santa Teresa. Santa tornou-se a nossa Montmartre (MONTEIRO, 2008).

Nos anos 60, no entanto, o glamour começou a descer a ladeira. Uma tempestade de três dias seguidos, em 1966, destruiu casas, matou pessoas, isolou o bairro e expôs a fragilidade da infra-estrutura local (MONTEIRO, 2008)

Bairro da Região Central do Rio de Janeiro, pertencente a 23ª Região Administrativa, além de ser ponto de referência cultural da cidade, está situada no centro da área mais urbanizada e desenvolvida do Rio de Janeiro (Figura 2). O bairro, que ocupa área de 5,70 Km², faz fronteira com o Alto da Boa Vista, Rio

Comprido, Catumbi, Cidade Nova, Centro, Glória, Catete, Laranjeiras, Cosme Velho e Humaitá, conforme se observa na Figura 3.

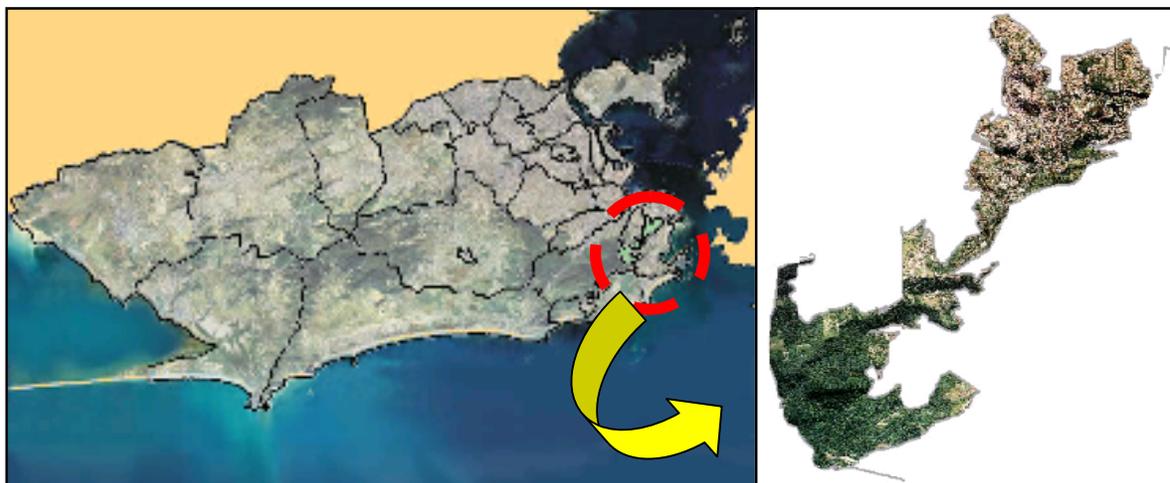


Figura 2: Mapa do Município do RJ c/ detalhe de Santa Teresa
Fonte: Portal Rio Geo, 2008 - Adaptado pelo autor

O alto de Santa Teresa é ocupado pelas favelas Baronesa, Morro dos Prazeres, Fallet, Morro da Coroa, Travessa Vista Alegre e Francisco Castro.

Em 2002, de acordo com o documento Agenda 21 local de Santa Teresa, as favelas do entorno, onde residiam 10.155 pessoas, eram: Morro Paula Ramos (Parque Rebouças e Acomodado), Vila Santa Alexandrina, Fogueteiro (Eliseu Visconti e Unidos de Santa Teresa), Morro Dona Marta (Santa Marta), Fazenda Catete, Vila Pereira da Silva, Júlio Ottoni, Guararapes e Vila Santo Amaro (AGENDA 21 LOCAL, 2002, p.14).



Figura 3 : Mapa de Santa Teresa – R.J.
Fonte: [www. Hotelmauabelavista.com.br](http://www.Hotelmauabelavista.com.br)

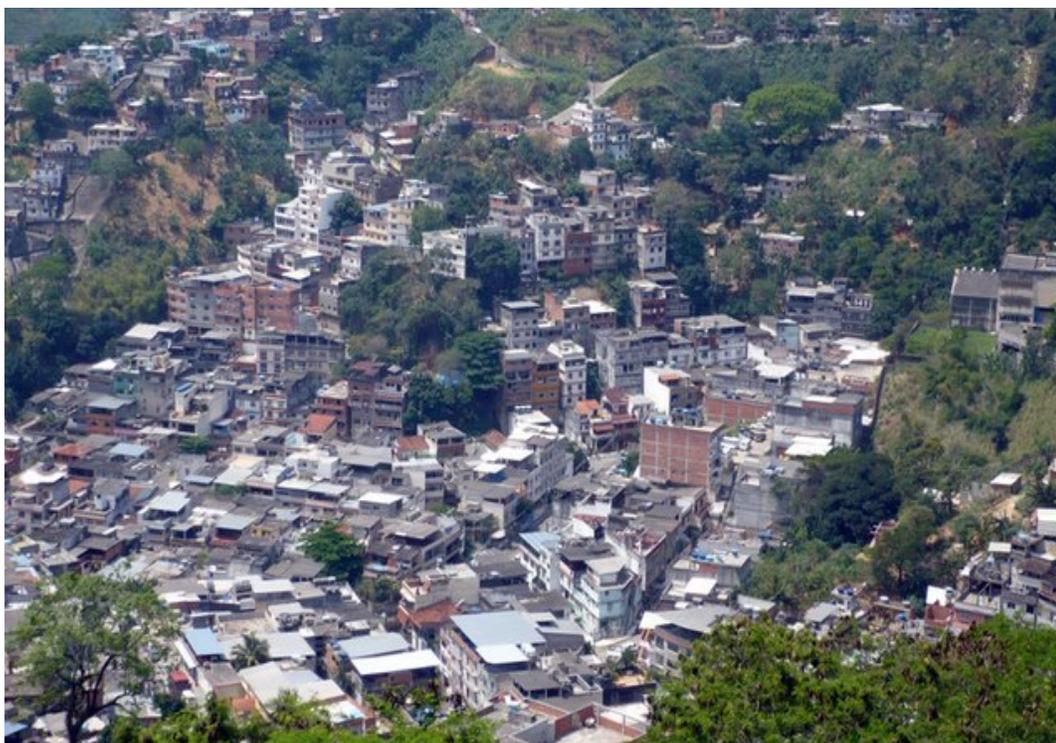


Figura 4: Vista da Comunidade dos Prazeres – Santa Teresa

Fonte : picasaweb.google.com/.../OTM9CRY9mP0WGholekkv5Q

Santa Teresa abrange 27% de área não urbana, considerada Área de Proteção do Ambiente Cultural (APAC), sob a tutela da Secretaria Municipal de Cultura, através do Departamento Geral de Patrimônio Cultural (DGPC). Existem 11.265 edificações registradas no Cadastro do IPTU do bairro, sendo 0,1% construções de utilização pública (parques, praças, jardins e outros), 98,2% construções residenciais, 1,6% construções comerciais e de serviços e 0,1% construções industriais. (ADEMIRJ, 2007).

Segundo estatísticas da Secretaria Municipal da Cidade do Rio de Janeiro, Santa Teresa possui 41.145 habitantes, 19.231 homens e 21.914 mulheres. Quanto à faixa etária, 40,4% dos residentes é adulta, 14,2% crianças, 11,5% adolescentes, 21% jovens e 16,1% idosos. Aproximadamente 93% dos moradores são alfabetizados, 34,7% possuem o ensino fundamental, 40% possuem o ensino médio, e quase 20% o ensino superior completo (ADEMIRJ, 2007).

O bairro possui 12 escolas, oito particulares, uma estadual e três municipais. Tomando-se a população do bairro em seu conjunto, em 2002, cerca de 20%

estudavam ou tinham filhos estudando no bairro, sendo que 11,5% estudavam em escolas públicas e 7% em escolas particulares. Os moradores que estudavam ou tinham filhos estudando fora do bairro correspondia a 15,5%.. Os demais moradores (64,4%) não estudavam ou não tinham filhos estudando, no momento da pesquisa. Percebia-se, no entanto, diferenças significativas entre moradores do asfalto e de favelas, neste aspecto: 40% dos moradores de favelas estudavam ou tinham filhos estudando no bairro, sendo que 33% em escolas públicas e 7% em escolas particulares, enquanto que 21% informaram à pesquisa realizada que estudavam ou tinham filhos estudando em escolas fora do bairro. Já, dentre os moradores do asfalto, 16,6 % informaram que estudavam ou tinham filhos estudando no bairro, sendo que 8,1% em escolas públicas e 7,2% em escolas particulares. Os dados sugerem coincidência entre a escolha do local da escola e a proximidade com o local do trabalho do responsável (AGENDA 21 LOCAL, 2002, p. 35).

Com relação ao tema educação, em 2006, o Rio Como Vamos (2008), apresenta os seguintes indicadores referentes ao Ensino Fundamental (Quadro 8) e ao Ensino Médio (Quadro 9) :

Descrição	%	Classificação
Distorção de idade no ensino privado (alunos com 2 anos ou mais de defasagem em relação a idade ideal)	7,00	MÉDIA
Distorção de idade no ensino público (alunos com 2 anos ou mais de defasagem em relação a idade ideal)	18,80	ALTA
Distorção de idade	14,12	ALTA
Abandono ensino privado	0,11	ALTA
Abandono ensino público	2,56	ALTA
Abandono total	1,59	ALTA
Reprovação ensino privado	2,54	ALTA
Reprovação ensino público	21,70	PRECÁRIA
Reprovação total	13,73	BAIXA

Quadro 8: Classificação indicadores Educacionais em Santa Teresa - Ensino Fundamental
Fonte: www.riocomovamos.org.br – adaptado pelo autor – 2006

Descrição	%	Classificação
Distorção de idade no ensino privado (alunos com 2 anos ou mais de defasagem em relação a idade ideal)	15,43	BAIXA
Distorção de idade no ensino público (alunos com 2 anos ou mais de defasagem em relação a idade ideal)	81,62	PRECÁRIA
Distorção de idade	65,75	BAIXA
Abandono ensino privado	0	ALTA
Abandono ensino público	21,34	BAIXA
Abandono total	15,89	MÉDIA
Reprovação ensino privado	5,88	ALTA
Reprovação ensino público	26,07	PRECÁRIA
Reprovação total	19,94	BAIXA

Quadro 9: Classificação indicadores Educacionais em Santa Teresa - Ensino Médio
 Fonte: www.riocomovamos.org.br – adaptado pelo autor - 2006

Verifica-se nos quadros supracitados que dos itens apresentados, a reprovação dos alunos nos dois níveis (fundamental e médio) da rede pública, é que se destacam por obterem uma classificação precária.

Em 2002, dos 13.703 domicílios, 57% são próprios, quitados ou em aquisição, 36,6% são alugados, 4% cedidos, 2,2% possuem outra condição de ocupação, onde a média é de aproximadamente três moradores residentes por domicílio (AGENDA 21 LOCAL, 2002, p. 14).

Vale destacar que os indicadores de Trabalho e Renda, retirados da Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílio (PNAD/IBGE) e da Pesquisa Mensal de Emprego (IBGE) e apresentado pela entidade Rio Como Vamos, só foram disponibilizados para o município do Rio de Janeiro, e não por bairro. Neste sentido, o rendimento médio domiciliar em setembro de 2006 no Município do Rio de Janeiro era de R\$ 2.540,08 (RCV, 2008).

No entanto em Santa Teresa, em 2002 (AGENDA 21 LOCAL, 2002, p. 14), considerando os valores do salário mínimo no período, o rendimento mensal médio dos responsáveis pelos domicílios era de R\$ 1.154,69. Considerando o rendimento

nominal mediano, conclui-se que metade da população recebia menos de R\$ 600,00. A maior parte dos moradores residia em domicílios onde os responsáveis ganhavam entre 1 ½ e 10 salários mínimos, sendo que: 10,46% ganhavam entre 1 ½ e 2 s.m.; 12,11% entre 2 e 3 s.m.; 16,92% entre 3 e 5 s.m. e 20,77% entre 5 e 10 s.m.

Outra questão importante trata-se da intensidade da pobreza. Quando este indicador no ano de 2.000 tinha como referência a linha de R\$ 37,50, Santa Teresa ocupava o 10º lugar no *ranking* das Regiões Administrativas. Todavia, quando essa linha era mensurada com o valor de R\$ 75,50, sua colocação perdia oito pontos, alcançando o 18º lugar no *ranking*.

Considerando o bairro de Santa Teresa em seu conjunto, em 2002, 33,6% de seus moradores com mais de 17 anos eram empregados com carteira de trabalho assinada; 17,2% aposentados e 15,6% trabalhavam por conta própria. Era menor a proporção de desempregados na população do asfalto (4,2%) do que nas favelas (7,9%). Não se registrou, entre os moradores das comunidades de favelas, quem ocupasse a situação de empregador, empresário ou empreendedor, categoria com baixa proporcionalidade também entre os habitantes dos estratos mais urbanizados (0,9%) (AGENDA 21 LOCAL, 2002, p. 34).

Santa Teresa conta com duas linhas de bondes, 3 linhas de ônibus, uma cooperativa de taxis, além de linhas de kombis e moto-taxis.

O quadro 10 mostra que os bondes (Figura 5) são mais que atrativo turístico local, são na realidade um meio de transporte muito utilizado pelos moradores mesmo com todas as deficiências apresentadas. Atualmente, a Companhia Estadual de Engenharia de Transportes e Logística – CENTRAL da Secretaria Estadual de Transportes, administra o sistema de bonde de Santa Teresa, operando hoje com as seguintes linhas : Carioca – Paula Mattos (3,35 km) e Carioca-Dois Irmãos (4,65 km). O trecho Dois Irmãos-Silvestre não se encontra em operação (Figura 6).

Ano	Passageiros	Total de Número de Partidas	Total de Quilômetros Percorridos (1)	Linha Dois Irmãos		Linha Paula Matos		Especiais (2)	
	Transportados			Número de Partidas	Quilômetros Percorridos (1)	Número de Partidas	Km Percorridos	Número de Partidas	Km Percorridos (1)
2004	952 860	17 052	133 690	8 116	73 191	8 295	52 010	641	8 489
2005	642 059	12 795	99 375	6 212	56 290	6 317	40 222	266	2 863
2006	462 052	9 205	71 653	4 926	44 566	4 168	26 480	111	607
2007	577 466	10 168	73 629	4 688	40 194	5 242	32 950	238	485

Quadro 10 : Passageiros transportados em bondes – 2004 - 2007

Fonte: www.portalgeo.rio.gov.br



Figura 5: O bonde de Santa Teresa

Fonte: arpoadorbedandbreakfast.com/fotos/bonde220.jpg

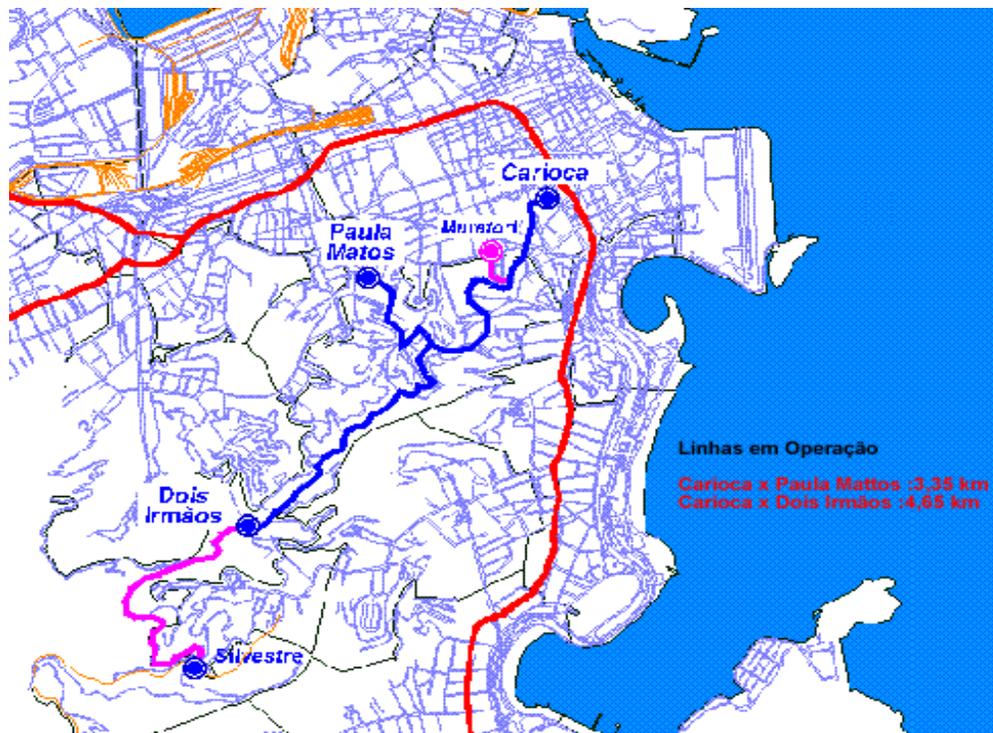


Figura 6: Percurso percorrido pelos bondes de Santa Teresa
 Fonte: www.sectran.rj.gov.br/bonde/bonde_rede.asp

Em 2007, conforme o Rio Como Vamos (2008), Santa Teresa apresenta classificação ALTA no item vítimas de trânsito fatais, com indicador ZERO por cem mil. No item vítimas não-fatais de trânsito, tem também a classificação ALTA, com o indicador de 60,03 por cem mil.

O bairro possui uma administração regional (23ª R.A.), uma delegacia policial (7ª D.P.), um posto de policiamento (Posto de Policiamento Comunitário de Santa Teresa/3ª Companhia do 1º Batalhão da Polícia Militar), um destacamento de bombeiros (1º Destacamento de Socorro Florestal e Meio Ambiente), um posto da COMLURB (AGENDA 21 LOCAL, 2002, p. 15).

O bairro de Santa Teresa é apontado como um dos bairros mais desiguais da cidade. Nele se vive hoje o resultado de um abismo entre uma população trabalhadora com poder aquisitivo alto, uma população trabalhadora com baixíssimo poder aquisitivo e uma população marginal. Tomando-se a Rua Almirante Alexandrino, em direção ao Cristo Redentor, verifica-se a existência de um bolsão de

miséria do lado direito e um bolsão de riqueza do lado esquerdo (AGENDA 21 LOCAL, 2002, p. 36).

Corroborando com tal afirmação o Portal Geo Rio apresenta o Índice de Gini de 0,56 para o bairro de Santa Teresa. Esse indicador mede o grau de desigualdade existente na distribuição de indivíduos segundo a renda domiciliar per capita. Seu valor varia de 0, quando não há desigualdade (a renda de todos os indivíduos tem o mesmo valor), a 1, quando a desigualdade é máxima (apenas um indivíduo detém toda a renda da sociedade e a renda de todos os outros indivíduos é nula) (Portal Geo Rio, 2008).

Num ranking por Regiões Administrativas em 2000, Santa Teresa ocupava o 2º lugar, perdendo uma posição somente para Barra da Tijuca, conforme mostra o quadro 11, as dez primeiras colocações.

1 °	Barra da Tijuca	0,61
2 °	Santa Teresa	0,56
3 °	Lagoa	0,56
4 °	Rio Comprido	0,55
5 °	Jacarepaguá	0,54
6 °	Ilha do Governador	0,54
7 °	Guaratiba	0,53
8 °	Copacabana	0,52
9 °	Campo Grande	0,51
10 °	Ramos	0,51

Quadro 11: Ranking do Índice GINI, por Região Administrativa, RJ
Fonte: Portal Geo Rio, 2000

É importante destacar outros dois indicadores apresentados pela entidade Rio Como Vamos referentes a indigência e a pobreza no Município do Rio de Janeiro em 2007: O índice de indigência corresponde a 3,20% e o índice de pobreza, de 10.70% que representam respectivamente, o percentual da população municipal com renda até 1/4 do salário mínimo, e com renda per capita até 1/2 salário mínimo (RCV, 2008).

No que concerne a violência em Santa Teresa em 2007, o Rio Como Vamos (2008) oferece os indicadores referentes a violência por domicílio (Quadro 12) e a violência por local de ocorrência (Quadro 13).

Descrição		Classificação
Agressão a criança	31,12 por 10 mil	PRECÁRIA
Agressão a idoso	22,89 por 10 mil	BOA
Agressão a mulher	7,21 por 10 mil	ALTA
Homicídio	26,82 por 100 mil	ALTA
Homicídio juvenil masculino	156,11 por 100 mil	MÉDIA
Morte total por intervenção legar	5,36 por 100 mil	MÉDIA
Morte juvenil: intervenção legal	0 por 100 mil	ALTA

Quadro 12 : Classificação indicadores da violência em Santa Teresa por domicílio
Fonte: www.riocomovamos.org.br – adaptado pelo autor – 2007

Descrição	por 100 mil	Classificação
Crimes fatais	43,66	MÉDIA
Crimes violentos não fatais	635,80	PRECÁRIO
Roubo a transeunte	507,54	MÉDIA
Roubo em coletivo	65,49	BOA
Roubo a estabelecimentos e residências	68,22	BAIXA
Roubo de veículos	275,6	MÉDIA
Crimes sexuais	21,83	BAIXA

Quadro 13 : Classificação indicadores da violência em Santa Teresa por local de ocorrência
Fonte: www.riocomovamos.org.br – adaptado pelo autor - 2007

Verifica-se em ambos os quadros que dos itens apresentados, o crime contra crianças e os crimes violentos não fatais se destacam por apresentarem uma classificação precária. Em contrapartida, a agressão contra a mulher, homicídios, morte juvenil: intervenção legal, são bem avaliados pois são contemplados com a classificação ALTA.

Santa Teresa está incluída no Plano Estratégico da Cidade do Rio de Janeiro na Região Centro - terceira área, composta ainda pelos bairros do Catumbi, Rio Comprido. Esta área caracteriza-se por alta declividade e alta densidade de drenagem, destacando-se aí, os Rios Comprido e Papa-Couve, que nascem em Santa Teresa. É de suma importância para preservação do meio ambiente controlar a ocupação de suas encostas e promover o reflorestamento (PLANO ESTRATÉGICO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO).

Em 1982, o projeto da Câmara Municipal do Rio de Janeiro (Lei Municipal 495), transformou o bairro em APA - Área de Proteção Ambiental, a primeira do Brasil. Posteriormente foi também criada a APAC - Área de Proteção do Ambiente Cultural de Santa Teresa (AGENDA 21 LOCAL, 2002, p. 8).

O atendimento público de saúde à população de Santa Teresa é feito pelo posto Centro de Saúde Municipal Ernani Agrícola. Existem ainda três hospitais particulares credenciados pelo SUS, cujos leitos não são, entretanto, para o atendimento exclusivo dos moradores do bairro. Há também dois estabelecimentos de saúde, não credenciados pelo SUS: Casa de Saúde São João de Deus e Casa de Saúde Saint Roman. O Hospital Silvestre presta determinados atendimentos à população de baixa renda de Santa Teresa que não conta com cobertura de planos de saúde e assistenciais particulares (AGENDA 21 LOCAL, 2002, p. 23).

Em 2002, pouco mais da metade dos moradores utilizavam o posto de saúde de Santa Teresa. A população das comunidades utilizava quase duas vezes mais (75,8%) estes serviços em relação à população do asfalto (47,6%), fato já esperado, considerando que essas comunidades possuem menor poder aquisitivo e, portanto, menos acesso a serviços de saúde privados. A avaliação dos serviços oferecidos pelo posto de saúde é positiva para 34,4% dos moradores (AGENDA 21 LOCAL, 2002, p. 23).

O Rio Como Vamos (2008) disponibiliza os indicadores referentes ao tema saúde em Santa Teresa em 2007. O quadro 13 mostra a classificação referente a mortalidade no bairro.

Descrição		Classificação
Mortalidade infantil	8,91 por mil	BOA
Mortalidade neonatal precoce	6,68 por mil	MÉDIA
Mortalidade neonatal tardia	0 por mil	ALTA
Mortalidade pós neonatal	2,23 por mil	ALTA
Mortalidade materna	0 casos	ALTA
Mortalidade por causas mal definidas	4,92 por cem	BOA
Mortalidade juvenil masculina	289,92 por cem mil	BOA

Quadro 14 : Classificação indicadores da Mortalidade em Santa Teresa
 Fonte: www.riocomovamos.org.br – adaptado pelo autor

Segundo o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) na Cidade do Rio de Janeiro (2003), é possível comparar os anos de 1991 e 2000 de Santa Teresa/Cosme Velho, conforme mostra o Quadro 15 (Portal geo.Rio, 2008).

DESCRIÇÃO	1991	2000
EXPECTATIVA DE VIDA AO NASCER (em anos)	68,60%	74,06%
TAXA DE ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS (%)	94,10%	96,14%
TAXA BRUTA DE FREQUÊNCIA ESCOLAR (%)	75,47	92,6
RENDA PERCAPTA (em R\$)	540,84	701,19
ÍNDICE DE LONGEVIDADE (IDH-L)	0,727	0,818
ÍNDICE DE EDUCAÇÃO (IDH-E)	0,879	0,950
ÍNDICE DE RENDA (IDH-R)	0,823	0,867
ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO MUNICIPAL	0.810	0.878

Quadro 15 : ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO MUNICIPAL
 Fonte: Portal geo.Rio, adaptado pelo autor

Num *ranking* de 126 bairros ou grupos de bairros, verifica-se que o IDH de Santa Teresa/Cosme Velho, avança do 39º lugar em 1991 para o 34º, em 2000,

apresentando um IDH considerado alto – 0,878 em 2000, uma vez que a faixa de classificação correspondente é de 0,800 a 1,000.

O Índice de Educação aumenta em 8% no período de 1991 a 2000, o Índice de Longevidade de 12,5% e o Índice de Renda em 5%.

A taxa de expectativa de vida ao nascer apresenta uma variação de 5 pontos, representando um crescimento de 8%, enquanto que a taxa bruta de frequência escolar avança 17 pontos, ou 22%.

Vale destacar que o município do Rio de Janeiro, ocupa a 60^a posição no *ranking* nacional, e 2^a, no estadual.

Outro índice apresentado pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro (Portal Geo Rio, 2008) é o Índice de Desenvolvimento Social – IDS. Este índice utiliza dez indicadores, construídos a partir de variáveis do Censo Demográfico 2000 do IBGE. Tais indicadores cobrem quatro grandes dimensões de análise:

a) Dimensão Acesso a Saneamento Básico

Porcentagem dos domicílios com serviço de abastecimento de água adequada - aqueles que têm canalização interna e estão ligados à rede geral; Porcentagem dos domicílios com serviço de esgoto adequado - aqueles que estão ligados à rede geral e Porcentagem dos domicílios com serviço adequado de coleta de lixo - aqueles que dispõem de coleta direta ou indireta de lixo.

b) Dimensão Qualidade Habitacional

Número médio de banheiros por pessoa;

c) Dimensão Grau de Escolaridade

Porcentagem de analfabetismo em maiores de 15 anos; Porcentagem dos chefes de domicílio com menos de quatro anos de estudo e Porcentagem dos chefes de domicílio com 15 anos ou mais de estudo.

d) Dimensão Disponibilidade de Renda

Rendimento médio dos chefes de domicílio em salários mínimos; Porcentagem de analfabetismo em maiores de 15 anos; Porcentagem dos

chefes de domicílio com menos de quatro anos de estudo; Percentagem dos chefes de domicílio com 15 anos ou mais de estudo; Percentagem dos chefes de domicílio com rendimento igual ou superior a 10 salários mínimos e Percentagem dos chefes de domicílio com renda até dois salários mínimos.

Segundo a Prefeitura do Rio de Janeiro (Portal Geo Rio, 2008), as dez variáveis escolhidas cobrem um amplo espectro sócio-urbanístico, caracterizando situações relativas tanto ao domicílio quanto às pessoas que o habitam. O IDS pode assumir qualquer valor entre 0 e 1, sem que necessariamente tenha que assumir os valores 0 e 1.

O IDS carioca foi calculado para um grupo de referência constituído por todos os setores censitários do IBGE com dados pertinentes; todas as favelas, assim consideradas pelo IBGE no Censo 2000 e todos os 158 bairros e as 32 Regiões Administrativas (RA) recenseados em 2000.

O quadro 16 compara os Índices de Desenvolvimento Social de Santa Teresa e Lagoa.

Num *ranking* de 32 Regiões Administrativas, o bairro da Lagoa ocupa o 1º lugar, enquanto que Santa Teresa se destaca na 10º posição.

Quando são apresentados os indicadores referentes às 504 favelas do Município do Rio de Janeiro pesquisadas, quatro comunidades de Santa Teresa - Baronesa, Coroa, Prazeres e Fallet - aparecem ocupando as 10ª, 109ª, 284ª e 340ª posições, respectivamente.

O quadro 17 mostra os Índices de Desenvolvimento Social das comunidades de Santa Teresa contempladas para elaboração desses indicadores.

Santa Teresa possui oito museus e centros culturais públicos, tendo como pontos turísticos mais visitados no bairro o Bonde de Santa Teresa, Museu Chácara do Céu (figura 7), Museu Casa de Benjamim Constant (figura 8), Parque das Ruínas, Hotel Santa Teresa (antiga fazenda de Santa Teresa), Igreja de Nossa Senhora das Neves, Museu do Bonde, Academia Brasileira de Literatura de Cordel, Mirante do Rato Molhado, Centro Cultural Laurinda Santos (figura 9), entre outros (ADEMIRJ, 2007). A Figura 10, apresenta o mapa da localização dos diversos pontos turísticos

de Santa Teresa, elaborado pela Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

Descrição	Santa Teresa	Lagoa
Índice de Desenvolvimento Social	0,608	0,786
% de domicílios particulares permanentes com rede de água adequada	99,61	99,14
% de domicílios particulares permanentes com rede de esgoto adequada	90,62	98,96
% de domicílios particulares permanentes com coleta de lixo adequada	99,96	99,98
Número médio de pessoas por banheiro	0,44	0,88
Percentagem dos chefes de domicílio com menos de quatro anos de estudo	15,65	6,06
Percentagem dos chefes de domicílio com 15 anos ou mais de estudo	19,86	53,41
Percentagem de analfabetismo em maiores de 15 anos	3,18	1,58
Percentagem dos chefes de domicílio com renda até dois salários mínimos	31,04	10,71
Percentagem dos chefes de domicílio com rendimento igual ou superior a 10 salários mínimos.	18,76	64,71
Rendimento médio dos chefes de domicílio em salários mínimos	6,99	27,59

Quadro 16 : ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL - 2000

Fonte: www.portalgeo.rio.gov.br

Descrição	Baronesa	Coroa	Prazeres	Fallet
Índice de Desenvolvimento Social	0,559	0,509	0,467	0,446
% de domicílios particulares permanentes com rede de água adequada	100,00	99,80	98,81	98,47
% de domicílios particulares permanentes com rede de esgoto adequada	100,00	99,02	66,81	24,05
% de domicílios particulares permanentes com coleta de lixo adequada	100,00	100,00	99,78	100,00
Número médio de pessoas por banheiro	0,33	0,31	0,29	0,32
Percentagem dos chefes de domicílio com menos de quatro anos de estudo	20,34	34,83	33,73	29,39
Percentagem dos chefes de domicílio com 15 anos ou mais de estudo	0,00	1,37	1,40	1,15
Percentagem de analfabetismo em maiores de 15 anos	5,29	4,34	7,60	3,48
Percentagem dos chefes de domicílio com renda até dois salários mínimos	35,59	58,02	61,42	56,11
Percentagem dos chefes de domicílio com rendimento igual ou superior a 10 salários mínimos.	6,78	0,49	1,62	1,15
Rendimento médio dos chefes de domicílio em salários mínimos	4,13	2,37	2,35	2,51

Quadro 17 : ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL - FAVELAS 2000
 Fonte: www.portalgeo.rio.gov.br

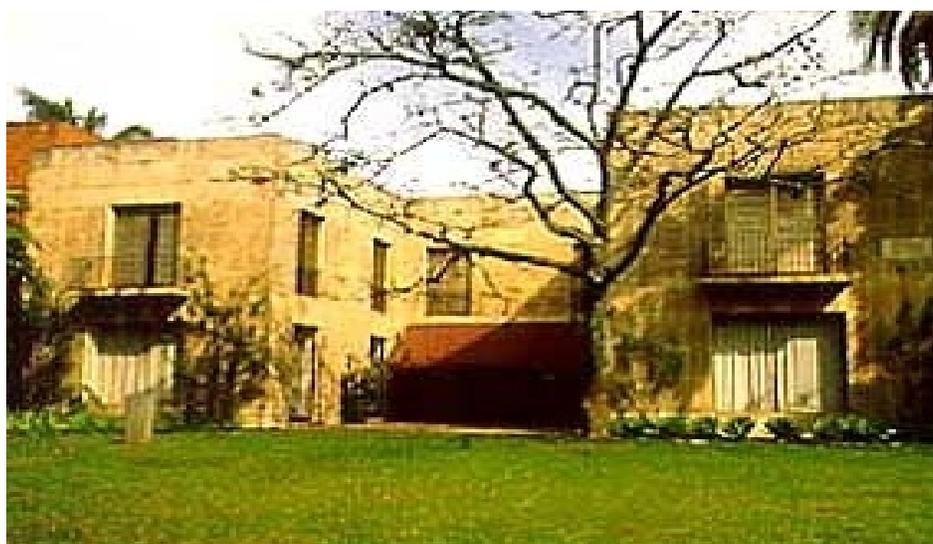


Figura 7: Museu Chácara do Céu
 Fonte: estacaosantateresa.wordpress.com



Figura 8: Museu Casa de Benjamin Constant
Fonte: www.mat.ufrgs.br/~portosil/benja5.html



Figura 9: Centro Cultural Laurinda Santos
Fonte: www.ideias.org.br/.../r_instcult.asp?cat=2&n=1



Figura 10: Mapa dos pontos turísticos de Santa Teresa - RJ

Fonte: http://www.faperj.br/interna.phtml?obj_id=2055

É Considerado o bairro ideal para intelectuais e artistas, pois parece ter parado no tempo, mantendo há dezenas de anos o aspecto do Rio antigo.

Em outubro de 2008, foi reaberto o velho Hotel Santa Teresa, mais conhecido como Hotel dos Descasados. Segundo jornal O Globo (MONTEIRO, 2008, p. 35) “Santa, marcado pela chegada nos últimos anos de hordas de estrangeiros - principalmente franceses - que arremataram boa parte dos palacetes locais, atraídos pelos preços amigáveis [...]”, passa a viver um momento simbólico em razão da inauguração do Hotel (figura 11). O hotel possui quatro mil metros quadrados de área construída, cercados por jardins, pátios tropicais, palmeiras e árvores frutíferas. Para François (MONTEIRO, 2008), a idéia dos investidores é transformar o hotel em um projeto filantrópico. Depois de recuperar o que foi gasto na compra e na reforma do prédio, a renda será revertida para as comunidades do bairro. O novo Hotel Santa Teresa já tem alguns aspectos sociais. Boa parte dos funcionários contratados é das favelas da área.



Figura 11: Detalhe do Hotel SantaTeresa
Fonte: Jornal O Globo, 14 set. 2008

Santa Teresa é símbolo da contracultura e da arte exibida nos muitos ateliês que tomaram conta do bairro com características próprias.

Um dos eventos mais conhecidos de Santa Teresa é o Arte de Portas Abertas (Figura 12) que já está em sua 18ª edição. Este evento iniciou quando 17 ateliês abriram suas portas em meados da década de 1990, o que propiciou, no decorrer do tempo, descortinar uma série de possibilidades, que ultrapassaram o espaço geográfico e se dirigiram para questões que envolvem o fazer artístico contemporâneo. Atualmente Santa Teresa tem 80 ateliês. O Arte de Portas Abertas é sempre realizado entre os meses de junho a julho, reunindo vários artistas visuais e impulsiona a frequência aos eventos artísticos que ocorrem em instituições tradicionais, como museus, galerias e espaços culturais, na medida em que propõem um convívio com os processos de criação e produção daquilo que é exposto. A figura 13 apresenta uma obra artística premiada, cujo tema é Santa Teresa.



Figura 12: Evento Arte de Portas Abertas 2008
Fonte: www.chavemestra.com.br/index1.htm



Figura 13: Os arcos da Lapa e o bondinho de Santa Theresa
Fonte: Ateliê Valter Gaudio, 2008

Santa Theresa é um pólo gastronômico do Rio de Janeiro, principalmente ao redor do Largo dos Guimarães, área nobre do bairro. São mais de 30 bares e

restaurantes dos mais variados estilos e culinárias, entre elas alemã, japonesa, italiana, mexicana e a típica cozinha brasileira (figuras 14 e 15).



Figura 14 : Restaurante Sobrenatural
Fonte: ovaledasbonecas.blogspot.com/2008/03/



Figura 15 : Bar do Mineiro
Fonte: feijoadascariocas.blogspot.com/2008_08_01_arc

Abriga 150 empreendimentos vinculados à Rede Empresarial de Santa Teresa (REST), os agentes culturais locais - restaurantes, bares, lojas de artesanato, ateliês de pintura e pousadas.

Em 27 de Janeiro de 2006, pelo Decreto Nº 26.199 (Anexo A), o Prefeito da Cidade do Rio de Janeiro, cria o Pólo Gastronômico, Cultural e Turístico da Santa Teresa, compreendendo a área formada pelos seguintes trechos: partindo da

estação de bondes da Carioca, subindo pela Rua Joaquim Murinho, em direção ao Largo do Curvelo e ruas no entorno (Dias de Barros e Murinho Nobre), seguindo pela Rua Almirante Alexandrino até o Largo dos Guimarães e ruas no entorno (Carlos Brant, Ladeira do Castro, Ladeira dos Meirelles, Triunfo), onde se encontra um polígono formado pelas ruas Aprazível, Aarão Reis, Paschoal Carlos Magno e Almirante Alexandrino (que compreende ainda as ruas Monte Alegre, Áurea, Laurinda Santos Lobo, Teresina, Felício dos Santos e Constante Jardim), de onde se segue em direção ao Largo do França e, por fim, às Paineiras.

Em razão deste Decreto Municipal, a Prefeitura incentivará a promoção do local, mediante apoio dos órgãos envolvidos, visando a preservar o livre trânsito de veículos e transeuntes; o ordenamento público; a harmonia estética; a sinalização indicativa dos estabelecimentos participantes; e a repressão ao comércio ambulante irregular.

A partir da experiência da rede Cama e Café, em 2002, Santa Teresa entrou no roteiro do guia *Lonely planet*, a bíblia dos viajantes, e ganhou matérias em jornais importantes como o inglês *The Guardian* e o americano *The New York Times*, além de diversas reportagens em revistas (MONTEIRO, 2008),

É importante destacar que com todo esse glamour, o mercado imobiliário em Santa Teresa está fervilhando. Estão à venda casarões de várias épocas, que estão sendo adquiridos por europeus, na sua grande maioria por franceses (MONTEIRO, 2008).

4.2 APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Nesta seção serão apresentados os dados obtidos por meio das entrevistas realizadas com os atores que integram o Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo de Santa Teresa (Comerciantes locais, presidentes das associações representativas de classes e de ONG, artistas plásticos moradores, das comunidades e do asfalto).

Inicialmente, serão apresentados os dados que formam o perfil dos 22 entrevistados.



Gráfico 1: Sexo dos atores entrevistados
Fonte: Autor - 2008

O perfil dos entrevistados foi avaliado, inicialmente. Em relação ao sexo, 32% dos entrevistados foram do sexo feminino e 68% do sexo masculino (vide gráfico 1).

Quanto à escolaridade, a maioria dos entrevistados (9) relatou ter curso superior completo (41%). Já 5 (23%) indicaram ter ensino médio, 3 (14%) ensino médio incompleto, 4 (18%) superior incompleto e 1 (5%) mestrado (Gráfico 2). Em relação à faixa etária, a maioria dos entrevistados enquadra-se entre 20 e 30 anos de idade (36%), seguido pela faixa etária entre 40 e 50 anos (27%). As faixas etárias entre 30 e 40 e entre 50 e 60 tiveram o mesmo número de entrevistados, 3 (14%). Já a faixa etária entre 60 e 70 anos foi representada por 2 entrevistados (9%) (vide gráfico 2).



Gráfico 2: Profissão dos entrevistados
Fonte: Autor - 2008

Em relação à profissão dos entrevistados, o gráfico 2 demonstra que a maioria foi constituída de comerciantes (18%), seguida pelos artistas plásticos (14%). Outras profissões também foram contempladas na pesquisa.

Quanto ao tempo de residência dos moradores no bairro de Santa Teresa, verificou-se que 6 (60%) moram entre 0 e 10 anos e 1 (10%) entre 11 e 20 anos e 2 (20%) entre 21 e 30 anos e 1 (10%) entre 31 e 40 anos.



Gráfico 3: Local de trabalho dos entrevistados
Fonte: Autor – 2008

Em relação à atuação no bairro, verificou-se que dos moradores entrevistados, 6 trabalham em Santa Teresa e 4 atuam em outros bairros (vide gráfico 3). Dos moradores entrevistados que trabalham no bairro, 2 são da operadora local de turismo, 2 nos projetos da TV Morrinhos, 1 em sua produtora de vídeo, e 1 em seu ateliê. É importante destacar que por meio de observação foi constatado que nos novos empreendimentos que surgiram no Aglomerado Produtivo de empresas produtivas do bairro, o Hotel Santa Teresa privilegia a contratação de funcionários residentes no local enquanto que em contraposição o Restaurante Ásia tem apenas um funcionário que é residente no local.

No que tange a reinauguração do Hotel Santa Teresa, em reportagem publicada pelo Jornal O Globo, François Delort, representante do grupo francês que investiu no empreendimento assim argumenta: [...] **Boa parte dos funcionários contratados é das favelas da área** (MONTEIRO, 2008, grifo nosso). Hoje o Hotel Santa Teresa oferece 70 vagas de empregos aos moradores das comunidades do bairro

Especificamente nos empreendimentos comerciais, foi questionado se a mão-de-obra utilizada era local. Dos comerciantes respondentes, 75% afirmaram que toda a mão-de-obra era resultante do bairro, enquanto que 25% responderam que alguns são.

Com relação aos comerciantes que utilizam mão-de-obra local, inquiriu-se o porquê dessa utilização. Um dos comerciantes entrevistados relata o motivo pelo qual sua empresa efetua a escolha de seus colaboradores:

Todos são moradores de Santa Teresa. A escolha por moradores local é porque as **pessoas conhecem a área**, todas as ruas, **historia do bairro**. Hoje em dia é difícil conhecer a historia do bairro, tem que ser mesmo um morador. E assim damos um pouco de renda ao morador de Santa Teresa (grifo nosso).

Para outro comerciante entrevistado o principal motivo da utilização da mão-de-obra local em seu estabelecimento é:

Na minha pousada tenho quatro empregados. **Toda mão-de-obra é local, por causa da economia de ônibus.** A gente tem que pagar o auxílio transporte, o que acaba encarecendo (grifo nosso).

Os gastos com despesas de transportes foram apontado por 50% dos entrevistados. Contudo outros 50% dos entrevistados indicaram que o fato de conhecerem a história do bairro é um motivo relevante para essa contratação.

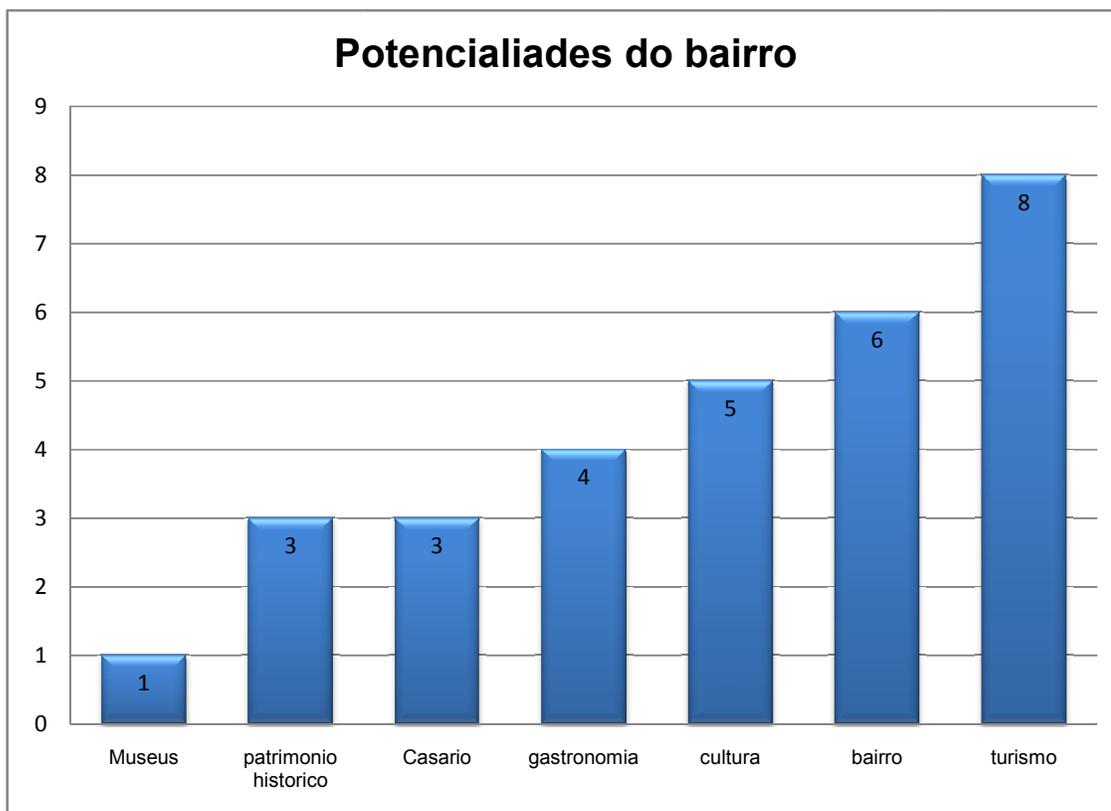


Gráfico 4: Potencialidades de Santa Teresa
Fonte: Autor – 2008

Das entrevistas realizadas com os atores do Aglomerado de empresas e com os moradores locais, o turismo obteve 27% das indicações como sendo uma das potencialidades de Santa Teresa. As características naturais do bairro e a cultura obtiveram, respectivamente, 20 % e 17% das escolhas. Em seguida, os entrevistados apontaram a beleza dos casarios (10%), o patrimônio histórico (10%) e os museus (3%) como potencialidades do bairro (vide gráfico 4).



Gráfico 5: Maiores problemas de Santa Teresa
 Fonte: Autor - 2008

Dentre os maiores problemas de Santa Teresa levantados pelos entrevistados (atores do Aglomerado e moradores locais), os meios de transportes (bondes, ônibus, transportes alternativos) correspondem a 24% das respostas. A infraestrutura e a segurança correspondem a 14% das entrevistas. A iluminação pública foi apontada em 11% das respostas. Os demais itens apresentaram as seguintes porcentagens: ruas estreitas, favelização, tráfico de drogas e saúde, 5% cada; os preços exorbitantes cobrados pelo comércio, a diferença social, a especulação imobiliária, a poluição sonora e o abandono do bairro pelo poder público, 3% cada (vide gráfico 5).

Ao ser perguntado aos moradores locais e aos representantes das associações de moradores (AMAST e CAMFAST) se conheciam o Aglomerado de Empresas Produtivas de Turismo de Santa Teresa, a grande maioria dos entrevistados respondeu que tinham conhecimento da existência desse arranjo de empresas.

Foi inquirido aos entrevistados (moradores e suas representações – Associações de bairro) se percebiam a existência de diálogo entre os moradores e as entidades que compõem o Aglomerado de Empresas Produtivas de Turismo. Dentre as respostas obtidas, algumas merecem destaque. Uma das moradoras relata que “não existe diálogo com a comunidade”. Outro morador entrevistado acredita que “um dialogo realmente não aconteça, o que acontece é uma pequena divulgação, porém existem alguns projetos ótimos [...]”. Outro morador assim aponta “as vezes, quando ocorre um grande evento no bairro”.

Todavia, para outros moradores entrevistados, essa questão é assim percebida: “Existe um forte diálogo entre os participantes” ou ainda “Eu não vejo uma única coisa que se organiza, mas eu vejo várias forças atuando”.

Desta forma 46% dos entrevistados (7) responderam que não percebem a existência de tal diálogo. Todavia, 27% disseram que existe diálogo (4), 20% responderam que somente em alguns momentos (3), e 7% não souberam responder (1).

Foi perguntado aos entrevistados (moradores locais e suas respectivas representações – Associações de bairro) se a população local se une e se empenha na tentativa de minimizar os problemas existentes no bairro. Um dos moradores faz a seguinte observação:

Olha, posso dizer para você que não. Infelizmente o pessoal é muito solto. A pessoa se acomoda. Quando se tenta trazer o novo, tentando mudar o estilo de vida que começou errado e você se acostumou, já esta acomodado.

Na mesma linha de raciocínio outro morador entrevistado assim indica:

Não vejo a população de Santa Teresa se unindo e se empenhando para resolver seus problemas não, sempre fui morador da região e a única manifestação que vejo é sobre a privatização dos bondes. O transporte é

um problema seríssimo em Santa Teresa e jamais vi algo pra tentar mudar isso.

Entretanto, outros moradores responderam de forma afirmativa: para a artista plástica “Sim, Santa Teresa tem uma população esclarecida, organizada e atuante”. Um morador embora concorde com a existência de união “[...] muitos movimentos são realizados, os resultados é não que conseguem ser muito legal”. Uma resposta que representa união entre todos os moradores do bairro foi a visão de um morador da comunidade onde “cada vez mais existe união entre as comunidades e o asfalto para fazer de Santa Teresa um bairro de qualidade”.

No ponto de vista de um artista plástico entrevistado essa união acontece de forma esparçada e politizada:

Em épocas sim, em épocas não. Nossa associação de moradores faz uma reivindicação mais pesada, mais contundente contra o governo para ações de melhoria. Alguns moradores são mais politizados. Quando eles falam que vão privatizar os bondes, antes disso acontecer, muita água vai rolar. Muita gente vai pra rua, muita gente vai botar faixa.

Das respostas alcançadas, 47% responderam que sim, 33% responderam que não e 20% responderam que em alguns momentos sim e em outros não (vide gráfico 06).

Dos entrevistados que responderam sim, e as vezes sim, as vezes não, foi perguntado de que forma se dava essa união e empenho. Promover a discussão dos problemas para melhoria do bairro foi respondido por 40% dos entrevistados. Fazendo manifestações e pressões, 30%, Reivindicar melhorias, 20% e, unindo os moradores das favelas com os moradores do asfalto, 10%.

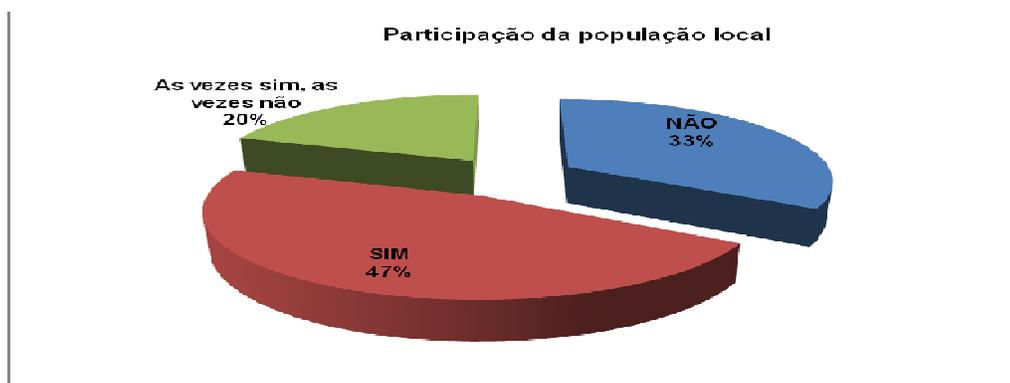


Gráfico 06: Participação da população local
Fonte: Autor - 2008

Uma questão relevante na pesquisa objetivava investigar qual a percepção dos atores locais em relação ao termo desenvolvimento. Dentre as respostas apresentadas, 50% responderam que desenvolvimento significa crescimento em suas várias perspectivas (coletivo, uniforme, não destrutível).

Para um ator entrevistado, desenvolvimento “é uma forma de crescimento uniforme, uma coisa não só isolada, entendeu? Seria de toda comunidade”. Sob o ponto de vista de um ator da comunidade: “pra mim, desenvolvimento é crescimento. Por exemplo, se um bairro está se desenvolvendo é porque está crescendo, se aperfeiçoando cada vez mais”. Outro entrevistado define desenvolvimento da seguinte maneira: “É uma forma de crescimento não destrutível de forma que traga benefícios para a comunidade”.

No entanto um entrevistado é mais contundente em sua definição. Em sua perspectiva desenvolvimento “é tudo aquilo que oferece um crescimento para o local, seja com projetos sociais, turismo ou com o comércio, fazendo com que a economia do local cresça”.

Para os demais entrevistados (10% em cada categoria) entendem desenvolvimento como melhoria da qualidade de vida, serviços e produtos, segurança, projetos e lucro.

Considerando o entendimento do que é desenvolvimento, e que os últimos indicadores que mensuram estes aspectos pelas instituições públicas de pesquisa são do ano de 2000 (enquanto o aglomerado foi oficializado em 2006 pela Prefeitura), outra questão relevante para a pesquisa foi investigar se na percepção dos atores locais o Aglomerado de Empresas de Turismo é capaz de proporcionar desenvolvimento ao bairro. A grande maioria dos entrevistados (80%) reconhece que o turismo e as empresas que atuam neste segmento promovem o desenvolvimento no bairro (vide gráfico 7). Na compreensão de um morador do asfalto entrevistado:

Acho que o turismo é capaz de trazer desenvolvimento a Santa Teresa e a todas as comunidades do bairro. Um exemplo é o Hotel de Santa Teresa que abre espaço para guias turísticos, motoristas de taxis, cozinheiras, empregados para o hotel, assim como empregos para os restaurantes.

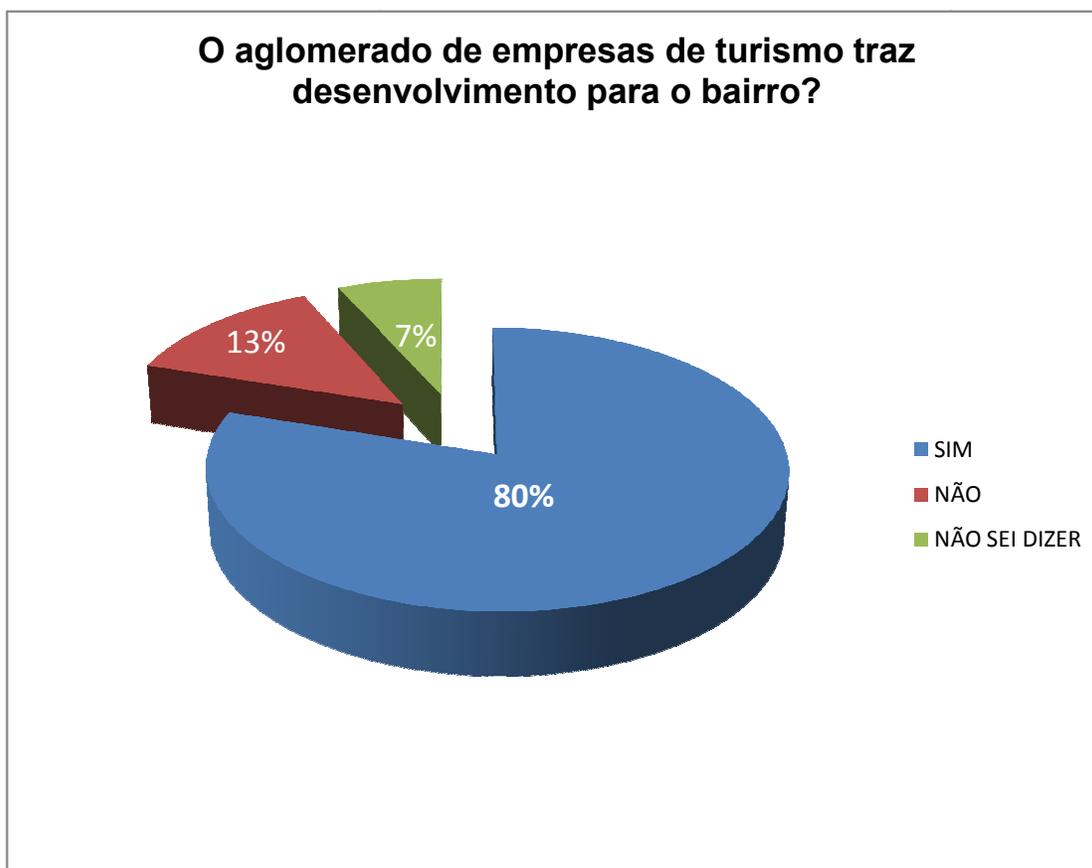


Gráfico 07: Percepção dos atores locais quanto ao desenvolvimento gerado pelo Aglomerado Produtivo de Turismo de Santa Teresa
Fonte: Autor - 2008

Na percepção de um morador das comunidades o aglomerado contribui para o desenvolvimento do bairro “porque no momento em que procura se desenvolver as coisas dá uma estrutura melhor para os visitantes, acaba dando uma estrutura melhor para os moradores”.

Dos entrevistados que responderam que o aglomerado de empresas é capaz de gerar algum tipo de desenvolvimento local, 73% das respostas identificam que geração de emprego e renda é o maior benefício. Para o representante da CAMFAST: ” Eu acho que na renda, a mão-de-obra que conseguimos empregar é muito grande. Acho fantástico”.

No entendimento de uma moradora da comunidade entrevistada, o aglomerado produtivo “Contribui com geração de empregos e melhoria de vida”

Todavia, na visão do representante do Cama e Café o aglomerado de empresas de turismo “não contribui apenas gerando empregos e renda para a comunidade mas valorizando a identidade da comunidade, sua auto-estima e o respeito ao próximo”.

A melhoria da qualidade de vida corresponde a 17% das respostas, enquanto que a identidade da comunidade e o aquecimento da economia local são contemplados com 7% e 3%, respectivamente.

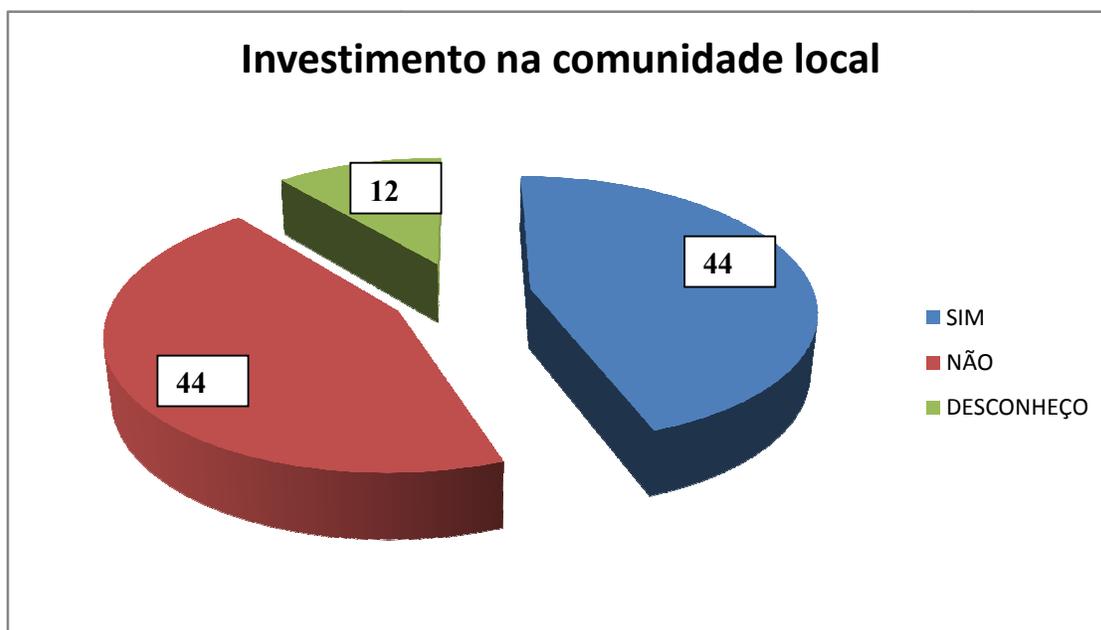


Gráfico 08: Investimento na comunidade local

Fonte: Autor - 2008

Ao pesquisar se os atores envolvidos no aglomerado de empresas produtivas de turismo investiam na comunidade local, verificou-se o empate entre os respondentes (moradores locais) que disseram sim e os que disseram não, correspondendo a 44% para cada categoria. Apenas 12% dos entrevistados desconheciam tal investimento (vide gráfico 08).

O representante da CAMFAST relata que não há investimento por parte dos atores do aglomerado de empresas. Complementa seu discurso desta maneira:

Não há investimento. Todo o trânsito de turistas à Santa Teresa, brasileiro ou não, ele **não passa do Largo dos Guimarães para cima**. Quando muito ele vai de bonde ao Largo dos Prazeres. **Ele não tem acesso às comunidades**. Uma vez ou outra um desgarrado vai até lá em cima e é abordado pelo pessoal da Associação e retorna dali mesmo. **Não há apoio para as comunidades. Os restaurantes sim, estes apóiam as comunidades (grifo nosso).**

Na opinião de um morador do asfalto entrevistado, existe investimento na comunidade, na medida em que investem no seu próprio negócio.

Os entrevistados que responderam que os atores investem na comunidade local, identificam que esse investimento se expressa sob a forma de geração de renda para o morador local, elaboração de projetos para desenvolver o bairro e melhoria da infra-estrutura, e que investem na comunidade na medida em que investem em seus próprios negócios.

Ao se investigarem as conseqüências decorrentes da atuação do Aglomerado Produtivo de Turismo no local obteve-se como principal resposta a capacidade de se oferecer empregos para a comunidade, com 38% das respostas, corroborando mais uma vez a importância do arranjo em gerar empregos para no bairro. As demais respostas obtidas, cada uma com 13%, registraram questões como a uma melhor segurança do bairro, a realização de projetos de ações de inclusão social, serviços mais caros e conseqüentemente o esvaziamento do bairro e um bairro melhor de se viver.



Gráfico 09: Ações para promover o desenvolvimento local de Santa Teresa

Fonte: Autor – 2008

O gráfico 09 revela de que maneira as instituições envolvidas no aglomerado de empresas de turismo de Santa Teresa contribuem para a melhoria da qualidade de vida, a geração de renda e da exclusão social na promoção do desenvolvimento local. A geração de renda para moradores carentes aparece em primeiro lugar nas respostas, com 23%. Em seguida, as ações ligadas a programa de qualificação dos moradores da comunidade, melhoria dos serviços públicos, criação de postos de trabalho e programa de qualificação dos moradores das comunidades carentes, obtiveram 15% das respostas cada um. Por fim, a criação de área de lazer e cultura gratuita para a comunidade recebeu cada uma destas respostas, 8%.

4.2.1 Aglomerado Produtivo de Santa Teresa e Infra-estrutura

A questão infra-estrutura trata de uma temática de extrema importância na análise urbana.

Diversas medidas vêm sendo tomadas para assegurar a manutenção de uma infra-estrutura adequada, avaliando-se tanto do ponto de vista funcional como estético. Estas são intervenções realizadas especialmente pelos órgãos públicos.

Um dos relatos do responsável da AMAST indica que a organização foi fundada justamente com o intuito de sanar problemas na infra-estrutura no local, que exigia medidas em caráter emergencial. Essa instituição foi criada em 1978.

O histórico de deslizamento de encostas e a depreciação do patrimônio arquitetônico histórico do local foram indícios que medidas eram necessárias. Foi em 1978 que a instituição foi criada.

Algum progresso foi obtido a partir da década de 80, em que a região é decretada como Área de Proteção Ambiental (APA), e caracterizando o bairro como residencial. Também neste período, especificamente em 1986 ocorre o tombamento do bondinho.

De acordo com os entrevistados quanto aos problemas de infra-estrutura muito freqüentes no bairro, foi possível constatar que a existência de obras irregulares e a má iluminação são alvos mais freqüentes de queixas dos moradores. Outras questões como segurança, locais próprios para estacionamento e transporte

público, em especial, o bondinho, foram as mais citadas entre os interessados como alvos iminentes de melhorias para maximizar o turismo local (vide gráfico 5).

Nesse sentido, um morador entrevistado comenta sobre a segurança do bairro:

Segurança é um dos maiores, problemas, apesar de ter melhorado muito pois agora a Polícia Militar está nos pontos mais estratégicos do bairro com uma vigilância maior no bairro.

O representante da XXIII Região Administrativa de Santa Teresa relata que:

Hoje os maiores problemas concentram-se na questão da segurança: a iluminação em alguns trechos do bairro funcionam de forma precário em razão do furto de cabos. A reposição se procede de forma lenta já que a Prefeitura não dispõe de material de reposição, pois depende de processo licitatório para aquisição. As ruas do bairro são estreitas, e os veículos se espremem pelas calçadas criando dificuldades para o pedestre. Santa Teresa não tem um local para estacionamento. O transporte público é precário: após determinado horário não tem meios de transportes oficiais para o Bairro. É aí que os transportes ilegais preenchem esses espaços. E a segurança do bairro ainda é algo muito reclamada pelos moradores.

Segundo esse entrevistado a Região Administrativa preocupa-se não só com a segurança do bairro “[...] quem tem fama de não ser muito boa”, como da manutenção da limpeza das ruas do bairro, e afirma ainda que existe investimento dos poderes públicos no local.

Quanto aos aspectos referentes ao investimento do poder público no local, o representante da Operadora de Turismo Local, atestou da seguinte forma:

Existe investimento do poder público em Santa Teresa. Temos aulas de inglês, espanhol, história e fotografia. Fica o treinamento aberto para quem se interessar. A prefeitura libera uma verba a cada seis meses para promover os cursos de treinamento. O Ministério de Turismo oferece cursos de treinamento para a comunidade., e o SEBRAE, treinou o pessoal para o curso de guias de turismo.

Pelas respostas dos entrevistados observou-se que alguns moradores não tinham conhecimento sobre a articulação entre a prefeitura e outros órgão públicos referentes à infra-estrutura e às associações.

4.2.2 O Aglomerado Produtivo e o comércio em Santa Teresa

Trata-se de uma unanimidade entre os entrevistados que o segmento comercial consiste em uma das principais potenciais do bairro, especialmente, em relação aos bares e restaurantes, (vide gráfico 4) que oferecem uma grande variedade de pratos.

Santa Teresa, por se tratar de um bairro turístico, tem um direcionamento de investimento comercial para tal. Entretanto, um ponto negativo para a população local no que tange ao desenvolvimento turístico refere-se ao preço abusivo dos produtos.

Em Santa Teresa, verifica-se que a aglomeração das empresas no ramo do turismo contribui para ampliar o crescimento das empresas no local, bem como, permitiu vantagens competitivas em alguns ramos, tais como: gastronomia e hotelaria. O bairro, especializou-se em todas as vertentes que o turismo nacional e internacional pode oferecer, através de uma rede de conveniências entre pessoas físicas e jurídicas que atuam no local, e que atuam de forma direta e indireta no atendimento ao turista, oferecendo atrações e acomodações. Cabe destacar que Santa Teresa enquanto bairro oferece diversas opções para o turismo, uma vez que o bairro não é alvo de grandes empreendimentos hoteleiros. No entanto, o bairro vem sendo alvo de investimentos relacionados ao turismo cultural. Desta forma, de acordo com o representante da AMAST, é importante o desenvolvimento do setor turístico na região, através de práticas de turismo sustentáveis, que não agredam o patrimônio histórico cultural, o meio ambiente e a qualidade de vidas dos moradores em geral.

A seguir serão apresentados os empreendimentos de comércio e serviços que foram investigados no âmbito desta pesquisa.

4.2.2.1 Restaurante Sobrenatural

O restaurante Sobrenatural está estabelecido em Santa Teresa há 16 anos, e tem como característica principal, segundo seu proprietário, promover as raízes cariocas com noites de música e gastronomia. É especializado em frutos do mar e se destaca pela qualidade de seus pratos e pelas rodas de samba e chorinho alternadas nos dias de semana.

A proprietária do restaurante sobrenatural mencionou as características do seu estabelecimento e sua repercussão para o turismo no bairro e nas associações organizadas. Trata-se de um estabelecimento com 21 funcionários, sendo que, a maioria tem apenas primeiro grau completo.

O comércio local é um dos chamarizes do turismo em Santa Teresa. Do mesmo modo, estes estabelecimentos empregam moradores do local, principalmente, por apresentar uma economia em relação ao transporte (vide Gráfico 3).

Em seu estabelecimento, alguns funcionários residem no próprio bairro e outros em bairros mais distantes. A empresa investe nos funcionários através de capacitação, o que representa um benefício do ponto de vista social, permitindo a qualificação dos funcionários. O treinamento está associado à garantia de qualidade dos produtos oferecidos.

Desta forma, a capacitação foi realizada a partir da elaboração do Manual de boas práticas e treinamento dos garçons. Outras empresas já ofereceram treinamento em estabelecimentos comerciais deste naipe de Santa Teresa, em associação com o Cama e Café. Contudo, especificamente no restaurante Sobrenatural, não foi realizado ainda nenhum tipo de treinamento oferecido por instituições públicas ou privadas.

De acordo com a entrevistada, o diferencial para o sucesso do restaurante está na qualidade da comida e nos cuidados de manipulação. Para ela o preço do local não é acessível aos moradores, mas a proprietária garante que na medida em que emprega pessoas do bairro e atrai turistas ao local, está beneficiando de forma indireta para a redução da exclusão social do bairro.

A proprietária do restaurante Sobrenatural informa que há um importante papel do Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo de Santa Teresa no que tange a qualidade de vida, a geração de renda diminuindo a exclusão social na promoção do desenvolvimento local.

Para a entrevistada as conseqüências de sua participação no Aglomerado de Empresas de Turismo são de “poder oferecer emprego aos moradores locais e oportunidade aos artistas do bairro. Eu acho a participação super válida,[...]”.

O apoio ao comércio de artesanatos e de exposição artística cultural na rua é realizado pelo aglomerado, através da venda de artigos de artesanato, tanto exposta na rua como em pequenos comércios.

4.2.2.2 Bar do Mineiro

Outro proprietário de estabelecimento entrevistado foi o do Bar do Mineiro, restaurante, estilo botequim.

De acordo com o proprietário do estabelecimento, o bar emprega 20 funcionários, sendo que apenas dois destes não residem no bairro.

O grau de instrução dos funcionários varia entre o primeiro e segundo grau completo. Contudo, este local não oferece treinamento aos funcionários, assim como declarado pelo restaurante sobrenatural. Para o entrevistado, nenhum tipo de instituição pública e privada oferece de forma gratuita este tipo de serviço.

A promoção do estabelecimento é realizada em associação com o meio artístico local. Diversas peças de obras de arte são expostas no estabelecimento, vinculando a prestação de serviço à divulgação dos artistas locais. No entanto o fato que mais se destaca no local é justamente a decoração rústica que combina gigantescos tachos de doce com miniaturas de bondes de madeira e fotos em preto-e-branco.

Sobre os fatores determinantes para manter a capacidade competitiva do empreendimento, o proprietário do estabelecimento esclarece:

No meu restaurante invisto na propagação da arte e da cultura. Faço exposição de eventos de artistas. Sou também colecionador de obras de arte, e faço questão de deixar esta identidade no meu estabelecimento.

Conforme observação realizada *in loco*, este estabelecimento é bem freqüentado, seja por turistas ou moradores locais, oferecendo preços mais convidativos por seus produtos.

O proprietário do Bar relata que uma das formas mais efetivas para redução da exclusão social está na qualificação profissional da população local.

4.2.2.3 Cama e Café

O Cama e Café trata-se de um projeto elaborado ao longo dos anos. De acordo com um dos idealizadores, ele e mais dois amigos, conhecidos ainda no período de escola, notaram que Santa Teresa já tinha características artísticas e um grande potencial para o turismo.

Inicialmente, o grupo participou de um programa iniciativa jovem da Shell de jovens empreendedores. O grupo então analisou o bairro de uma forma mais profunda. Em uma viagem pela Europa, o grupo permaneceu hospedado em um *bed and breakfast*, em decorrência do preço ser mais acessível.

Ao regressar ao Rio, o projeto Cama e Café foi desenvolvido. Este projeto foi vencedor de concurso e prêmios.

De acordo com seu representante, os órgãos que incentivaram o projeto foram a Shell e a SEBRAE:

Nosso projeto entrou na incubadora da Shell e as coisas foram evoluindo. O Cama e Café opera com o conceito de hospedagem domiciliar num ambiente familiar. O turista conhece o local a partir da visão do morador. Como primeiro passo, procuramos o SEBRAE, que ofereceu capacitação. Foi muito legal, os empresários pela primeira vez se conheceram.

Desta forma, o modelo utilizado na Europa foi trazido ao Brasil, especificamente para Santa Teresa, sendo que, atualmente, também em Olinda foi implantado o Cama e Café.

Os atores envolvidos no Cama e Café são os moradores de Santa Teresa, que disponibilizam suas casas para os turistas, sendo importante que sejam anfitriões com vocação para o turismo. Trata-se de condições importantes para o ingresso no Cama e Café. Existem cerca de 150 casas cadastradas, sendo que, apenas 60 casas encontram-se em operação.

O representante do Cama e Café relatou que:

Os anfitriões recebem os turistas em suas casas e com isso tem uma atividade econômica, são remunerados com isso e apresentam a cidade. O Cama e Café tem uma série de critérios ligados a qualidade como hospedagens confortáveis, uma boa cama, um bom banho e um bom café da manhã. A diária para um casal varia de R\$ 90,00 (noventa) a R\$ 200,00 (duzentos reais) com café da manhã e dormida. O Cama e Café atua como operadora, encaminhando os turistas para as hospedagens em razão do perfil apresentado.

A iniciativa do Cama e Café, englobando os moradores na empreitada de oferecer estadia a turistas, pode ser uma vertente efetiva da cooperação. Este exemplo trata-se do compartilhamento de atividades em comum. Antes do surgimento do projeto, já ocorria este tipo de serviço, mas obviamente com infraestrutura e divulgação ínfimas. A partir da efetivação do projeto cama e café, esta característica turística de oferecer estadia aos visitantes da cidade, foi amplificada. Trata-se de um exemplo notório desta vertente do aglomerado que atua de forma sinérgica.

4.2.2.4 Operadora de Turismo Local (Santa Teresa Tour)

Santa Teresa Tour é uma empresa de turismo local, em que existem cinco funcionários atuando na central de transformação, além dos cerca de 120 guias, contratados para a realização de *tour*, residentes na comunidade.

O nível de escolaridade dos funcionários varia entre o nível técnico e o superior. De acordo com o representante da empresa operadora de turismo local:

Todos são moradores de Santa Teresa. A escolha por moradores local é porque as pessoas conhecem a área, todas as ruas, historia do bairro. Hoje em dia é difícil conhecer a historia do bairro, tem que ser mesmo um morador. E assim damos um pouco de renda ao morador de Santa Teresa.

A qualificação dos funcionários que atuam na empresa é efetiva, sendo direcionada para a atividade turística na qual a operadora de turismo local está inserida. Desta forma, são oferecidos cursos de inglês, espanhol, historia e fotografia. Contudo, este tipo de treinamento é aberto para quem apresente interesse.

Em relação à capacidade competitiva do empreendimento, o entrevistado declara que ele coordena a primeira operadora local de Santa Teresa, embora haja muitos concorrentes que vem de outros bairros. Assim, o mercado se caracteriza por ma competitividade intensa.

O diferencial da operadora de turismo local é oferecer ao turista a convivência com o morador de Santa Teresa. Os outros competidores se restringem ao Largo do Guimarães e ao Curvelo, e no caso desta empresa, a rota é aprofundada na visita ao bairro.

A oportunidade de capacitação dentro do aglomerado foi outro ponto evidente, de acordo com alguns entrevistados. No caso da operadora de turismo local, o treinamento dos funcionários foi muito positivo e benéfico para a qualificação do serviço prestado ao turista.

4.2.2.5 Pousada Casa Áurea

A Casa Áurea é uma pousada que oferece hospedagem no estilo *bed and breakfast* para turistas individuais, casais e famílias em uma mansão neo-colonial

em Santa Teresa, convertido em Hotel charmoso recomendado por *Lonely Planet* e *FootPrint*.

Esta pousada possui 13 quartos e oferece uma gama de serviços aos clientes como refeições, estacionamento, bar, piscina, sauna, recreação, esporte, translados, lavanderia e roteiros turísticos.

De acordo com o representante da Pousada Casa Áurea, o Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo de Santa Teresa exibe impacto mínimo em relação à melhoria da qualidade de vida, na geração de renda e redução da exclusão social. Em relação à geração de renda, não ocorreu uma mudança significativa em comparação ao que já ocorria no local. O que foi notado foi o aumento do mercado imobiliário, que não atingiu de forma direta as comunidades locais. Do mesmo modo, quanto à infra-estrutura, verifica-se um abandono do bairro por parte do poder público.

Por ser um dos precursores do Pólo de Turismo de Santa Teresa., relatou que a criação da instituição foi encaminhada ao prefeito, a partir da elaboração de um mapa e delimitação da área. O entrevistado, atualmente, participa do grupo de modo informal, em conjunto com os demais comerciantes, sendo que, há pouco dialogo entre os que participam do projeto.

Para esse empreendedor a principal vantagem de sua empresa fazer parte do Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo de Santa Teresa “é em razão da história do bairro, por ser ainda um bairro artístico, boêmio, com uma arquitetura eclética e relativamente tranquilo”. Os fatores determinantes para manter a sua capacidade competitiva são justamente “o charme e o atendimento multi-idiomas” aplicado em sua pousada.

O entrevistado complementa que no passado, uma das tentativas de organizar os comerciantes foi a partir da criação da Rede de Empresários, que no momento atual, encontra-se praticamente inoperante, sendo realizada por um grupo de comerciantes afins.

Corroborando com a afirmação do proprietário da Pousada Casa Áurea quanto às ações promovidas pela Rede de Empresários de Santa Teresa, um morador entrevistado assevera que “existe uma associação dos comerciantes, a

REST, mas francamente não vejo resultados ou ações dessa Associação. Acho que está desativada.”

4.2.3 Aglomerado Produtivo e a redução da exclusão social

Existem diversas estratégias desenvolvidas no bairro de Santa Teresa, no intuito de minimizar as diferenças sociais tão evidentes. Os enfoques diferenciados confluem para um caminho comum, conforme todos os entrevistados.

Assim, de acordo com relato do responsável pela AMAST, a instituição investe na capacitação tecnológica, objetivando qualificar profissionais para entrarem no mercado de trabalho.

De acordo com o entrevistado, proprietário de uma empresa de engenharia:

Em minha empresa, contrato aquela pessoa que possui melhor qualificação, independente do local que mora. Não adianta qualificar (ensinar inglês ou espanhol) para o morador. A AMAST está ministrando cursos na área de Arquitetura (avaliação de imóveis e outros) no ensino médio do colégio público existente no bairro. Os alunos gostam muito. Estamos dando a oportunidade de aprender uma profissão de futuro, para trabalhar em qualquer lugar.

Um exemplo de medida para desenvolvimento cultural da população carente local é realizada pelo Cine Santa Teresa, que tem gratuidade em algumas sessões exclusivas para estudantes, bem como, para moradores carentes de comunidades.

De uma forma geral, através do clube dos amigos de Santa Teresa, todos moradores tem preferência ao acesso ao cinema, além de terem desconto de 50% (cinquenta por cento) na entrada. Já nos museus, o acesso dos moradores é gratuito.

Segundo o representante da XXIII Região Administrativa de Santa Teresa diversos são os enfoques para o desenvolvimento social do local e manutenção da infra-estrutura. Um dos exemplos de apoio da prefeitura trata-se da cessão do prédio da Região Administrativa para o funcionamento do Cine Santa Teresa, além de ser um espaço que permite a exposição dos artistas locais.

O entrevistado ressaltou a importância das parcerias realizadas com diversas ONG's, especialmente, objetivando a capacitação de jovens para atuarem como guias mirins, denominado de projeto de turismo a pé pelo bairro. Desta forma, são selecionados para o treinamento, em que os estudantes aprendem noções básicas de inglês e espanhol.

A manutenção do Conselho Tutelar é outro enfoque importante como um suporte aos menores, direcionado especialmente a comunidade carente da região.

Já de acordo com o responsável da operadora de turismo local, a prefeitura direciona recursos a cada seis meses para promover os cursos de treinamento. O Ministério de Turismo oferece cursos de treinamento para a comunidade e o SEBRAE já realizou treinamento de funcionários, oferecendo o curso de guias de turismo.

Um dos entrevistados, o responsável pelo Cama e Café, destaca que contribui para a redução da exclusão social. Em seu depoimento aponta:

O Cama e Café não pensa só no turista, mas também na comunidade do bairro, uma área tipicamente residencial. Por isso não se limita a oferecer serviços de hospedagem e, em parceria com a LUNUZ, participa de ações de inclusão social e melhoria da oferta turística local. Como exemplo temos parceria com os Jardins Orgânicos. Santa Teresa será um bairro ainda melhor para sua comunidade de residentes e visitantes.

Para a assessora do Secretário Municipal de Turismo, sua Instituição contribui na promoção do desenvolvimento local da seguinte forma:

Desenvolvemos um programa de qualificação profissional e a geração de trabalho e renda de moradores de comunidades carentes. Esse programa criou a perspectiva de melhoria social, o que é de extrema importância para o Rio. Pessoas de comunidades carentes, de baixa renda, foram qualificadas para trabalhar com turismo. Elas aprenderam uma profissão. Para o turismo é fundamental porque vai gerar mão-de-obra especializada. Esse programa, além de treinar, criou postos de trabalho. Consequentemente, vislumbro as perspectivas de melhorias sociais.

Na mesma linha de raciocínio, o representante da XXIII Região Administrativa, complementa:

O fato é que quando o turismo chega, o morador é quem ganha, pois tem a possibilidade de gerar uma renda extra como a venda de artigos de artesanatos pela rua aos turistas, os artistas de rua que se apresentam, e por aí vai.

Desta forma, em consonância ao conceito de desenvolvimento social e econômico de uma determinada região, que prediz a geração de empregos na comunidade local, foi verificada que a população de Santa Teresa está envolvida no Aglomerado, o que torna um indicador significativo de desenvolvimento.

4.2.4 O papel das instituições

Os responsáveis por instituições e organização foram entrevistados, no intuito de verificar o papel na formação do aglomerado de empresas produtivas de turismo e seus impactos sobre o desenvolvimento local no cenário urbano.

4.2.4.1 AMAST (Associação dos Moradores e Amigos de Santa Teresa)

Criada por uma associação de moradores, a AMAST é uma organização coletiva simples, que possibilita uma articulação junto ao poder público em relação aos interesses sociais, representativa dos moradores de Santa Teresa.

Como mediadores entre a população e o poder público, os atores agem no intuito de garantir a manutenção do patrimônio arquitetônico e cultural, além de segurança. Dentre as mobilizações realizadas podem ser citadas o tombamento do Sistema de Bondes pelo IPHAN – Ministério da Cultura, e a ação contra as construções irregulares e ilegais, promovendo a derrubada de prédios tombados.

Uma entrevistada, moradora do bairro, relatou sobre a articulação entre a AMAST e a população:

Tenho visto o pessoal da AMAST sempre promovendo discussões sobre a conservação do Bairro. Basta buscar na internet que você verá. No caso da

não privatização dos bondes, o movimento reuniu uma quantidade considerável de moradores.

Outro depoimento que merece destaque é quanto à participação da AMAST na tentativa de minimizar os problemas do bairro. De acordo com o morador entrevistado:

A Associação de Moradores é bem ativa, tem uma postura própria, as vezes contrária ao desenvolvimento turístico, a exploração turística do bairro. Talvez de certa forma querendo proteger o bairro, mas também querendo proteger um estilo de vida das pessoas que moram aqui.

Neste sentido, o representante da AMAST se posicionou em relação ao desenvolvimento e ao turismo da seguinte maneira:

Não somos contra o progresso e o desenvolvimento, mas entendemos que nosso bairro tem particularidades que precisam ser respeitadas. Assim, todo progresso que respeite nossa história e cultura, bem como o direito dos moradores à tranquilidade, será bem-vindo. Aquele que transgredir esses limites terá a oposição séria e responsável da AMAST.

O relato da proprietária do Restaurante Sobrenatural corrobora com as questões que a AMAST defende em relação ao turismo:

Eu acho a participação super válida, embora a Associação de Moradores deteste. Agora eles não querem que o bonde seja privatizado. O que não pode é o bonde todo caindo aos pedaços. Eles também são contra ao Hotel que está sendo construído e dará emprego a comunidade local. O hotel era um prédio abandonado. A AMAST colocou até processo na justiça.

Para o representante da CAMFAST “[...] a AMAST tem uma certa resistência. Eu sinto que em Santa Teresa, alguns são muitos conservadores e querem aquele barraquinho caindo, mas não querem modificar o estilo deles”.

4.2.4.2 CAMFAST (Coligação das Associações de Moradores de Favelas de Santa Teresa)

A CAMFAST surgiu no ano de 1987. No início da criação do CAMFAST, o posto de presidência era conferido através de aclamação. De acordo com um dos entrevistados que assumiu como vice-presidente em 2001, o Centro não possui votação por eleição, mas sim aclamação. Quando o entrevistado assumiu a presidência da Associação, esta não era registrada, porém a partir de março de 2008, iniciou a regulamentação.

Segundo o representante da CAMFAST:

O presidente de associação não é a liderança da comunidade. Montamos a CAMFAST da seguinte forma, pegamos as lideranças comprovadas das comunidades para avaliar quais as necessidades. E assim como em toda associação, foi formada uma Diretoria composta de cargos específicos. Temos representatividade de cada comunidade e as lideranças atuam em diversos segmentos: saúde, cultura e obras.

O principal objetivo traçado pela CAMFAST é auxiliar na organização das demais Associações de moradores de comunidades que compõem o complexo de favelas existentes em Santa Teresa. De acordo com o entrevistado o Centro identifica as comunidades que não tem associação, localiza os líderes e transmite as informações para resultar na formação de uma chapa.

Uma das características marcantes da CAMFAST é o desenvolvimento de projetos na área esportiva e cultural. Para tanto, há uma intervenção junto aos órgãos municipal, federal ou estadual para alcançar estes benefícios para as comunidades.

Contudo, de acordo com o entrevistado, no período de eleição há uma desaceleração do trabalho da CAMFAST, visto que, não é possível obter unanimidade do grupo.

O entrevistado apontou que:

Eu tenho meu vereador, a base do meu trabalho está com ele. Minha base está com meu candidato a prefeito. Não há racha, respeitamos todos, pois se o meu ganhar tenho que estar bem contigo, da mesma forma que se o seu ganhar, também tenho que estar bem contigo. Não há atrito.

Desta forma, para alcançar os objetivos, é necessário utilizar estratégias, trabalhando de forma direta nas comunidades e escutando suas necessidades principais. É possível perceber a existência de vinculações políticas no processo de gestão desta associação de moradores.

O representante da CAMFAST revela que, uma das potencialidades principais do bairro de Santa Teresa é o turismo, embora não seja explorado como deveria.

Acrescenta o entrevistado:

Estas casas que estão sendo vendidas para turistas, que irão transformá-las futuramente em pousadas, ocorre uma modernização do bairro, o que é contraditório e não aceitável para alguns moradores. Entretanto, há aumento em relação aos empregos, sendo que, as comunidades são solicitadas para indicar funcionários da região para trabalho no Hotel Santa Teresa e nos restaurantes.

Corroborando com a fala do representante da CAMFAST no que tange à reinauguração do Hotel Santa Teresa, citada no capítulo 3 deste trabalho, em reportagem publicada pelo Jornal o Globo, François Delort, representante do grupo francês que investiu no empreendimento assevera:

A idéia dos investidores é **transformar o hotel em um projeto filantrópico**. Depois de recuperar o que foi gasto na compra e na reforma do prédio, **a renda será revertida para as comunidades do bairro**. O novo Hotel Santa Teresa já tem alguns aspectos sociais. [...] **No restaurante, por exemplo, o chef francês Damien Montecer está treinando assistentes para o que ele chama de 'cozinha do novo mundo'** - ingredientes simples e básicos, preparados no capricho (MONTEIRO, 2008, grifo nosso).

Em relação aos pontos negativos, verifica-se uma desigualdade no tratamento de moradores e entidades do asfalto e da comunidade, que na opinião do

representante da CAMFAST, não deveria ocorrer. O entrevistado aponta a falta de diálogo com a AMAST. Em seu depoimento, esclarece que:

Um dos pontos negativos é justamente **a diferença entre asfalto e comunidade**. Eu sou contra separar. Eu, como trabalho social, vou a qualquer comunidade social. **Eu sinto que a AMAST separa um pouquinho as comunidades**. Fui a diversas reuniões representando as comunidades e **percebo esta divisão**, o que atrapalha muito (grifo nosso).

Segundo o entrevistado outro ponto negativo está relacionado ao saneamento básico, iluminação da comunidade e saúde do bairro. O posto de saúde presta atendimento a indivíduos de outras regiões, comprometendo a eficácia do atendimento para os moradores do local. O tráfico de entorpecentes no local foi relatado também como um ponto negativo para a qualidade do bairro.

Um dos aspectos importantes, questionados, trata da existência de diálogo entre os moradores das comunidades e as entidades, tais como os restaurantes, a prefeitura e outras entidades públicas/privadas. De acordo com o representante da CAMFAST, este órgão sempre representa a comunidade junto aos órgãos públicos e privados.

Todavia, o principal entrave está em obter uma união da população, no sentido de minimizar os problemas já relatados no bairro de Santa Teresa. Não há uma solicitude em mudança de conduta e conceito. Foi realizada uma tentativa, em conjunto com o responsável pelo Cama e Café de fazer uma rota para passeio turístico de jipe ao morro dos Prazeres, um dos lugares mais bonitos de Santa Teresa. Houve resistência de alguns moradores da comunidade ao projeto, que resultou em seu término.

Os obstáculos indicados pelo representante da Associação como presentes em relação aos projetos de desenvolvimento de Santa Teresa são inteiramente políticos.

Na avaliação das formas em que os diversos atores que atuam no Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo de Santa Teresa (públicos ou

privados) investem na comunidade local, o representante da CAMFAST indica que não há qualquer investimento, sendo o apoio apenas realizado pelos restaurantes.

De acordo com o representante da CAMFAST a Região Administrativa é desestruturada e não beneficia o bairro. Desta forma, não há apoio, sendo que, em alguns casos, a CAMFAST faz o papel do administrador, como por exemplo, de conselheiro tutelar. Há um destaque do apoio dos restaurantes a comunidade, como uma iniciativa própria e não da Rede de Empresários de Santa Teresa (REST).

Quanto aos problemas que o turismo pode ocasionar no bairro, este entrevistado revela que:

Outra coisa que gostaria de falar de Santa Teresa é que ele é um bairro de passagem. Você que mora na comunidade não pode tomar uma cerveja no Largo dos Guimarães. Você passa direto e vai beber na Lapa, aqui no Centro. O preço ali é para turismo. Pensamos em fazer com a Rede de Empresários de Santa Teresa um trabalho onde o preço para quem mora no local fosse diferenciado. O bairro é muito caro.

De acordo com o representante da CAMFAST, a importância do Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo de Santa Teresa está na perspectiva que em um futuro próximo ocorra uma parceria. Desta forma, os turistas que vão a Santa Teresa irão ter acesso às comunidades, sendo que, a dos Prazeres é um local muito promissor. Esta associação pode ser uma forma de empregar os jovens da comunidade, no intuito de reduzir a exclusão social.

É importante destacar, que há uma divergência nas visões das representações de moradores do bairro, a CAMFAST e a AMAST. Para a primeira, o crescimento do aglomerado é um fator importante para o desenvolvimento, na medida em que gera emprego para a população que reside nas comunidades e possibilita a geração de renda por meio do turismo local. Já para a AMAST, o aglomerado e o turismo estão sendo responsável pela destruição das características mais marcantes do bairro: a tranquilidade, o patrimônio histórico, a vocação natural como região de artistas e intelectuais. Para esta Associação, o volume de turistas que transitam na localidade é um fator que acarreta violência, pois há em paralelo um maior volume de dinheiro em circulação, o que atrairia bandidos para a região.

Além disso, há a descaracterização de casas com valor histórico do bairro, as quais foram transformadas em pousadas ou hotéis para atender a demanda turística. Observa-se, contudo, entre os moradores, que a percepção da atuação do aglomerado é positiva para o desenvolvimento do bairro, o que denota uma divergência de opiniões entre os moradores e sua representação. A AMAST possui uma visão do desenvolvimento como um processo que pode dilapidar exatamente as características que tornam o bairro um lugar de produção artística e cultural: o seu patrimônio histórico, seus valores e a cultura local.

4.2.4.3 Administração Regional de Santa Teresa (XXIII R.A.)

Este segmento administrativo, denominado de XXIII Região Administrativa de Santa Teresa, oferece um meio de comunicação direta entre prefeitura e população. Este setor intermedia alguns serviços prestados como Comlurb, Rio Luz e serviço social.

Assim, foram realizadas parcerias com organizações da sociedade civil, tais como: Guarda Municipal, Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro e CEDAE no intuito de otimizar os investimentos públicos.

Um dos principais enfoques da administração refere-se à segurança pública, que de forma conhecida em todo o município, não apresenta um desempenho favorável. Um exemplo da deficiência da segurança foram os recentes acontecimentos noticiados em relação a agressão a turistas no bairro.

Entretanto, o representante da empresa operadora de turismo local relatou que dentre as melhorias vislumbradas a partir do apoio do Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo de Santa Teresa cabe destacar a segurança:

Hoje a segurança melhorou muito. As pessoas que aqui chegavam geralmente eram assaltadas, devido a dificuldade de iluminação e deficiência nos transportes. Com o Turismo aqui em Santa Teresa, colocaram a presença da Guarda Municipal em pontos estratégicos e um número maior de policiais. Conseguimos botar câmeras em todo o bairro, e os horários dos ônibus também melhoraram.

Dessa forma, diversas medidas vêm sendo desenvolvidas, tais como, a associação com a Guarda Municipal, solicitando o aumento efetivo desses agentes municipais e de policiais militares na área.

4.2.4.4 Secretaria Especial de Turismo do Município do Rio de Janeiro

A Secretaria Especial de Turismo do Município do Rio de Janeiro tem como intuito principal a implementação da política de turismo Municipal, assim como os planos e programas mais adequados para o desenvolvimento do setor turístico da Cidade.

De acordo com a Assessora do Secretário Municipal de Turismo do Município do Rio de Janeiro, desenvolver programas essenciais para o turismo na nossa cidade caracteriza-se como um dos principais objetivos a curto prazo da instituição. Para a entrevistada “precisamos qualificar as pessoas que lidam com o visitante para que ele seja bem recebido, tenha uma boa impressão do Rio e volte.” No caso específico de Santa Teresa, em razão de sua vocação, o objetivo é difundir o modelo de hospedagem familiar.

Argumenta a entrevistada:

A Secretaria de Turismo, em parceria com o Ministério do Turismo, promovem o Programa Rio Hospitaleiro que tem como objetivo ministrar cursos gratuitos de qualificação para profissionais do turismo a taxistas, funcionários de hotéis, bares e restaurantes, pequenos empresários, autônomos do turismo e guardas municipais, com foco no conceito de hospitalidade.

Quanto ao fomento da prefeitura oferecido ao bairro de Santa Teresa, o responsável relata que foi criado o Pólo Turístico, Cultura e Gastronômico de Santa Teresa, em decorrência das peculiaridades do bairro, reunindo bares, restaurantes, lojas de artesanato, ateliês, pousadas e museus. A secretaria vem investindo em divulgação na Europa do serviço oferecido pelo Cama e Café de hospedagem domiciliar

4.2.4.5 Casa Museu Benjamin Constant

A Casa Museu Benjamin Constant, órgão vinculado ao Ministério da Cultura, trata-se de uma casa em que este importante político viveu com sua família. Além do enfoque histórico, retrata a importância desta figura. Comprada pela União com todos os bens, ela é valorizada por ser a representação de uma época.

Contudo, em relação às parcerias privadas, ainda não ocorreu uma articulação com este tipo de instituições, sendo uma das prioridades da casa estabelecer convênios com escolas e assistência a grupos.

No intuito de participar do desenvolvimento social do bairro, a casa museu Benjamin Constant tem pretensão de realizar cursos de capacitação da comunidade, visto que, esta é uma prioridade política do Ministério da Cultura. Inicialmente, abrangendo a questão histórica, que se trata da principal temática do museu, abrangendo também, na área do parque, a questão de preservação ambiental. Do mesmo modo, objetiva oferecer cursos para abranger a questão da inclusão social, trabalhando com deficientes visuais, dentre outros.

Na visão da Diretora da Casa Museu Benjamim Constant, Santa Teresa não possui projetos culturais para as crianças nos fins de semana:

O bairro não tem nenhum projeto educativo. O bairro não tem nenhuma atração para as crianças no final de semana. Você tem um monte de restaurantes, as crianças que vem, algumas andam de bonde, e aí não tem nenhuma atividade para criança. Então a idéia que o Museu preencha essa lacuna.

A partir dessa constatação, a instituição realiza quinzenalmente, aos domingos, eventos culturais no Museu, no sentido de levar a cultura e a historia para a comunidade. Entre esses eventos destacam-se os saraus, concerto ao ar livre e peças teatrais.

Para contribuir com a melhoria da qualidade de vida, a geração de renda e a diminuição da exclusão social na promoção do desenvolvimento local a instituição

está desenvolvendo um projeto de ampliação do espaço do Museu para utilização das escolas, do bairro. Segundo a entrevistada:

Vamos dar um tratamento paisagístico. Vamos instalar um bicicletário, um horto para trabalhar o meio-ambiente. Vamos ter uma sala de exposição temporária. Um auditório para palestras, projeções e concertos. O bairro vai dispor de uma área de lazer legal e capacidade para isso, que possa andar e circular.

Observa-se que a Casa Museu Benjamim Constant começa a ter uma posição como instituição pública cultural, assumindo também um caráter social.

4.2.4.6 Chave-Mestra

O Projeto Chave-mestra foi desenvolvido no intuito de divulgação e produção artística da arte, durante a década de noventa, em cópia a um modelo criado na Europa.

Participam de forma restrita os artistas que tem ateliê em Santa Teresa, sendo estes: fotógrafos, escultores, pintores, vídeo-arte e instalações, moradores ou não de Santa Teresa. O projeto Portas Abertas conta com cerca de 80 ateliês que participam do evento, ou seja, a reunião de diversos artistas no local permite o evento.

Atualmente, o grupo encontra-se em busca de uma sede para a divulgação dos trabalhos, já que o Hotel Bela Vista, onde eram congregadas as produções, rompeu o contrato. Estas atividades permitem que os artistas de Santa Teresa obtenham visibilidade, através das atividades do Portas Abertas e de uma galeria. Outro ponto importante para os participantes do Chave-Mestra trata-se da divulgação na mídia dos eventos, em uma revista própria, além da possibilidade de realizar intercâmbios culturais em outros países.

Dentre as potencialidade do bairro, a artista plástica representante do Chave-Mestra relata que se trata de um bairro inigualável em relação ao turismo e tradição cultural. Congrega pontos artísticos culturais como: Parque das Ruínas, Museu Chácara do Céu e Museu Benjamin Constant.

De acordo com a representante da Chave-Mestra, os artistas de Santa Teresa são a alma do bairro. Os turistas são importantes para a manutenção dos recursos no bairro. E o bonde e o casario são os principais pontos chamarizes do bairro.

Em relação à participação da população no desenvolvimento do bairro, a artista plástica e representante da Chave-Mestra esclarece que:

Santa Teresa tem uma população esclarecida, organizada e atuante. Hoje nós não somos o bairro mais violento do Rio. Em Santa Teresa não tem assalto a bancos, pois não temos bancos. Não temos assaltos em sinais de trânsito, pois não temos sinais. Não temos população de rua. Nunca tivemos arrastão. Quando acontece alguma coisa o povo não suporta. Somos formadores de opinião. O povo grita mesmo. Os bondes não acabaram porque a população não deixa. É uma comunidade que tenta preservar a natureza e consciente sobre o patrimônio histórico.

Corroborando com a fala da entrevistada, os indicadores 2007 apresentados pelo Rio Como Vamos sobre a violência em Santa Teresa verifica-se que dos itens constantes, o crime contra crianças e os crimes violentos não fatais se destacam por apresentarem uma classificação precária. Em contrapartida, a agressão contra a mulher, homicídios, morte juvenil: intervenção legal, são bem avaliados pois são contemplados com a classificação ALTA (vide Quadros 11 e 12).

Ainda de acordo com a representante dos artistas plásticos do bairro, o aumento do turismo veio acompanhado com o aumento do custo de vida no bairro, o que se torna um entrave para os moradores. Desta forma, o preço do aluguel, de alimentos e transporte acabam ficando inacessíveis.

A cooperação entre os componentes do Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo de Santa Teresa permitiu que o bairro se potencializasse em relação ao atendimento ao turista.

Os artistas plásticos se beneficiam por estarem todos no Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo de Santa Teresa, organizados por meio da Chave-Mestra. Segundo sua representante a Associação estuda formas de serem feitos acordos com os restaurantes e lojas comerciais, como chamariz para os ateliês.

4.2.4.7 Organização Não-governamental LUNUZ

A ONG LUNUZ é uma organização do terceiro setor que tem por objetivo gerar valor para a comunidade, integrar as pessoas que moram em uma determinada região. A LUNUZ tem como objetivo, agregar valor ao território, mas sempre em benefício da população atual e futuras gerações. Em Santa Teresa, em especial, a organização desenvolveu um trabalho de turismo com inclusão social.

A Organização surgiu com a experiência do Cama e Café. De acordo com o responsável pela Organização ao promover aproximações entre pessoas, estas começam a se preocupar mais com as questões coletivas, questões do bairro, questões não só particulares a elas. Não é só colher resultados econômicos.

Para atingir seus objetivos, a LUNUZ desenvolve projetos para geração de sinergias com as organizações que estão nos locais. A organização tem experiência com o turismo, porém desenvolve projetos de turismo cultural e de cultura em si, mesmo que não estejam atrelados ao turismo.

O projeto Jardins Orgânicos de Santa Teresa é uma iniciativa da LUNUZ, que tem como finalidade o cultivo orgânico de plantas medicinais, ervas aromáticas e temperos em residências de Santa Teresa e adjacências.

Em relação à Santa Teresa, a LUNUZ trabalhou com jovens da comunidade Pereira da Silva para desenvolver a iniciativa de turismo naquele morro. Segundo seu representante “eles tem um projeto fantástico lá.”

O entrevistado aponta entre os obstáculos encontrados pela organização em implementar projetos que buscam o desenvolvimento de Santa Teresa a desconfiança dos atores do bairro:

Acho que o primeiro desafio é humano, são os desafios da descrença, as pessoas ficam desconfiadas, acham que é uma questão mais comercial que a intenção na verdade é gerar negócio. Não são todas as pessoas, são poucas, mas algumas poucas ficam desconfiadas mesmo com a história do turismo.

Para esse ator o Aglomerado de Empresas de Turismo contribui para o desenvolvimento de Santa Teresa “não apenas gerando empregos e renda para a comunidade, mas valorizando a identidade da comunidade, sua auto-estima e o respeito ao próximo.”

4.2.5 Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo de Santa Teresa

O papel do Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo de Santa Teresa foi avaliado, por este estudo, sob o ângulo de análise de comerciantes, de outras instituições e de moradores locais.

De acordo com a proprietária do Restaurante Sobrenatural, ela não verifica qual o investimento feito pelos diversos atores que atuam no Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo de Santa Teresa (públicos ou privados) na comunidade local.

Contudo, ela percebe melhorias no bairro, com opções mais efetivas ao turista, que foram estimulados por esta associação.

De acordo com a proprietária do estabelecimento:

Antigamente Santa Teresa não tinha nada. O turista vinha para cá e não tinha onde comer. Não tinha uma loja, como a de artesanato que falei. Só tinha o Bar do Arnaldo. Hoje os turistas têm mais uma opção de restaurante.

Todavia, a participação dos comerciantes no Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo de Santa Teresa ainda é incipiente e infrequente. Desta forma, torna-se necessário o estímulo à participação dos comerciantes na instituição, visto que, foi relatado que as datas das reuniões e discussões não tem uma ampla divulgação.

Segundo o representante do Bar do Mineiro, o Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo de Santa Teresa representou uma melhoria para o bairro,

especialmente, ao realizar uma análise ao longo dos anos em que o mesmo vem atuando.

Contudo, em se tratando de melhorias na infra-estrutura básica que está relacionado ao desenvolvimento do local, o comerciante relata que não ocorreu um investimento visível no bairro. Desta forma, ele indica que os diversos atores que agem no Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo de Santa Teresa (públicos ou privados) não investem de forma significativa no bairro

O Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo de Santa Teresa permitiu maior desenvolvimento do turismo na região, o que acarreta em maior disponibilidade de emprego aos moradores. O representante da Santa Teresa Tour ressalta que:

Com o turismo tem-se empregado vários moradores também. Hoje os Museus abrem suas portas de graça aos moradores das comunidades locais. Com a demanda de turistas o bairro conseguiu uma infra-estrutura melhor, o governo começou a olhar o bairro por outro lado, começou a apoiar algumas ONG's e alguns projetos sociais. Temos ainda aqui no Largo do França, a Cooperativa de Costureiras e o Grupo de Capoeira.

Segundo esse entrevistado, o investimento dos participantes do Aglomerado trata-se de uma ação pontual, visto que, os empresários e outros atores participantes apresentavam propostas diversas de empreendimento.

O entrevistado relata ainda que a Cooperativa das Costureiras é um exemplo, já que os envolvidos nesta comunidade se organizam e fazem mutirão para melhoria da infra-estrutura deste setor.

Em relação à participação no Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo de Santa Teresa, o representante da empresa de Turismo Santa Teresa Tour relatou que há intenso diálogo com outros comerciantes do bairro, tais como, proprietários de restaurantes, a administração da AMAST e o Cama e Café. Trata-se de uma interação efetiva com todos. Para o entrevistado, quanto à frequência desta interação, relatou que há interação diária entre os atores participantes. Contudo, ele não consegue detalhar de forma efetiva quais aspectos são discutidos nas reuniões, relatando que os principais itens tratam de segurança, melhorias e projetos.

Ainda segundo o entrevistado, existe uma cooperação entre as pessoas envolvidas no Aglomerado. Um dos exemplos citados é a indicação da empresa aos turistas de restaurantes, é feita a agenda com o Cama e Café, consoante ao perfil do turista e é realizado o encaminhamento para as lojas de artesanato. Do mesmo modo, verifica-se uma correspondência em relação aos estabelecimentos indicados.

Quando o entrevistado foi questionado acerca da participação de representantes das comunidades locais no Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo de Santa Teresa, o representante da Operadora de Turismo de Santa Teresa relatou que há muita participação.

De acordo com o entrevistado “muitas pessoas que trabalham ali na padaria e no restaurante Espírito Santa são de Santa Teresa.”

De acordo com um artista plástico entrevistado, o aglomerado produtivo resulta em benefícios para toda população:

No meu caso, por disponibilizar dois quartos para hospedagem de turistas, isso me beneficia com uma renda extra. Por isso, tenho uma pessoa que mora na comunidade que trabalha comigo para atender aos hóspedes. Agora você imagina que como eu, existem mais ou menos outros 200 hospedeiros em Santa Teresa, e o que isso implica em termos renda para todos.

Segundo a representante da Chave-Mestra, o trabalho do Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo de Santa Teresa só faz contribuir para o desenvolvimento do bairro. Na sua visão, expõe que:

{..} tudo que ocorre em Santa Teresa **traz desenvolvimento para o bairro**. Quando começamos o Portas Abertas, só tinha a padaria, o Mineiro, o Arnaudo e o Pimenta. Hoje, dezesseis anos depois, temos uma grande quantidade de estabelecimentos (grifo nosso).

O projeto Chave-Mestra contribui oferecendo trabalho direto a 300 pessoas, além dos indiretos, o que em síntese some-se aproximadamente 500 empregos.

Para o morador do asfalto a maioria dos projetos implementados em Santa Teresa tem sempre uma ligação com a parte cultural:

[..] quando o projeto foge disso, os obstáculos surgem dos próprios moradores. Os moradores do local por serem em grande maioria pessoas de poder aquisitivo alto vetam ou tentam vetar qualquer projeto que possa vir a prejudicá-los.

Pelo depoimento desse morador observa-se que a atuação do aglomerado de empresas produtivas de turismo encontra obstáculos quanto à implementação de projetos que não sejam ligados a cultura por parte dos próprios moradores do bairro.

4.2.6 O papel da população e o Aglomerado Produtivo de Santa Teresa

Os moradores das comunidades são os maiores porta-vozes em relação ao desenvolvimento do bairro, melhoria da exclusão social e infra-estrutura (vide Gráfico 07). Desta forma para uma das entrevistadas, nascida no bairro, moradora da comunidade e guia turístico, as principais potencialidades do bairro constituem a gastronomia e o turismo. O transporte foi relatado como um dos principais problemas de Santa Teresa.

De acordo com a entrevistada representante dos moradores da comunidade, em relação aos atores que participam do Aglomerado de Empresas ela vê uma necessidade de maior abertura e interação com a comunidade. Destacou que deveria ocorrer maior diálogo entre os moradores e os órgãos como a Prefeitura, a Rede de Empresários, e outros participantes, o que ainda é inexistente até os dias atuais. Também ressaltou que não existe uma ação efetiva e empenho por parte da população no intuito de obter desenvolvimento e transformação no bairro, ou seja, um crescimento coletivo. A desinformação talvez seja um entrave importante encontrado pelos moradores na implementação de projetos que buscam o desenvolvimento do bairro.

Esta entrevistada relata que o Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo de Santa Teresa contribuiu na geração de empregos, e, desta forma, para a

melhoria na qualidade de vida de alguns moradores. Entretanto, um dos principais problemas encontrados refere-se à questão da estrutura do bairro.

Um morador entrevistado relata que a grande ênfase dada ao turismo em Santa Teresa proporcionou uma especulação imobiliária ao bairro:

Estou tentando comprar o apartamento que moro. O proprietário queria R\$ 180.000. Consegui a carta de crédito com esse valor, só que agora em função da valorização do local, pelo turismo, ele quer R\$ 220.000.

Segundo o Jornal O Globo, como já mencionada no capítulo terceiro, o mercado imobiliário está em franca ascensão:

Estão à venda casarões de várias épocas, como um castelo de 1888, avaliado em US\$2 milhões, vazio, ou US\$12 milhões, com o acervo, e uma mansão dos anos 70, à venda por R\$1,3 milhão. Como se vê, Santa é - de novo - uma festa (MONTEIRO, 2008).

Prossegue a reportagem:

O que não falta por ali é novidade. O empresário inglês Gordon Lewis e o arquiteto malasiano Yewweng Ho, donos do recém-inaugurado Ásia, restaurante especializado em comida tailandesa, compraram um castelo de 1887 e pretendem fazer ali mais um hotel bacana. A Vila Jacarandá, que pertenceu aos Buarque de Hollanda, acaba de ser vendida por US\$1 milhão para um inglês descendente de indianos que preferiu não dar entrevistas e nem divulgar o que pretende fazer com um dos mais belos exemplares da arquitetura local (MONTEIRO, 2008).

O corretor de imóvel João Cabral de Melo conta que vendeu mais de 40 casarões de 1999 a 2006. Todos para europeus, a maioria franceses. Comenta João Cabral:

O bairro voltou à moda e os valores chegaram ao topo. Só que quem compra casa por lá é gringo. Brasileiro não compra ainda. A exceção são alguns artistas, que querem morar com estilo (MONTEIRO, 2008)

Segundo a reportagem do Jornal O Globo, uma invasão de estrangeiros estão migrando para Santa Teresa e investindo no bairro, adequando os casarões antigos a hotéis.

4.2.7 O segmento histórico cultural de Santa Teresa

O bairro de Santa Teresa, em decorrência de suas particularidades históricas e arquitetônicas, constitui em si um local muito atrativo do ponto de vista cultural.

Dentre as grandes referências arquitetônicas cabe destacar o casario antigo, como um dos grandes atrativos.

A representante da Chave-Mestra legitima esta característica cultural do bairro afirmando que:

Além do mais, Santa Teresa desde o início do século recebe muitos artistas. Temos o Parque das Ruínas que um centro cultural, temos o Museu Chácara do Céu, que é um excelente museu com acervos importantes como de Portinari, o Museu Benjamin Constant. Na realidade é um bairro pequeno com essa vocação para arte.

Para o representante da CAMFAST a participação das comunidades nos eventos culturais do bairro, onde desenvolvendo trabalhos específicos por esses artistas, torna-se fundamental para o sucesso desses eventos. Prosseguindo, destaca:

Também entramos no Portas Abertas em parceria. Fazemos também um grande trabalho na Semana Santa, onde as comunidades fazem os tapetes com serragem e sal coloridos. Fazemos um trabalho bem legal. Em Santa Teresa tudo acaba em samba. Temos o bloco das Carmelitas e o Badalo.

Dessa forma a cultura em Santa Teresa representa o conjunto de atitudes, de hábitos e costumes da população local, e as práticas de turismo cultural

estejam voltadas para a hospitalidade, de forma que possa obter a satisfação do visitante e benefícios para os atores locais.

4.2.8 Área de Proteção Ambiental (A.P.A.)

Na década de oitenta, uma importante medida foi tomada a partir da criação da Área de Proteção Ambiental (APA). A própria AMAST atua de forma a garantir que a legislação seja cumprida nas áreas de preservação definidas.

De acordo com a entidade Rio Como Vamos (RCV), em 2001 Santa Teresa possuía as seguintes classificações (indicadores) na área temática meio-ambiente (RCV, 2008):

- a. Cobertura vegetal antropizada (campo antrópico, cultura, pastagem e vegetação em parques públicos – 18,22 % - classificação BOA;
- b. Cobertura vegetal natural (floresta, floresta alterada, mangue, alpicum e restinga – 46,68 – classificação ALTA;
- c. Cobertura vegetal per capita (metros quadrados de cobertura vegetal natural e antropizada por pessoa) – 85,78% - classificação BOA;
- d. Cobertura total vegetal (percentual de cobertura vegetal natural e antropizada por pessoa) – 60,95% - ALTA.

Segundo o representante da AMAST, “[...] o corte ilegal de árvores é um tema que preocupa os moradores e está em debate” o que torna dessa maneira uma das questões negativas do bairro.

Quanto a manutenção e preservação no bairro por meio das mobilizações da AMAST, seu representante assim argumenta:

Há obras irregulares e ilegais ocorrendo em Santa Teresa, burlando a APA e o Decreto 5050; imóveis preservados foram derrubados. [...].O caso do Hotel de Santa Teresa é um triste exemplo onde se destrói sem licença e sem que os moradores opinem. A luta de então foi proteger e revitalizar, sem nunca desfigurar história e sociedade. [...] Lutamos também pela preservação de Santa Teresa, que integra Área de Proteção Ambiental.

Considerando que dentre os objetivos básicos propostos para criação de uma área de proteção ambiental destacam-se a proteção à diversidade biológica e a garantia da sustentabilidade do uso dos recursos naturais, observa-se a partir dos indicadores do RCV obtidos em Santa Teresa, apesar dos problemas apresentados pela AMAST, essa legislação desempenha papel fundamental contribuindo para a qualidade de vida e o bem-estar da população do bairro.

4.2.9 Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo de Santa Teresa e o desenvolvimento local

Santa Teresa prima pela sua originalidade e história, constituindo parte do patrimônio histórico cultural do Rio de Janeiro. Conforme o relato dos entrevistados, o bairro apresenta como pontos positivos o aconchego e o sossego.

Segundo o representante da XXIII Região Administrativa de Santa Teresa, uma das iniciativas para promoção do turismo do bairro foi a criação do Pólo Gastronômico, cultural e Turístico de Santa Teresa, a partir do decreto nº 26.199, de 27 de janeiro de 2006, o que repercutiu em promoção do local.

Esta formalização para a promoção turística do bairro tem como principais objetivos maximizar a organização das vias públicas de circulação de veículos e pedestres, agir em favor da ordem pública e promover os estabelecimentos regulares e participantes em detrimento a opressão aos comerciantes irregulares.

Alguns aspectos importantes devem ser relevados no intuito de avaliar o potencial turístico de Santa Teresa. De acordo com as entrevistas, o bairro precisa de melhorias significativas no que tange à segurança e ao transporte, o que repercute diretamente sobre o enfoque turístico do local.

De acordo com o representante da AMAST, esta instituição se empenha na tentativa de trazer melhorias para o bairro, que ainda precisa de assistência em diversos aspectos, conforme discutido.

De acordo com o representante da administração regional de Santa Teresa o potencial turístico de Santa Teresa supera as visitas ao Maracanã. Para esse entrevistado :

Santa Teresa é o que é. O turismo é capaz de trazer mais visitantes ao bairro do que as visitas ao Maracanã. A reforma do Hotel Santa Teresa, vai trazer vários benefícios diretos e indiretos. Setenta empregos que serão ocupados pelos moradores do local, assim como os empregos indiretos que serão criados em torno do Hotel.

Outro ponto destacado pelo mesmo refere-se à importância da reforma do Hotel Santa Teresa, muito contestada pelo representante da AMAST, que critica a inadequação do projeto quanto a manutenção da identidade histórica e cultural.

Todos os entrevistados relataram que desenvolvimento do turismo no local, está associado particularmente com a manutenção da infra-estrutura e do comércio. Desta forma, os próprios moradores se beneficiam com o desenvolvimento do local. A venda de artigos de artesanato e as apresentações de artistas de rua são outros chamarizes importantes.

De acordo com o representante da XXIII Região Administrativa de Santa Teresa a importância do Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo para Santa Teresa é de divulgar o bairro como uma referência turística e assim, permite que o órgão do governo pleiteie de forma mais efetiva melhorias para o local para atender as necessidades da população, maximizando o potencial turístico do local. O turismo, de acordo com entrevistado, ainda se encontra mal gerido.

O bairro de Santa Teresa é admirado por seus moradores e empreendedores. Segundo o relato do representante da Operadora Local de Turismo, o Largo dos Guimarães é uma das referências de ponto turístico agradável, com várias opções de comércio. O entrevistado indica que:

O Largo dos Guimarães é o centro do Bairro de Santa Teresa, é o coração do bairro, pois tudo acontece aqui. Aqui se dividem as linhas do bonde, a parte alta e a parte baixa, então todos os turistas chegam aqui no Largo dos Guimarães e querem se informar. Aqui é o ponto estratégico. Como sou morador de Santa Teresa, não consigo me ver trabalhando ou morando em outro lugar. Aqui é maravilhoso, não saio daqui: não tem sinal de trânsito, posso andar pelas ruas despreocupado.

Para o proprietário do Bar do Mineiro, Santa Teresa é um bairro maravilhoso. O clima, a natureza, o ar puro são características peculiares do local, o que

caracteriza o bairro como o mais fresco do Rio de Janeiro. Ele atribui estas qualidades da beleza inerente de Santa Teresa ao número elevado de clientes que freqüentam o bar.

Apesar das observações dos pontos que ainda devem ser melhorados no bairro, foi notória a percepção da amplificação do turismo no bairro, em consonância ao desenvolvimento de suas potencialidades.

É importante destacar que na percepção dos moradores quanto a capacidade do aglomerado de empresas de turismo de Santa Teresa ser capaz de trazer desenvolvimento ao bairro verificou-se que em sua grande maioria (80% dos entrevistados) entendem essa capacidade. E por sua vez, são capazes de identificar a geração de renda (pelos empregos oferecidos) como uma forma de oferecer a melhoria da qualidade de vida e diminuir a exclusão social.

O representante da AMAST entende desenvolvimento em maior amplitude, ou seja, de toda a cidade e não especificamente do bairro. Na sua visão “não adianta empregar o morador do local em empregos de baixa remuneração”, porém ao qualificar o morador local, estudante do ensino médio, está oferecendo oportunidades para um futuro melhor.

Na percepção de um morador entrevistado a atividade de turismo é capaz de trazer desenvolvimento a Santa Teresa e a todas as comunidades do bairro. Complementa sua afirmação, exemplificando: “[...] o Hotel de Santa Teresa que abre espaço para guias turísticos, motoristas de taxis, cozinheiras, empregados para o hotel, assim como empregos para os restaurantes.”

Do mesmo modo um morador entrevistado evidencia que o aglomerado contribui para o desenvolvimento “gerando emprego e renda. Basta olhar para Santa Teresa há 10 anos e olhar hoje que você vê que melhorou a qualidade de vida das pessoas”. Uma moradora entrevistada complementa essa assertiva afirmando que “é com emprego, que podemos melhorar nosso padrão de vida.”

Para a CAMFAST o Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo de Santa Teresa é visto como contribuinte para a melhoria da qualidade de vida. Refere-se principalmente aos empregos gerados a partir do desenvolvimento turístico e da organização. Contudo, ainda há muito para ser melhorado no que tange a qualidade de vida, visto que, a possibilidade de renda não é o único ponto a se avaliar na

melhoria da qualidade de vida. Há muito investimento no Largo do Guimarães e em outras regiões freqüentadas por turistas, o que não é observado nas comunidades.

Corroborando com essas percepções dos moradores têm-se os dados do IDH de Santa Teresa, que embora sejam dados referentes ao ano de 2000, revelam uma melhoria no bairro: 34º lugar num *ranking* de 126 bairros. Destaca-se um aumento em todas as variáveis que compõem este indicador no período considerado quando comparado com o período anterior.

Outro índice que confirma o desenvolvimento do bairro é o índice de desenvolvimento social – IDHS onde Santa Teresa em 2000 ocupava o 10º lugar no *ranking* das 32 Regiões Administrativas da Capital.

4.3 ANÁLISE DOS DADOS

O objetivo desta seção é analisar os dados obtidos na pesquisa sobre o Aglomerado de Empresas de Turismo de Santa Teresa e os benefícios que é capaz de gerar à população local sob a percepção desta, articulando a teoria com a prática observada.

Os aglomerados de empresas produtivas de turismo manifestam-se como opção para proporcionar o desenvolvimento local. Todavia se faz necessário mapear o aglomerado identificando os atores envolvidos. Barbosa e Zamboni (2000) apresentam uma metodologia para conhecer um aglomerado de turismo, onde cinco círculos concêntricos revelam esta participação. Método este exposto no capítulo dois deste trabalho, no qual é apresentada a revisão de literatura pertinente ao tema. Em especial, no caso de Santa Teresa, o primeiro círculo (anel) que constitui o epicentro do modelo é composto pelos atrativos naturais e artificiais que compõem o bairro: as ruas tranqüilas, o cenário, os casarões, a paisagem, os museus, a história e a cultura deste bairro bucólico.

O segundo anel é constituído pelos atores locais que compõem a infraestrutura turística, representadas pelos restaurantes e bares, hotéis e pousadas, Cama e Café, meios de transportes (bondes, ônibus, cooperativa de táxi, vans e kombis), guias turísticos (operadora local e externa ao bairro), ateliês dos artistas

plásticos, lojas de artesanato e o comércio turístico. O terceiro anel é composto pelos atores sociais representados pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro e pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e seus órgãos, a Associação dos Amigos e Moradores de Santa Teresa, a Coligação das Associações dos Moradores das Favelas de Santa Teresa, a Rede de Empresários de Santa Teresa, as ONG's LINUX e VivaSanta (entre as 18 existentes no bairro). O quarto anel inclui, o Ministério do Turismo, o Ministério da Cultura, a Secretaria de Turismo (municipal e estadual). Por fim, o quinto anel, é constituído pelo meio urbano e pela estrutura de acesso ao bairro de Santa Teresa.

O turismo em Santa Teresa pode ser considerado como um tipo de mercado que, por suas características particulares, merece uma análise pormenorizada. Esta particularidade está principalmente focada por se tratar de um aglomerado turístico confirmando o citado por Yázigi (2001) no segundo capítulo deste trabalho, que para um lugar ser considerado como turístico é necessário ter densidade de freqüência turística, presença de equipamentos e serviços turísticos, representados pela infraestrutura turística (hotéis, restaurantes, agências de turismo etc.), e deve haver uma imagem turística (valores culturais, históricos, modo de vida).

Todavia, na maior parte das entrevistas, foi verificada a necessidade de se realizar melhorias no bairro, referentes à infra-estrutura decorrentes do aglomerado,

Essa análise vem atentar ao descrito por Barros e Moreira (2005b), que apontam que para o turismo ter um destino e ser competitivo são exigidos não só os atrativos naturais, mas também infra-estrutura e serviços de qualidade capazes de permitir a formação de uma vantagem sustentável e de um diferencial no mercado. Na pesquisa foi identificada a preocupação com a conservação do bondinho como uma das mais relatadas.

Mamberti e Braga (2006, p.11), chamam a atenção ao fato de “quando a atividade turística é organizada de modo sistêmico e integrado, os benefícios são tanto para as empresas quanto para os turistas e a economia local”, conseqüências diagnosticadas neste estudo de caso.

Considerando Porter (1999, p. 210), Cassiolato e Lastres (2003, p. 7), Olave e Amato Neto (2005, p. 86) e Caporali e Volker (2004), pode-se perceber, após a delimitação desta pesquisa, que o Aglomerado de Empresas de Turismo de Santa

Teresa se encaixa perfeitamente na definição selecionada na introdução deste trabalho, para esse tipo de instituto. Tendo em vista que as empresas que compõem essa organização apresentam proximidade territorial, têm especialidades comuns de produtos e serviços e constroem gradativamente suas vantagens competitivas. São agentes econômicos e sociais voltados à valorização do local e do capital social ali presente.

Desse modo, a estruturação de um Aglomerado Produtivo de Empresas Locais de Turismo é capaz de promover a interação entre os atores gerando sinergia aos envolvidos.

Nesse sentido, cabe atentar para as considerações de Cassarotto Filho; Pires (2001) e Brito (2002) no que se referem à necessidade da associação e cooperação do trabalho, no sistema atual, especialmente quando tange pequenas empresas, como é o caso das entrevistadas no presente estudo. Cassiolato e Lastres (2003) também apontam como vantagem para os sistemas de cooperação a elevação da qualidade dos serviços e a redução de riscos e custos.

Analisando a ação do Cama e Café, verificou-se congruência dessa ação a diversos pontos citados por Santos (2000) em relação aos benefícios dos Aglomerados.

O funcionamento do aglomerado turístico de Santa Teresa inclui os agentes econômicos denominados turistas ou consumidores de bens e serviços relacionados de forma direta ou indireta com a atividade turística, e as empresas ou produtores destes recursos, conforme Marcon (2006).

Laniado e Baiardi (2003 *apud* Ferreira Junior, 2006); Filion (2000) e Cassarotto Filho e Pires (2001), tratam da cooperação de empresas, como uma ação irreversível nas características do mercado atual. Neste íterim, os aglomerados se adéquam a esta característica, como uma característica de sobrevivência para as pequenas empresas.

No caso de Santa Teresa, os atores envolvidos são os comerciantes e a própria população do bairro. Desta forma, verificou-se, através das entrevistas que nem todos os atores envolvidos no aglomerado têm a percepção da integração entre as partes deste sistema.

Os diferentes atores entrevistados representam a parte de um todo formado

pelo aglomerado turístico. Reconhecer que cada um desempenha um papel importante é fundamental para que a maquinaria do turismo funcione. Cabe destacar que devido à diversidade de produtos que o sistema turístico final oferece, a qualidade pode ser comprometida quando uma destas partes falha. Assim, também os moradores precisam ter consciência do papel exercido por eles nesta prestação de serviços.

A partir dos depoimentos obtidos verifica-se que há uma consciência em relação ao turismo e em relação ao papel dos próprios comerciantes. Contudo, há ainda um desconhecimento do papel dos moradores em todo este sistema produtivo.

Nesse sentido Barbosa e Zamboni (2000, p. 40) e Dias (2006), legitimam essa afirmação em seus estudos quando mencionam que o turismo envolve todos os atores de uma comunidade e a conscientização do papel que a população local desempenha.

Cabe dizer que o produto turístico tem valor residual, pois trata da experiência ou satisfação por haver consumido tal produto e por isto, todo o aglomerado turístico de Santa Teresa precisa se empenhar para tornar-se efetivamente uma unidade que se empenha no turismo do bairro.

A busca da qualidade de um serviço implica um esforço comum entre todos os que lidam direta ou indiretamente com o turista, no sentido de apresentar-lhe adequadamente seus atrativos e bem entendê-lo. Neste aspecto, é importante que a qualidade de vida e as perspectivas de renda para os moradores estejam incluídos conforme ensina Dias (2006)

Com o produto turístico existe uma situação peculiar. Composto por um aglomerado de serviços utilizados pelo turista, neste caso, caracterizado pelo Aglomerado Turístico de Santa Teresa, simultaneamente pela sua permanência em um destino, a má qualidade de qualquer parte deste serviço afeta a avaliação do conjunto e compromete os demais.

O turista que se hospeda em um excelente hotel, mas encontra um motorista de táxi mau-humorado ou é enganado por ele, em um percurso maior do que o necessário para alcançar um local desejado, ou o turista que é mal atendido em um restaurante, certamente não levará uma imagem agradável da localidade visitada e a divulgará em seu retorno, comprometendo irremediavelmente aquele destino

turístico.

Dessa forma, é possível evidenciar a importância da unidade no Aglomerado Turístico de Santa Teresa. Um exemplo de integridade está na ação de alguns comerciantes em divulgar a arte produzida nos ateliês em Santa Teresa. Esse tipo de ação permite um *feedback* positivo em toda a cadeia produtiva do aglomerado de Santa Teresa.

Cabe destacar que o princípio de identidade, que é sustentado pelos moradores de Santa Teresa, é parecido com aquele exposto neste trabalho na revisão de literatura acadêmica (SPERANZA, 2005). A identidade ali observada é construída a partir de concepções de passado, presente e projetos futuros. Realiza-se nessa comunidade a união harmônica entre raízes, exatamente na conservação dos casarios, dos costumes, do museu, etc., e novas propostas do mercado turístico e social. Não somente apoiada no turismo, a identidade ali exibida muito tem de capital social.

Todavia conforme apontado na apresentação de dados foi possível observar a preocupação dos atores com o local ainda que de forma distinta. Conforme ensina Santos (2000, 2003) o espaço geográfico passa a ter uma nova importância, pois é nele que o homem é capaz de transformar a natureza para assegurar sua existência ou aumentar sua riqueza. Nesse sentido verificou-se que a AMAST está voltada às ações ligadas à identidade cultural do bairro na manutenção do patrimônio histórico, cultural e ambiental. Por sua vez, a CAMFAST preocupa-se com a melhoria da qualidade de vida das comunidades locais e, percebe que o turismo é capaz de proporcionar esta vantagem.

4.3.1 Aglomerado Produtivo e Estratégias para desenvolvimento e redução da exclusão social

Verificou-se no presente estudo que o desenvolvimento do bairro permitiu repercussões significativas, reduzindo as desigualdades e agregando os indivíduos em torno de benefícios coletivos, a partir de ações como as desenvolvidas pelo Cama e Café.

De acordo com Dias (2006), uma comunidade apresenta um desenvolvimento quando torna dinâmicas suas potencialidades.

Verifica-se a necessidade de maior atenção do poder público em relação às pequenas empresas, visto que, as mesmas são elementos indispensáveis na geração de riquezas, ou seja, trabalho e renda no território local, conforme aponta Dias (2006).

O desenvolvimento do turismo está atrelado ao desenvolvimento social local, já que todos os indivíduos têm direito ao acesso de itens básicos de vida. Caso contrário, não há um *feedback* positivo para as atividades turísticas, conforme aponta Marcon (2006) .

Para Santa Teresa, as atividades turísticas no bairro são eficientes formas de promoção da difusão de informação sobre os valores culturais, sociais e naturais do bairro, tanto em nível local, nacional e mundial, corroborando a idéia de Mamberti *et al* (2006) .

Outro benefício, observado no bairro de Santa Teresa pelos próprios moradores, de acordo com as entrevistas, trata da abertura de novas perspectivas sociais como resultado do desenvolvimento econômico e cultural da região.

Todavia, ainda verifica-se uma desigualdade social significativa no bairro de Santa Teresa (AGENDA 21 LOCAL, 2002). Entretanto, em alguns aspectos, em decorrência da presença do aglomerado turístico, é possível notar ações da economia de desenvolvimento, conforme proposto por Franco (2000) ,devido à possibilidade de alguns atores moradores da comunidade e do asfalto se beneficiarem.

Contudo, há uma diferenciação em relação ao índice de desemprego entre os moradores da comunidade e do asfalto no período contemplado pelo relatório AGENDA 21 LOCAL (2002). Dessa forma, apesar do turismo aumentar a disponibilidade de emprego aos moradores das comunidades, vê-se ainda uma necessidade de maximizar a disponibilização de vagas aos moradores destas regiões. Como exemplo pode-se apontar as ações do Hotel Santa Teresa em aumentar o número de empregos no local, que segundo seus proprietários tem um intuito filantrópico.

Nesse sentido, verifica-se que em Santa Teresa, em alguns aspectos, assim como descrito por Speranza (2005), foi possível verificar melhoria na qualidade de vida da população.

Entretanto, apesar da participação social no aglomerado, característico do desenvolvimento social proposto por Speranza (2005), nota-se ainda exacerbação da desigualdade social no bairro, o que ainda requer muito trabalho, tanto das instituições públicas e como das privadas.

4.3.2 O papel da população, do Aglomerado Produtivo de Santa Teresa e o desenvolvimento local

O turismo, atividade incluída no setor terciário da economia, é uma atividade importante para o bairro de Santa Teresa e para os atores deste aglomerado turístico.

Verifica-se que os moradores e representantes da classe entrevistados conseguem perceber o papel exercido por esta categoria no aglomerado, bem como, as vantagens do desenvolvimento turístico no bairro.

Do mesmo modo, cabe destacar que ainda há um grande desconhecimento por parte dos moradores, em relação ao Aglomerado de Santa Teresa.

Novas perspectivas do desenvolvimento do aglomerado turístico de Santa Teresa, também declarado pelos moradores do bairro, trata-se do desenvolvimento da criatividade em vários campos; promoção do sentimento de liberdade mediante a abertura ao mundo em todas as faces que o bairro pode oferecer, estabelecendo ou estendendo os contatos culturais.

O aglomerado turístico de Santa Teresa é uma atividade socioeconômica, gera a produção de bens e serviços para os visitantes visando a satisfação de diversas necessidades básicas e secundárias, conforme descrito por Dias (2006).

Entretanto, de acordo com a percepção dos moradores de Santa Teresa, o turismo pode estar também associado a alguns efeitos negativos em relação ao bairro, a notar: a degradação de recursos naturais; criação de estereótipos por falta de informação; redução da característica urbana do bairro e perda de autenticidade

da cultura local, tal como exposto por Droulers e Milani (2002 *apud* MAMBERTI; BRAGA, 2006, p.10).

Uma reclamação freqüente dos moradores, especialmente, aqueles residentes das comunidades, se refere aos preços abusivos cobrados em produtos e serviços em Santa Teresa, o que prejudica a população local.

O turismo proporciona a inflação local na medida em os preços passam a serem formados para atender ao turista (MAMBERTI, BRAGA, 2006).

Uma das alternativas sugeridas é o uso de um preço diferencial para moradores, o que evitaria que os mesmos tivessem que se deslocar para outros bairros para o consumo.

Todavia, nem todos os entrevistados têm esta dimensão do problema, em relação aos pontos negativos da área do bairro ser turística.

A população participa dos movimentos, quando existentes, para a manutenção da qualidade de vida e de serviços no bairro.

A maioria dos moradores tem a percepção dos benefícios que o aglomerado traz na própria qualidade de vida e renda. Desta forma, apenas eles poderão se beneficiar se o conjunto de serviços for oferecido de forma eficaz. Para os atores que recebem os turistas por meio do convenio com o Cama e Café esta percepção está amplamente afluada.

Os resultados obtidos no presente estudo estão de acordo com o descrito por Franco (2000), visto que, foi possível definir que o turismo está atrelado ao desenvolvimento. O desenvolvimento, por sua vez, relaciona-se a diversos aspectos no aglomerado, sendo este econômico, social, cultural, ambiental e físicoterritorial, político-institucional e científico-tecnológica. No presente estudo foi revelado que no caso de Santa Teresa, os principais aspectos que caracterizam o desenvolvimento do local são o desenvolvimento da economia, cultura, preservação ambiental e principalmente redução da desigualdade e melhoria da qualidade de vida.

Por esta razão, a qualidade do serviço prestado ao turista influenciará a própria conceituação do produto e a imagem que dele se projeta, assim como poderá repercutir na consideração de seu custo, pois pessoas poderão se dispor a pagar mais por um reconhecido melhor serviço.

Santa Teresa, apesar da consciência dos moradores em relação à divulgação do tráfico e violência que ocorrem no bairro, observam que os atrativos inerentes ao bairro superam esta imagem negativa.

O desenvolvimento está atrelado ao capital social e humano, como aponta Franco (2002) e Albagli e Maciel (2003). Neste sentido, ações voltadas à capacitação, empregabilidade, empreendedorismo, associação, cooperação realizadas em Santa Teresa direcionam o bairro ao desenvolvimento. Contudo, a partir das entrevistas nota-se que o investimento em capital social ainda é incipiente ao avaliar as dimensões do bairro: as comunidades buscam o seu fortalecimento e soluções para os problemas locais.

É importante destacar que a cultura expressa e produzida em Santa Teresa representa o capital social da comunidade. São atores sociais que formulam um tipo de cultura organizada e baseada na geração de emprego, na acumulação de capital e reprodução de estratégias empreendedoras.

Verifica-se um nível de desigualdade significativo ainda presente conforme mostra o Portal Geo (2008), a partir de dados obtidos em 2000 onde o índice de Gini registrado era de 0,56.

No entanto quando se observa o I.D.H. do bairro em 2000, nota-se um índice considerado alto – 0,878 em 2000, uma vez que a faixa de classificação correspondente é de 0,800 a 1,000. Quando o indicador é o IDS, da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Santa Teresa ocupa o 10º lugar entre 32 Regiões Administrativas.

Os moradores que atuam como guias locais são ótimos representantes da divulgação do turismo no bairro. Eles podem revelar as nuances das características notórias do bairro, instigando o turista em sua viagem, o que permite um *imprint* positivo da viagem. Como divulgadores e promotores do bairro, verifica-se que os atores que atuam como guias em Santa Teresa recebem preparo para tal, inclusive com formação em língua estrangeira e sobre as características históricas e arquitetônicas do bairro.

Estes resultados estão em acordo com Marcon (2006) e Franco (2002), que relatam que o desenvolvimento local é um reflexo do desenvolvimento turístico, em casos que a comunidade desempenha papel de ator social. Neste ínterim, é possível

verificar desenvolvimento do espaço, da cultura e do patrimônio, como é o observado em Santa Teresa.

A disputa pelos fluxos turísticos na cidade do Rio de Janeiro, em função do retorno econômico e financeiro que proporcionam aos destinos que os acolhem, seja sob a forma de remuneração dos serviços utilizados, seja sob a forma de tributos, é cada vez mais acirrada. Desta forma, por meio dos diferentes atores entrevistados, pertencentes ao Aglomerado Turístico de Santa Teresa, foi possível entender que o bairro possui estrutura para receber os turistas de diversas regiões do país e do mundo.

Entretanto, conforme a percepção dos atores, alguns pontos devem ainda ser avaliados, especialmente a questão da violência, do tráfico de drogas, da iluminação e transporte.

Neste sentido, ainda é necessário um sistema de integração mais efetiva entre os comerciantes, para obter resultados positivos, como aqueles descritos por Dias (2006) e Marcon (2006) de melhoria de qualidade de vida da população e aumento da rentabilidade. Existe uma integração, mesmo que não intencional, que deveria ser melhor trabalhada pelos atores deste segmento.

Segundo o fundamento norteador desta pesquisa, entende-se que há desenvolvimento local, gerado em larga escala, em Santa Teresa. Há, sobretudo, uma dinâmica social que atende às necessidades imediatas da população, tais como trabalho e cultura. Cabe as empresas do Aglomerado desenvolverem suas potencialidades específicas que convertam em bem comum, principalmente, em qualidade de vida. Baseados no conceito de Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável proposto por Franco (2000), apesar de pouco contribuírem para a superação da pobreza, o que ainda é uma problemática do sistema político brasileiro (CASSIOLATO; LASTRES, 2006), tentam reduzir, de acordo com suas possibilidades, o máximo da diferença entre moradores do asfalto e da favela.

CAPÍTULO 5 CONCLUSÕES

Este trabalho pretendeu atingir um importante objetivo: identificar a percepção dos atores ligados ao aglomerado de empresas de turismo localizado no bairro de Santa Teresa, no que se refere ao desenvolvimento gerado em decorrência da atuação deste aglomerado na localidade, buscando demonstrar que isto vem redundando em qualidade de vida e redução de desigualdades sociais.

Em vista disto, a presente pesquisa utilizou como referência para a análise uma concepção de desenvolvimento local associada ao desenvolvimento global de uma comunidade, em seus aspectos econômicos, sociais, culturais, resguardando também suas tradições históricas e seus valores. Esta visão de desenvolvimento contempla, sobretudo, as necessidades e características de cada região, não se pretendendo, desta forma, adaptar os critérios de desenvolvimento à padrões estabelecidos a partir da experiência de países desenvolvidos e/ou de outras realidades e culturas.

Neste contexto, verificou-se que os empresários do aglomerado percebem a importância da localização espacial, seja para na criação de atributos para as empresas locais em função das características do bairro, seja na geração de vantagens econômicas por meio da cooperação entre as empresas.

Entretanto, a atuação destes empresários para o desenvolvimento do local não ocorre de forma sistemática e cooperativa: não se verifica um diálogo com os moradores nem tampouco com as associações, assim como parece não existir relações de cooperações mais estruturadas entre os próprios participantes do aglomerado.

Por outro lado, estes empresários percebem seu papel para o desenvolvimento do bairro e a importância do bairro para o seu negócio: isto se reflete na opção pela contratação de mão-de-obra local, em razão do conhecimento que esta mão-de-obra possui das características do bairro (o que é fundamental principalmente quando a clientela é composta em sua maioria por turistas de outras nacionalidades).

Os moradores de região, por sua vez, identificam o impacto do aglomerado para a região somente no que se refere aos aspectos econômicos, especificamente

na geração de empregos para os moradores do bairro. Cabe destacar, contudo, que a maioria dos atores entrevistados define desenvolvimento como um processo mais abrangente do que somente o crescimento econômico.

Pode-se concluir, a partir destas considerações, que o impacto do aglomerado para o desenvolvimento local se restringe ainda a criação de alternativas para a sobrevivência econômica da região, não se configurando como um agente atuante para a promoção de melhorias de infra-estrutura ou de manutenção do patrimônio artístico cultural local ou ainda, como promotor de projetos socioculturais nas comunidades do bairro.

Pode se observar também que a geração de renda decorrente da atuação do aglomerado pode ser classificada ainda como muito incipiente, posto que no relato dos moradores a desigualdade social representa um dos problemas mais visíveis do bairro.

No que tange à percepção do papel do território e das características locais para o aglomerado e para o desenvolvimento local, é possível identificar no discurso dos moradores uma valorização frequente das características do bairro: a peculiaridade de suas construções, a cultura, o ambiente que estimula a presença de artistas e intelectuais, os museus e patrimônios históricos. Os entrevistados de todos os grupos demonstraram perceber a importância destes atributos para o turismo no local e, conseqüentemente, para assegurar o seu desenvolvimento (na percepção destes entrevistados). Há, além disso, uma preocupação com a manutenção destas características, explicitada sobretudo na visão da AMAST, que percebe a atividade do turismo como uma atividade que pode destruir as características locais e a cultura do bairro, gerando um aumento da violência, especulação imobiliária, entre outros impactos negativos. A percepção desta Associação reflete de fato um dos maiores riscos da exploração da atividade turística de forma desorganizada e não sustentável, como já ocorreu em outras regiões do país, que é a destruição dos próprios atributos que tornam o local particularmente atraente para a atividade turística.

É importante atentar para a percepção da AMAST, embora esta represente a percepção de uma minoria dos entrevistados, mas que de fato significa um risco decorrente da atuação deste aglomerado, se considerarmos que as ações para

minimizar os impactos negativos de sua atuação são inexistentes, assim como uma parceria moradores/empresários/associações/poder público.

Conclui-se, desta forma, que o desenvolvimento econômico e social local no bairro pode ser descrito como embrionário até o momento. É certo que existe geração de emprego junto à comunidade local, onde verificou-se moradores atuando em restaurantes, nos meios de hospedagens e como guias locais, porém em geral, a mão-de-obra não é qualificada. Contudo, algumas oportunidades de qualificação profissional foram relatadas, como preparação para o atendimento ao turista.

Além disso, o bairro carece ainda de muitas melhorias: para melhorar as condições de vida no bairro são necessários investimentos em transporte e segurança pública, sendo estes problemas crônicos que afetam todo o município do Rio de Janeiro. No entanto, existem outros problemas, dentre eles: infra-estrutura, iluminação, favelização, etc. Isso tudo além de afetar os moradores prejudica muito o turismo na região.

Não se observa a agregação de benefícios para os indivíduos; e as iniciativas empresariais beneficiam os próprios empresários, sem levar em conta as necessidades da comunidade como um todo.

Em relação à exclusão social, pode-se dizer que existem várias ações isoladas para minimizar esse problema que assola a comunidade por parte dos comerciantes locais, ASMAT, XXIII Região Administrativa (Prefeitura) em parcerias com ONG's, Conselho Tutelar, CAMFAST e Ministério do Turismo, mas isso não basta. Seria necessário juntar essas forças e traçar um plano de trabalho para concentrar os esforços nas reais necessidades da população. Falta uma coordenação, um sistema de gestão de governança, de modo que os gestores sejam capazes de liderar e agir como facilitadores nas mudanças necessárias com a finalidade de atender às expectativas dos moradores de Santa Teresa assim como gerar muito mais vantagens para o desenvolvimento da região.

É importante ressaltar, neste fechamento do trabalho, que todos os entrevistados são unânimes em afirmar que o Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo de Santa Teresa contribui para o desenvolvimento do bairro, como resultado da ferramenta muito utilizada pelos comerciantes, artistas e moradores locais, o empreendedorismo. Porém, há muito por fazer.

Finalizando, como recomendações de futuras investigações, cabe propor que estudos semelhantes sejam replicados oportunamente. Da mesma forma que aqui se analisou a problemática do aglomerado de empresas de turismo gerar desenvolvimento para o local, outros ângulos, como, por exemplo, o desenvolvimento educacional, o desenvolvimento da cultura e o desenvolvimento da segurança dos moradores poderão ser objeto de novas pesquisas.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

ACEVEDO, Claudia Rosa; NOHARA, Jouliana Jordan. **Monografia no curso de administração**: guia completo de conteúdo e forma. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

ADEMI – Associação de Dirigentes de Empresas do Mercado Imobiliário. **Secretaria municipal lança guia turístico; revitalização da região e boom imobiliário atraem visitantes**. Disponível em:

http://www.ademi.webtexto.com.br/article.php3?id_article=22620. Acesso em: 29 mar. 2008.

AGENDA 21 brasileira. Brasília: MMA/PNUD, 2000.

AGENDA 21 LOCAL DE SANTA TERESA – PROJETO. Viva Santa, Rio de Janeiro, 2002. Disponível em : < <http://www.vivasanta.com.br>>. Acesso em 02 jul. 2007.

ALBAGLI, Sarita. Capacitação, sensibilização e informação em arranjos e sistemas de MPME. In: LASTRES, Helena, et al (coord.). **Interagir para Competir: promoção de arranjos produtivos e inovativos no Brasil**. SEBRAE: Brasília, 2002. p. 63-94.

_____. Globalização e espacialidade. O novo papel do local. In: Cassiolato, J.E.; LASTRES, M.H.M. (Orgs.) **Globalização e Inovação Localizada**: Experiências de Sistemas Locais no Mercosul. Brasília: IBICT, 1999. Disponível em :<http://www.redesist.ie.ufrj.br/>. Acesso em: 14 JUN. 2008.

ALBAGLI, Sarita. Globalização e espacialidade. O novo papel do local. In: Cassiolato, J.E.; LASTRES, M.H.M. **Globalização e Inovação Localizada**: Experiências de Sistemas Locais no Mercosul. Brasília: IBICT, 1999. Disponível em :<http://www.redesist.ie.ufrj.br/>. Acesso em: 14 JUN. 2008.

ALBAGLI, Sarita ; MACIEL, Maria Lucia. CAPITAL SOCIAL E DESENVOLVIMENTO LOCAL. In: **Pequena Empresa, Cooperação e Desenvolvimento Local**. LASTRES, Maria Helena; CASSIOLATO, J. Eduardo; MACIEL, Maria Lucia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003. p. 423-440.

AMATO NETO, João. **Redes entre Organizações**: Domínio do conhecimento e da eficácia operacional. São Paulo: Atlas, 2005.

_____. **Redes de Cooperação Produtiva e clusters regionais**: oportunidades para pequenas e médias empresas. São Paulo: Atlas, Fundação Vanzolini, 2000.

APL DE TURISMO NO RIO DE JANEIRO (CAPITAL), SEBRAE – RJ – RIO DE JANEIRO

<http://www.sebraerj.com.br/main.asp?ViewID={AFA66B9A-6E5C-49C2-98A7-3BFED9FAF230}¶ms=itemID={97E0B90C-877F-4412-8E64-222589FAB81E};&UIPartUID={A9795F38-D393-45C1-8663-487474ABA870}>
Acesso: 09 jan. 2009.

BARBOSA, Maria A. C. e ZAMBONI, Roberto A. **Formação de um Cluster em Torno do Turismo de Natureza Sustentável em Bonito – MS.** Brasília: IPEA e CEPAL, 2000.

BARROS, Francisco, MOREIRA, Maria Vilma. **O Capital Social nas Aglomerações Produtivas das Micro e Pequenas Empresas:** Estudo de um Arranjo Produtivo Turístico. In: **XXIX ENANPAD**, 2005a. Brasília, DF. Anais...

BARROS, Francisco, MOREIRA, Maria Vilma. **O Comportamento Empreendedor e suas Implicações:** a Organização Produtiva Produtiva de Micro e Pequenas Empresas de Turismo. In: **XXIX ENANPAD**, 2005b. Brasília, DF. Anais...

BECATTINI, Giacomo. Os distritos industriais na Itália. . In: **Empresários e empregos nos novos territórios produtivos:** O caso da Terceira Itália. URANI, André; COCCO, Giuseppe; GALVÃO, Alexander Patez (Org.); tradução: Monié, Frédéric; AGUIAR, Eliana; CAMPOS, Sieni Maria. Rio de Janeiro: DP&A, 1999. 9. 45-58.

BIELSCHOWSKY, Ricardo. Cinquenta anos de pensamento na CEPAL. Rio de Janeiro: Record, 2000. 1 v.

BRITO, Jorge. Cooperação interindustrial e redes de empresas. In: KUPFER, David; HASENCLEVER, Lia (orgs). **Economia industrial: fundamentos teóricos e práticos no Brasil.** Elsevier: Rio de Janeiro, 2002, p. 345-386.

BUENO, Júlio César Carmo. Pólos de Desenvolvimento do Estado do Rio de Janeiro. In: XIX FÓRUM NACIONAL. **Chegou a vez do Brasil? Oportunidade para a geração de brasileiros que nunca viu o País crescer.** Mai. 2007. Rio de Janeiro, RJ. Disponível em: < forumnacional.org.br/trf_arq.php?cod=EP01800 >. Acesso em : 01 jul. 2008.

CAPORALI, Renato; VOLKER, Paulo (orgs). **Metodologia de desenvolvimento de arranjos produtivos locais: Projeto Promos – SEBRAE - BID: versão2.0** Brasília: SEBRAE, 2004. 287 p.

CARLOS, Ana Fani Alessandrini. O lugar: mundialização e fragmentação. In: **O novo mapa do mundo: Fim de século e globalização**. SANTOS, Milton et al. (Orgs.). 4.ed. São Paulo: 2002.

CORIOLOANO, Luzia Neide Menezes Teixeira. Os limites do desenvolvimento e do turismo. **Revista de Turismo y Patrimônio Cultural**. La laguna. v.1, n. 2, p. 161–171. 2003. Disponível em <http://www.pasosonline.org/Publicados/1203/PS040603.pdf>. Acesso em 25 jan. 2009.

CASSAROTTO FILHO, Nelson; PIRES, Luis Henrique. **Redes de pequenas e Médias Empresas e Desenvolvimento Local: Estratégias para a conquista da competitividade global com base na experiência italiana**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

CASSIOLATO, J.E. LASTRES H.M.M.. O foco em arranjos produtivos e inovativos locais de micro e pequenas empresas. In: CASSIOLATO, J.E.; LASTRES, H.M.M & MACIEL, M. L. (Orgs.). **Pequena empresa – cooperação e desenvolvimento local**, Rio de Janeiro, RJ: Relume Dumará, p. 21-34.

CASSIOLATO, José E.; SZAPIRO, Marina. **Proposição de políticas para promoção de sistemas produtivos locais de micro, pequenas e médias empresas: Arranjos e sistemas produtivos e inovativos locais no Brasil**. REDESIST: Rio de Janeiro, set. 2002. Disponível em: <<http://www.sinal.redesist.ie.ufrj.br/>> Acesso em: 22 abr. 2008.

CASSIOLATO, José Eduardo; LASTRES, Helena M. M..(2003). O foco em arranjos produtivos e inovativos locais de micro e pequenas empresas. In: LASTRES, H.MM.; CASSIOLATO J. &, MACIEL, M.L. (ORGS.), **Pequena Empresa – cooperação e desenvolvimento local**. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

CASSIOLATO, J.E. LASTRES, H.M.M.. O enfoque em sistemas produtivos e inovação locais. In: FISCHER, T (Org.). **Gestão do desenvolvimento e poderes locais – macros teóricos e avaliação**, Salvador: Casa da Qualidade, PDGS.

CASSIOLATO, J.E. LASTRES H.M.M. (Coord.). **ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS: UMA NOVA ESTRATÉGIA DE AÇÃO PARA O SEBRAE**. Glossário de Arranjos e Sistemas Produtivos e Inovativos Locais. nov. 2003.

CASTRO, Cláudio de Moura. **A prática da pesquisa**. 2.ed. São Paulo: Peason Prentice Hall, 2006.

COCCO, Gluseppe; GALVÃO, Alexander Patez e SILVA, Mirela Carvalho Pereira da. Desenvolvimento local e espaço público na Terceira Itália: questões para a realidade brasileira. In: **Empresários e empregos nos novos territórios produtivos**: O caso da Terceira Itália. URANI, André; COCCO, Gluseppe; GALVÃO, Alexander Patez (Org.); tradução: Monié, Frédéric; AGUIAR, Eliana; CAMPOS, Sieni Maria. Rio de Janeiro: DP&A, 1999. p. 13-32.

CORDEIRO, Itamar Dias e; IRMÃO, José Ferreira. **Turismo e Globalização: Perspectivas de Desenvolvimento e Participação Local na Comunidade de Aver-O-Mar (Barra de Sirinhaém – PE, Brasil)**. In: Colóquio Internacional sobre Poder Local, 2006, Salvador, BA. Anais...Salvador.

COOPER, Donald R.; Schindler, Pámela S. **Métodos de Pesquisa em Administração**. trad. Luciana de Oliveira da Rocha. 7.ed. Porto Alegre: Bookman, 2003

CORO, Giancarlo. Distritos e sistemas de pequena empresa na transição. In: **Empresários e empregos nos novos territórios produtivos**: O caso da Terceira Itália. URANI, André; COCCO, Gluseppe; GALVÃO, Alexander Patez (Org.); tradução: Monié, Frédéric; AGUIAR, Eliana; CAMPOS, Sieni Maria. Rio de Janeiro: DP&A, 1999. p. 147-198.

DESENVOLVIMENTO HUMANO E IDH. Disponível em :<http://www.pndu.org.br/idh/> Acesso em 20 jun. 2008.

DIAS, Reinaldo. **Turismo e Patrimônio Cultural** : recursos que acompanham o crescimento das cidades. São Paulo: Saraiva, 2006.

DUPAS, Gilberto. Globalização, Exclusão Social e Governabilidade. In: **I Conferência Latino – Americana e Caribenha de Ciências Sociais**, 1999. Recife. Disponível em : www.fundaj.gov.br/clacso/paper12.doc. Acesso em: 10 jun. 2008.

FERREIRA , Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.0**. ANJOS, Margarida dos; FERREIRA, Marina Baird.(Coord.). POSITIVO INFORMÁTICA LTDA,São Paulo: 2004. CD-ROM.

FERREIRA JUNIOR, Israel. **Redes de Pequenas empresas**: A aplicação de uma tipologia em uma rede de supermercados.In: Encontro da ANPAD, 30, 2006, Salvador. Anais...

FILION, Louis Jacques. EMPREENDEDORISMO E GERENCIAMENTO: processos distintos, porém complementares. **RAE - Revista de Administração de Empresas / EAESP / FGV**, São Paulo, Brasil. RAE Light . v. 7 . n. 3 . p. 2-7 . Jul./Set. 2000.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à Pesquisa Qualitativa**. Trad. Sandra Netz. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FRANCO, Augusto de. **Pobreza & Desenvolvimento Local**. Trad. Maria Mercedes Quihilaborda Mourão, Susie Casement Moreira. Brasília: ARCA Sociedade do Conhecimento, 2002.

_____. Porque precisamos de desenvolvimento local integrado sustentável. **Revista SÉCULO XXI**, Brasília: MILLENNIUM - Instituto de Política, n. 3, jan. 2000.

GOULART, Sueli. **Uma abordagem ao desenvolvimento Local Inspirada em Celso Furtado e Milton Santos**. Cadernos EBAPE.BR. vol. 4, n. 3, out. 2006. In: EnEO - Encontro de Estudos Organizacionais, Curitiba, 2006. Anais...Curitiba.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/>> Acesso em : 21 jun. 2008.

JUNQUEIRA. Luciano A Prates. **Práticas e Gestão de Políticas Sociais**. In: X Colóquio sobre o poder local, 2006. Brasília/DF. Anais...

KNOPP, Glauco da Costa. **Cultura e Desenvolvimento Local: um estudo do programa Bairro-Escola da Cidade de Nova Iguaçu**. 2008, 157 p. Dissertação (Mestrado em Administração Pública), Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. São Paulo: Atlas, 1991.

LA ROVERE, R. Estratégias competitivas em sistemas de micro, e pequenas e médias empresas: a importância da gestão de informação. In: LASTRES, H.MM.; CASSIOLATO J. &, MACIEL, M.L. (Orgs.). **Pequena Empresa – cooperação e desenvolvimento local**. Rio de Janeiro, Relume Dumará, p. 295-310.

MACKE, Janaina; CARRION Rosinha Machado. **Indicadores e Metodologia para a Avaliação de Programas de Responsabilidade Social Empresarial: Foco no Desenvolvimento Local**. In : 30º encontro da ANPAD, set. 2006. Salvador, BA. Anais

MAMBERTI, Marina M. S.; BRAGA, Roberto. **ARRANJOS PRODUTIVOS TURÍSTICOS E DESENVOLVIMENTO LOCAL**. In: Colóquio Internacional sobre Poder Local, 2006, Salvador, BA. Anais...Salvador.

MARCON, Elza Maria Guerreiro. **O turismo como agente de desenvolvimento social e a comunidade guarani nas “ruínas jesuíticas de São Miguel das Missões”**. 2006. 196 p. Dissertação (Mestrado em Turismo), Universidade de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul.

MARTINELLI, Dante Pinheiro; JOYAL, André. **Desenvolvimento Local e o Papel das Pequenas e Médias Empresas**. São Paulo: Manole, 2004.

MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing: metodologia, planejamento**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MATAR, João. **Metodologia Científica na era da informática: 3. ed. rev. atual**. São Paulo: Saraiva, 2008.

MELO, Luiz Martins de. Sistemas locais de inovação: o caso do Rio de Janeiro. In: Cassiolato, J.E.; LASTRES, M.H.M (Orgs.). **Globalização e Inovação Localizada: Experiências de Sistemas Locais no Mercosul**. Brasília: IBICT, 1999. Disponível em :<http://www.redesist.ie.ufrj.br/>. Acesso em: 14 JUN. 2008.

MINISTÉRIO MEIO AMBIENTE (BRASIL). Disponível em <http://www.mma.gov.br>. Acesso em 18 jan. 2009.

MINISTÉRIO DO TURISMO (BRASIL). **Portal do Turismo**. Disponível em http://www.braziltour.com/site/pl/cidades/materia.php?estados=1232&id_cidade=7380®ioes=1022. Acesso em : 08 mai. 2008.

MINISTÉRIO DO TURISMO (BRASIL). **Plano Nacional de Turismo**. Disponível em :http://institucional.turismo.gov.br/portalmtur/opencms/institucional/arquivos/PNT_2007_2010.pdf. Acesso em : 08 mai. 2008.

MONTEIRO, Karla. Alta temporada. **O Globo**, Rio de Janeiro, 14 set. 2008. Revista, p. 34 – 37.

MOURA, João Gonsalo de. Potencialidades competitivas inexploradas no arranjo produtivo turístico de São Luís. In: **Estratégias para o Desenvolvimento: um enfoque sobre arranjos produtivos locais do Norte, Nordeste e Centro-Oeste Brasileiros**. LASTRES, Helena M.M.; CASSIOLATO, José E. (Orgs.). Rio de Janeiro: E-papers, 2006.

NASCIMENTO, Rejane Prevot et al. **Análise Crítica da Formação e do Desenvolvimento de Aglomerados Produtivos**: um Estudo de Caso do Pólo do Jeans de Vilar dos Teles/RJ. In: X Colóquio sobre o poder local, 2006. Anais....Salvador, 2006.

OLAVE, M.E.L., NETO, J.A. **A formação de redes de clusters em países emergentes**: Uma Alternativa para as PMEs no Brasil. In: Redes entre Organizações. J. A. Neto (org). São Paulo: Editora Atlas, 2005.

OLAVE, Maria Elena Leon; AMATO NETO, João. Redes de cooperação produtiva: uma estratégia de competitividade e sobrevivência para pequenas e médias empresas. **Gestão & Produção**. Universidade de São Paulo: São Carlos, vol.8 n.3, Dez. 2001.

PALHARES, G. L., ESPÍRITO SANTO JR., R. A. **O Turismo e o Transporte Aéreo como Multiplicadores Socioeconômicos**. In: Setti, J. R. A., Lima Jr., L. F. (eds.), Panorama Nacional da Pesquisa em Transportes 2001. Anais do XV Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Ensino em Transportes (ANPET), vol 2, pp. 225-232: Campinas. 2001.

PORTER, M. E. **Estratégica competitiva**: técnicas para análise de indústrias e da concorrência. 7. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1986.

PORTER, Michael E. **Aglomerados e competição**: novas abordagens para empresas, governos e instituições. São Paulo: Campos, 1999.

REDESIST – Rede de Pesquisa em Sistemas de Arranjos Produtivos e Inovativos Locais. Disponível em :<http://www.redesist.ie.ufrj.br/>. Acesso em: 10 abr. 2008.

RIO COMO VAMOS (RCV). Disponível em:<http://www.riocomovamos.com.br>. Acesso em 20 dez. 2008.

ROESCH, Sylvia Maria Azevedo. **Projetos de estágio e de pesquisa em administração**: Guia para Estágios, Trabalhos de Conclusão, Dissertações e Estudos de Caso. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

ROMERO, Elsa Ivoneth C .**Desenvolvimento de clusters na visão do conhecimento**: Proposta do modelo Prugi de análise oportunidades para o norte fluminense do Estado do Rio de Janeiro. 2003. 289 p. Tese (Doutorado em Ciências da Engenharia da Produção) – Programa de Pós-Graduação de Engenharia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 7.ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

SANTOS, Milton. A aceleração contemporânea: tempo mundo e espaço mundo. In: **O novo mapa do mundo: Fim de século e globalização**. SANTOS, Milton et al. (Orgs.). 4.ed. São Paulo: 2002.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do Pensamento Único a Consciência Universal**. 2. ed. São Paulo. Record, 2000.

_____. **Economia Espacial** : Críticas e Alternativas. Trad. Maria Irene de Q. Szmrecsányi. 2.ed. São Paulo: EDUSP, 2003.

SEBRAE-SP. **Sobrevivência e Mortalidade das Empresas Paulistas de 1 a 5 anos**. São Paulo. 2005. Disponível em <http://www.sebrae.com.br>.

SEBRAE. **Termo de Referência para atuação do sistema SEBRAE em Arranjos Produtivos Locais**. SEBRAE: Brasília, jul. 2003. Disponível em: [http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bte/bte.nsf/50533C7F21014E5F03256FB7005C40BB/\\$File/NT000A4AF2.pdf](http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bte/bte.nsf/50533C7F21014E5F03256FB7005C40BB/$File/NT000A4AF2.pdf)> Acesso em: 22 abr. 2008. 73p.

SEBRAE. **Impactos sócio-econômicos da mortalidade de empresas no País. 2006**. Disponível em: http://www.sebrae.com.br/br/mortalidade_empresas/impactosmortalidade.asp>. Acesso em: 16 jun. 2006.

SEBRAE (TURISMO, 2007). Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/setor/turismo>>. Acesso em: 05 set. 2007.

SENGENBEGER, Werner; PIKE, Frank. Distritos Industriais e recuperação econômica local: Questões de pesquisa e de política In: **Empresários e empregos nos novos territórios produtivos: O caso da Terceira Itália**. URANI, André; COCCO, Giuseppe; GALVÃO, Alexander Patez (Org.); tradução: Monié, Frédéric; AGUIAR, Eliana; CAMPOS, Sieni Maria. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

SPERANZA, Juliana Simões. **Desenvolvimento Local Aproximações entre o Banco Mundial e o debate brasileiro: limites ou possibilidades?** 2005. 198 p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade), Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Pesquisa Qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teorias fundamentada**; tradução Luciane de Oliveira da Rocha. 2. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

SUZIGAN, Wilson; GARCIA, Renato; FURTADO, João. **Governança de sistemas de MPME em clusters industriais**. Rio de Janeiro: REDESISTE/UFRJ. Disponível em <<http://www.redesiste.ie.ufrj.br>>.

SUZIGAN, Wilson, et al. Sistemas Locais de Produção: mapeamento, tipologia e sugestões de políticas. In: **XXXI Encontro Nacional de Economia**; Porto Seguro, dez. 2003. Disponível em: <<http://geein.fclar.unesp.br/atividades/pesquisacluster/new/sistemaslocaisdeproducaomts.p.pdf>> Acesso em: 10 mar. 2006.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

_____. **Métodos de Pesquisa em Administração**. 2ª ed. São Paulo: Atlas. 2006.

VIEIRA, Marcelo Milano Falcão. Por uma boa pesquisa qualitativa em administração. In: VIEIRA, Marcelo Milano Falcão ; ZOUAIN, Deborah Moraes (Orgs.). **Pesquisa qualitativa em administração**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 13-28.

WOITCHUNAS, Lucinéia Felepin; SAUSEN; Jorge Oneide. **Fatores Críticos de Sucesso no Processo de Formação, Desenvolvimento e Manutenção de Redes de Cooperação e Suas Relações com o Desenvolvimento Local e Regional**. Encontro da EnANPAD, 29, 2005, Brasília.

YÁZIGI, Eduardo. **A alma do lugar**. São Paulo: Contexto, 2001.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - MODELO 1 A - Roteiro de entrevista semi-estruturada em Empreendimentos do Arranjo – Restaurante.

APÊNDICE 2 - MODELO 1B - Roteiro de entrevista semi-estruturada em empreendimentos do Arranjo – Meios de Hospedagem.

APÊNDICE 3 - Modelo 1C - Roteiro de entrevista semi-estruturada em empreendimentos do Arranjo – Agências de Turismo Local.

APÊNDICE 4 - Modelo 2 - Roteiro de entrevista semi-estrutura - Associação.

APÊNDICE 5 – Modelo 3 - Roteiro de entrevista semi-estruturada - Moradores de Santa Teresa.

APÊNDICE 1

MODELO 1 A - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA EM EMPREENDIMENTOS DO ARRANJO – RESTAURANTE

Esta é uma pesquisa acadêmica e tem por finalidade coletar dados referentes ao Aglomerado de Empresas Produtivas de Turismo de Santa Teresa – RJ e a possibilidade de gerar desenvolvimento local. Sua realização está ligada ao Programa de Mestrado da Universidade do Grande Rio – UNIGRANRIO, por meio do pesquisador Mestrando Mancildo Moreira Filho.

Nome do entrevistado: _____

Razão Social: _____

Função na Empresa: _____

Endereço: _____

Tamanho: Micro Pequena Média Grande

Natureza do Estabelecimento: Tradicional *A la carte* Misto
 Self-Service/buffet Outros

Tipo de Restaurante (cozinha):

Variadas Frutos do Mar Churrascaria Pizzas e Lanches
 Internacional Outros (citar)

Ano de criação da empresa.....

Data da entrevista:.../.../08.

Início da entrevista:... h.....min..... Término da entrevista:...h....min.

Sexo do entrevistado: _____

Idade do entrevistado: _____

Profissão do entrevistado: _____

Escolaridade: _____

1. Qual o número de empregados que trabalham no empreendimento?
2. Qual a escolaridade dos empregados?
3. A mão-de-obra utilizada no empreendimento é local? Por quê?

4. Sua empresa realiza treinamentos aos empregados do empreendimento no sentido de melhorar a qualificação do funcionário? Este treinamento é oferecido em conjunto com outros restaurantes ou é uma iniciativa individual?
5. As instituições públicas e/ou privadas realizam treinamento junto aos colaboradores de sua empresa?
6. Quais os fatores determinantes para manter a capacidade competitiva do empreendimento?
7. De que maneira sua empresa contribui para a melhoria da qualidade de vida, a geração de renda e a da exclusão social na promoção do desenvolvimento local de Santa Teresa?
8. Em sua opinião, de que maneira o Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo de Santa Teresa contribui para a melhoria da qualidade de vida, a geração de renda e diminuindo a exclusão social na promoção do desenvolvimento local?
9. Quais as ações direcionadas para a melhoria da infra-estrutura básica que qualificam o desenvolvimento local de Santa Teresa?
10. Os diversos atores que atuam no Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo de Santa Teresa (públicos ou privados) investem na comunidade local? De que forma?
11. O Senhor participa do Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo de Santa Teresa? Com que frequência? Como se dá essa participação? Como é o diálogo entre os participantes?
12. Quais as principais vantagens de sua empresa estar localizada no Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo de Santa Teresa?

Em caso positivo:

13. Qual a frequência dos encontros do Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo de Santa Teresa?

14. Quais aspectos são discutidos nas reuniões? Infra-estrutura? Capacitação? Negócios com fornecedores? Negócios com o poder público? Melhorias na localidade? De que tipo? Outras ações?

15. Para o Senhor existe cooperação entre os participantes do Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo de Santa Teresa? Em caso afirmativo, como pode ser exemplificada? Em caso negativo, quais os obstáculos para sua realização?

16. Qual a participação de representantes das comunidades locais no Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo de Santa Teresa?

17. Quais as conseqüências decorrentes atuação de sua empresa no local?

APÊNDICE 2

MODELO 1B ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA EM EMPREENHIMENTOS DO ARRANJO – MEIOS DE HOSPEDAGEM

Esta é uma pesquisa acadêmica e tem por finalidade coletar dados referentes ao Aglomerado de Empresas Produtivas de Turismo de Santa Teresa – RJ e a possibilidade de gerar desenvolvimento local. Sua realização está ligada ao Programa de Mestrado da Universidade do Grande Rio – UNIGRANRIO, por meio do pesquisador Mestrando Mancildo Moreira Filho.

Nome do entrevistado: _____

Razão Social: _____

Função na Empresa: _____

Endereço: _____

Tamanho: Micro Pequena Média Grande

Natureza do Estabelecimento: Hotel Pousada Outros: _____

Ano de criação da empresa.....

Data da entrevista:...../...../08

Início da entrevista:.....h.....min..... Término da entrevista:....h.....min.

Sexo do entrevistado: _____

Idade do entrevistado: _____

Profissão do entrevistado: _____

Escolaridade: _____

Estime a presença dos hóspedes segundo sua origem no período 2007/2008

	Internacional %	Nacional %	Do próprio RJ %
Alta temporada			
Baixa temporada			

Principais serviços oferecidos pelo empreendimento:

Refeição (Restaurante, café da manhã, serviço de quarto)	
Lavanderia	
Estacionamento	
Informática	
Lazer (bar, piscina, sauna, esportes e recreação)	
Roteiros turísticos	
Translados/Transportes	
Outros (especificar)	

1. Qual o número de empregados que trabalham no empreendimento?
2. Qual a escolaridade dos empregados?
3. A mão-de-obra utilizada no empreendimento é local? Por quê?
4. Sua empresa realiza treinamentos aos empregados do empreendimento no sentido de melhorar a qualificação do funcionário? Este treinamento é oferecido em conjunto com outros restaurantes ou é uma iniciativa individual?
5. As instituições públicas e/ou privadas realizam treinamento junto aos colaboradores de sua empresa?
6. Quais os fatores determinantes para manter a capacidade competitiva do empreendimento?
7. Em sua opinião, de que maneira o Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo de Santa Teresa contribui para a melhoria da qualidade de vida, a geração de renda e a da exclusão social na promoção do desenvolvimento local?
8. Quais as ações direcionadas para a melhoria da infra-estrutura básica que qualificam o desenvolvimento local de Santa Teresa?

9. Os diversos atores que atuam no Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo de Santa Teresa (públicos ou privados) investem na comunidade local? De que forma?
10. O Senhor participa do Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo de Santa Teresa? Com que frequência? Como se dá essa participação? Como é o diálogo entre os participantes?
11. Quais as principais vantagens de sua empresa estar localizada no Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo de Santa Teresa?

Se positivo:

12. Qual a frequência dos encontros do Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo de Santa Teresa?
13. Quais aspectos são discutidos nas reuniões? Infra-estrutura? Capacitação? Negócios com fornecedores? Negócios com o poder público? Melhorias na localidade? De que tipo? Outras ações?
14. Para o Senhor existe cooperação entre os participantes do Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo de Santa Teresa? Em caso afirmativo, como pode ser exemplificada? Em caso negativo, quais os obstáculos para sua realização?

APÊNDICE 3

MODELO 1C- ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA EM EMPREENDIMENTOS DO ARRANJO – AGÊNCIAS DE TURISMO LOCAL

Esta é uma pesquisa acadêmica e tem por finalidade coletar dados referentes ao Aglomerado de Empresas Produtivas de Turismo de Santa Teresa – RJ e a possibilidade de gerar desenvolvimento local. Sua realização está ligada ao Programa de Mestrado da Universidade do Grande Rio – UNIGRANRIO, por meio do pesquisador Mestrando Mancildo Moreira Filho.

Nome do entrevistado: _____

Razão Social: _____

Função na Empresa: _____

Endereço: _____

Tamanho: Micro Pequena Média Grande

Ano de criação da empresa:

Data da entrevista:...../...../08

Início da entrevista:.....h.....min..... Término da entrevista:...h.....min.

Sexo do entrevistado: _____

Idade do entrevistado: _____

Profissão do entrevistado: _____

Escolaridade: _____

1. Qual o número de empregados que trabalham no empreendimento?
2. Qual a escolaridade dos empregados?
3. A mão-de-obra utilizada no empreendimento é local? Por quê?
4. Sua empresa realiza treinamentos aos empregados do empreendimento no sentido de melhorar a qualificação do funcionário? Este treinamento é oferecido em conjunto com outras empresa ou é uma iniciativa individual?
5. As instituições públicas e/ou privadas realizam treinamento junto aos colaboradores de sua empresa?

6. Quais os fatores determinantes para manter a capacidade competitiva do empreendimento?
7. Em sua opinião, de que maneira o Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo de Santa Teresa contribui para a melhoria da qualidade de vida, a geração de renda e a da exclusão social na promoção do desenvolvimento local?
8. Quais as ações direcionadas para a melhoria da infra-estrutura básica que qualificam o desenvolvimento local de Santa Teresa?
9. Os diversos atores que atuam no Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo de Santa Teresa (públicos ou privados) investem na comunidade local? De que forma?
10. Quais as principais vantagens de sua empresa estar localizada no Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo de Santa Teresa?
11. O Senhor participa Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo de Santa Teresa? Com que freqüência? Como se dá essa participação? Como é o diálogo entre os participantes?
12. Qual a freqüência dos encontros do Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo de Santa Teresa?
13. Quais aspectos são discutidos nas reuniões? Infra-estrutura? Capacitação? Negócios com fornecedores? Negócios com o poder público? Melhorias na localidade? De que tipo? Outras ações?
14. Para o Senhor existe cooperação entre os participantes do Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo de Santa Teresa? Em caso afirmativo, como pode ser exemplificada? Em caso negativo, quais os obstáculos para sua realização?
15. Qual a participação de representantes das comunidades locais no Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo de Santa Teresa?
16. Quais as conseqüências decorrentes atuação de sua empresa no local?

APÊNDICE 4

MODELO 2 ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURA - ASSOCIAÇÃO

Esta é uma pesquisa acadêmica e tem por finalidade coletar dados referentes ao Aglomerado de Empresas Produtivas de Turismo de Santa Teresa – RJ e a possibilidade de gerar desenvolvimento local. Sua realização está ligada ao Programa de Mestrado da Universidade do Grande Rio – UNIGRANRIO, por meio do pesquisador Mestrando Mancildo Moreira Filho.

Nome do entrevistado: _____

Data da entrevista:...../...../08.

Início da entrevista:... h.....min..... Término da entrevista:...h....min.

Sexo do entrevistado: _____

Idade do entrevistado: _____

Profissão do entrevistado: _____

Escolaridade: _____

1. Como surgiu a ASSOCIAÇÃO?
2. Quem são os atores envolvidos na ASSOCIAÇÃO?
3. Que papéis estes atores desenvolvem na ASSOCIAÇÃO?
4. A curto prazo, quais são os principais objetivos da Associação?
5. Em sua opinião quais as estratégias utilizadas para alcançar estes objetivos?
6. Em sua opinião quais as principais potencialidades de Santa Teresa e os seus maiores problemas?
7. Existe diálogo entre as entidades (EMPRESAS DO AGLORMERADO, PREFEITURA, SEBRAE) e os moradores? Em que aspectos? O que é discutido, negociado? Em caso negativo, por quê?
8. A população se une e se empenha na tentativa de minimizar os problemas existentes no Bairro?
9. Em sua opinião quais os obstáculos encontrados pela Associação quanto à implementação de projetos que buscam o desenvolvimento de Santa Teresa?
10. Você conhece o Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo de Santa Teresa?

11. Os diversos atores que atuam no Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo de Santa Teresa (públicos ou privados) investem na comunidade local? De que forma?
12. Como a Associação avalia o trabalho desempenhado pelos vários atores que compõem o Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo de Santa Teresa?
13. Em sua opinião, de que maneira o APL Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo de Santa Teresa contribui para a melhoria da qualidade de vida, a geração de renda e diminuindo a exclusão social na promoção do desenvolvimento local?
14. Em sua opinião quais as conseqüências decorrentes desta atuação no local?
15. Em sua opinião qual a importância do Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo de Santa Teresa para Santa Teresa e para a Associação?
16. A Associação participa do Aglomerado Produtivo de Empresas de Turismo de Santa Teresa? De que forma?

APÊNDICE 5

MODELO 3 ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA MORADORES DE SANTA TERESA

Esta é uma pesquisa acadêmica e tem por finalidade coletar dados referentes ao Aglomerado de Empresas Produtivas de Turismo de Santa Teresa – RJ e a possibilidade de gerar desenvolvimento local. Sua realização está ligada ao Programa de Mestrado da Universidade do Grande Rio – UNIGRANRIO, por meio do pesquisador Mestrando Mancildo Moreira Filho.

Nome do entrevistado:

Data da entrevista:.

Início da entrevista: h Término da entrevista: h

Sexo do entrevistado:

Idade do entrevistado:

Profissão do entrevistado:

Escolaridade:

1. Há quanto tempo você mora em Santa Teresa?
2. Você trabalha em Santa Teresa? Em caso positivo, em que?
3. Em sua opinião quais as principais potencialidades de Santa Teresa?
4. E os maiores problemas de Santa Teresa?
5. Você conhece o Aglomerado de Empresas Produtivas de Turismo de Santa Teresa?
6. Em caso positivo, como você avalia o trabalho desempenhado pelos vários integrantes que compõem o Aglomerado de Empresas de Turismo de Santa Teresa?
7. Na sua percepção existe diálogo entre as entidades (empresas, governo,

associações) que compõem o Aglomerado de Empresas Produtivas de Turismo de Santa Teresa e os moradores do bairro?

8. Em caso positivo, em que aspectos? O que é discutido e/ou negociado? Em caso negativo, por quê?

9. A população se une e se empenha na tentativa de minimizar os problemas existentes no Bairro? De que forma?

10. Na sua percepção o que é desenvolvimento?

11. Na sua percepção, o Aglomerado de Empresas Produtivas de Turismo de Santa Teresa contribui para o desenvolvimento local do bairro? De que forma?

12. Em sua opinião quais os obstáculos encontrados pelos moradores quanto à implementação de projetos que buscam o desenvolvimento de Santa Teresa?

13. Em sua opinião qual a atuação do Aglomerado de Empresas Produtivas de Turismo de Santa Teresa?

ANEXO

ANEXO A - DECRETO Nº 26.199, de 27 de janeiro de 2006.

CRIA O PÓLO GASTRONÔMICO, CULTURAL E TURÍSTICO DA SANTA TERESA E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

O PREFEITO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, no uso das suas atribuições legais e,

CONSIDERANDO a concentração de bares e restaurantes existentes nos trechos delimitados pela linha do bonde de Santa Teresa, bem preservado que contribui significativamente para a unidade do bairro, assim como pelos principais centros de cultura e circulação turística, ou seja, nas ruas Joaquim Murtinho, Almirante Alexandrino, Pascoal Carlos Magno, Monte Alegre, Oriente, Progresso, Dias de Barros, Murtinho Nobre, Ladeira do Castro, Áurea, Aprazível, Felício dos Santos, Ladeira dos Meirelles, Carlos Brant, Constante Jardim, Aarão Reis, nos largos do Curvelo, dos Guimarães, das Neves e do França e nos mirantes Dois Irmãos, Rato Molhado e dos Bombeiros;

CONSIDERANDO a oportunidade de criação de um pólo gastronômico no local, incentivando o comércio, o lazer, as artes e o turismo na região;

CONSIDERANDO o interesse da Prefeitura em promover e manter ações articuladas com organizações da sociedade civil de uma determinada região capaz de, através de parcerias, otimizar os investimentos públicos e acelerar o ritmo dos melhoramentos e da qualificação destas regiões, DECRETA:

Art. 1º - Fica criado o Pólo Gastronômico, Cultural e Turístico de Santa Teresa, compreendendo a área formada pelos seguintes trechos: partindo da estação de bondes da Carioca, subindo pela Rua Joaquim Murtinho, em direção ao Largo do Curvelo e ruas no entorno (Dias de Barros e Murtinho Nobre), seguindo pela Rua Almirante Alexandrino até o Largo dos Guimarães e ruas no entorno (Carlos Brant, Ladeira do Castro, Ladeira dos Meirelles, Triunfo), onde se encontra um polígono formado pelas ruas Aprazível, Aarão Reis, Paschoal Carlos Magno e Almirante Alexandrino (que compreende ainda as ruas Monte Alegre, Áurea, Laurinda Santos Lobo, Teresina, Felício dos Santos e Constante Jardim), de onde se segue em direção ao Largo do França e, por fim, às Paineiras.

Art. 2º - A Prefeitura incentivará a promoção do local, mediante apoio dos órgãos envolvidos, visando a preservar:

I - o livre trânsito de veículos e transeuntes;

II - o ordenamento público;

III - a harmonia estética;

IV - a sinalização indicativa dos estabelecimentos participantes; e

V - a repressão ao comércio ambulante irregular.

Art. 3º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Rio de Janeiro, 27 de janeiro de 2006 - 441º de Fundação da Cidade

CESAR MAIA

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)